U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

Casa Fragmentada

Ensaio para uma vida coletiva alternativa

Rodrigo José Amaro Pereira

M

2022

CASA FRAGMENTADA

ensaio para uma vida coletiva alternativa

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Orientação: Prof. Doutor Luís Sebastião da Costa Viegas
Rodrigo José Amaro Pereira
FAUP 2022

À minha família, em especial aos meus pais, por todo o apoio, compreensão e amor, sem eles nada disto seria possível.

À Juliana, que me inspira a ser uma pessoa melhor.

À Alice, companheiro de viagem. Que esta mal tenha começado.

Ao António, à Joana, à Mónica e às doces Tangerinas pelo companheirismo, apoio e amizade.

Ao Professor Luís Viegas, pelo acompanhamento, motivação e dedicação.

O meu obrigado.

RESUMO

Em arquitetura, trabalha-se sobre produtos da adaptação do espaço ao Homem, criados por ele mesmo, pelo que ao mesmo tempo corresponde a um resultado e um reflexo da sua relação com o mundo que o rodeia. Deste modo, o espaço doméstico não é um produto inventado do zero e acabado, mas antes o resultado do acumular de experiências, que a humanidade vai colecionando e aprimorando, desde os seus primórdios (quando ainda se abrigava nas cavernas) até aos dias de hoje. Compreender o Homem, nas suas várias dimensões, o seu espírito e vontades, o meio em que vive e a sociedade em que se insere, torna-se essencial para criar espaços habitacionais que melhor sirvam o seu estilo de vida e necessidades.

Vivemos, hoje, tempos de grande instabilidade e incerteza. A realidade da sociedade, diversa e em constante transformação, associado ao crescente peso que o espaço virtual tem ganho nas nossas vidas, vem criando novos estilos de vida com novas necessidades, às quais o espaço doméstico tem que dar resposta. Para além disso, vem também alterando o sentido de casa, que é hoje, cada vez menos um reduto autossuficiente e isolado do exterior, e está mais que nunca conectada e dependente do território em que se insere, onde o indivíduo encontra espaços e serviços que a complementam e que o espaço virtual aproxima. Assim, a casa vêm-se fundindo com a cidade numa "paisagem doméstica interminável" que alberga a vida do indivíduo, onde a célula doméstica é apenas mais um espaço, de uma casa composta por fragmentos que se espalham pela cidade.

A presente dissertação pretende compreender estas transformações que foram ocorrendo na sociedade, os novos desafios que estas colocam ao espaço doméstico e que papel tem hoje na vida do Homem. Assim, dirige-se o olhar para a habitação plurifamiliar, para a forma como pensamos e habitamos estes edifícios, acreditando que neles existem fragilidades que podem ser superadas, mas também potencialidades que podem ser exploradas e que podem vir a ser importantes face aos desafios que o presente, mas também o futuro apresenta. Deste modo, olha-se para diversas abordagens alternativas ao pensamento destas estruturas e dos espaços que a compõem, com as quais se pode aprender a explorar as potencialidades de viver em edifícios de habitação plurifamiliar.

ABSTRACT

In architecture, we work on the products of the adaptation of space to Man, created by himself, which at the same time corresponds to a result and a reflection of his relationship with the world around him. In this way, domestic space is not a product invented from scratch and finished, but rather the result of the accumulation of experiences that humanity has been collecting and improving, from its beginnings (when they still sheltered in caves) to the present day. Understanding Man, in his various dimensions, his spirit and desires, the environment and the society in which he lives, becomes essential to create living spaces that best suit his lifestyle and needs.

Today we live in times of instability and uncertainty. The reality of society, diverse and constantly changing, associated with the growing weight that virtual space has gained in our lives, has been creating new lifestyles with new needs, to which the domestic space has to respond. In addition to this, it is also changing the sense of home, which today is less and less a self-sufficient and isolated redoubt from the outside, and is more connected than ever and dependent on the territory in which it is inserted, where the individual finds spaces and services that complement it and which the virtual space brings closer. Thus, the house has been merging with the city in an "endless domestic landscape" which houses the individual's life, where the domestic cell is just one more space, of a house composed by fragments which are spread throughout the city.

The present dissertation aims to understand these transformations that have been occurring in society, the new challenges these pose to the domestic space and what role it plays today in the life of Man. Thus, the focus is on collective housing, on the way we think and live these buildings, believing that there are weaknesses that can be overcome, but also potentialities that can be explored and that may become important in face of the challenges that the present, but also the future presents. In this way, we look at several alternative approaches to thinking about these structures and the spaces that compose them, with which we can learn to explore the potentialities of living in collective housing buildings.

ÍNDICE

Introdução 10

PARTE I MÓBIL

Utopia 16
Habitar 20
Casa 22

PARTE II CIRCUNSTÂNCIA

Contextualização 28
A condição da produção de habitação 32
Que habitante *standard*? 40
Novo espaço 46
A casa e o trabalho 52
A vida em comunidade 56

PARTE III HIPÓTESE

Cohousing 62
Coabitar o edifício 74
Coabitar a célula 82

Considerações Finais 90

Referências 94
Índice de Imagens 97

INTRODUÇÃO

OBJETIVOS

A palavra "Casa" remete-nos para uma multiplicidade de sentidos, tanto através das suas definições, como conotações. A definição mais genérica de "casa" seria uma construção destinada a uma unidade de habitação, contudo não se esgota aí, pois pode definir-se também por todo o conjunto de atividades essenciais à vida humana que alberga, bem como pela significação e simbologia que representa para o homem. Desse ponto de vista, como Gaston Bachelard aponta em "A Poética do Espaço", a casa representa a ordem sobre o caos do universo, a domesticação do selvagem, um abrigo à sua escala para servir as suas necessidades. A casa foi, por isso, sendo sempre um reflexo das sociedades a que se destinava, dos seus estilos de vida, necessidades e até valores, alterando as suas formas, funções e tipologias, de acordo com os mesmos.

Nos últimos tempos têm-se verificado transformações estruturantes nas sociedades e no seu funcionamento, desde movimentos sociais de luta pela igualdade, como é a emancipação feminina, a liberdade de orientação sexual e outros que vêm desmontando convenções pre-estabelecidas, como a da família tradicional e os papéis de género, desde sempre implícitos no espaço doméstico, passando pelos fluxos crescentes de migração, que tornam a população cada vez mais diversa, ampliando o espectro das necessidades do "habitante standard", aos desafios colocados pela crise ecológica.

Hoje, o agregado habitacional não é sinónimo de agregado familiar, fruto de condicionantes económicas, sociais e tecnológicas produziram-se novos modos de convivência dentro do espaço doméstico, o qual deixa de ser exclusivamente palco para uma vida partilhada, para assumir em alguns casos o papel de palco partilhado por várias vidas que, inevitavelmente, se traduz em necessidades e dinâmicas distintas das que vinha a responder. Para além disso, do ponto de vista da vida em comunidade, parece acentuar-se um anonimato entre aqueles que partilham a mesma estrutura em que vivem: os edifícios de habitação plurifamiliar. A evolução do espaço doméstico tem vindo a ser marcada por um processo de individualização e de interiorização de atividades que historicamente eram de carácter comunitário, como era o exemplo do tratamento da roupa, que antes era motivo de reunião

e criação de laços entre as pessoas, e que passou para o interior da casa para um pequeno e deprimente compartimento. Este acumular de funções do espaço doméstico, conduziu a uma redução da dependência com a estrutura em que está inserido, fechando-se cada vez mais em si mesmo e sem que se explore totalmente as possibilidades e vantagens que a partilha do mesmo edifício pode gerar. Os espaços de utilização comum veem-se reduzidos às funções de acessibilidade, sem um tratamento espacial que promova a permanência e a sua utilização: estes não dão espaço aos encontros e convivência entre os habitantes, pondo em causa o seu papel fundamental na criação de laços e relações de vizinhança e comunidade.

Um outro fator, talvez o que maior impacto tem tido nestas transformações ocorridas nas sociedades é a frenética evolução tecnológica. Esta originou uma forma de viver o tempo e o espaço diferente do passado, que inevitavelmente tem repercussões na vivência do espaço doméstico. O aparecimento do espaço virtual, que se libertou dos constrangimentos do espaço físico, diluiu a distância e o tempo e conferiu uma espécie de omnipresença a quem o utiliza: a proximidade já não está dependente do fator distância. Hoje a divulgação de informação e o acesso à mesma é quase instantâneo, independentemente da proximidade à sua origem contribuindo para uma sociedade cada vez mais global, que não só tem impacto na forma como o indivíduo percepciona o mundo, como também vem alterar a forma como este interage com o outro, criando um novo espaço social desprovido de forma física e que entra no espaço doméstico.

Desta forma, o espaço virtual, onde o indivíduo vive altamente conectado, altera a noção de domesticidade, de intimidade e publicidade, esbatendo a separação entre o que é do domínio do público e do privado. Atividades que antes tomavam lugar no espaço público entraram no seio do espaço doméstico através desse novo espaço, um exemplo disso entre outros que ao longo da dissertação serão abordados, é retorno do trabalho produtivo para o interior do espaço doméstico. Este toma muitas vezes lugar no interior do espaço doméstico em forma de oficina ou teletrabalho, e coloca-nos a questão sobre de que forma se relacionará com ele, já que inverte a dinâmica da casa, que deixa de ser inteiramente do domínio do privado e do íntimo, para ganhar uma componente pública de abertura para o exterior.

Ao mesmo tempo, uma série de fatores sociais e económicos e os estilos de vida por eles criados, vêm fazendo dos espaços e serviços da cidade autênticas extensões da casa, que a complementam, tendência acentuada pelas tecnologias que os aproximaram mais do que nunca. Desta forma, poder-se-á dizer que o sentido de casa ultrapassa, hoje, os seus limites físicos. Esta fundiu-se com a cidade numa entidade que alberga a vida do indivíduo, em que uma é o prolongamento da outra, fazendo da célula doméstica apenas mais um espaço, o mais íntimo, de uma casa composta por fragmentos dispersos pela cidade, que é coabitada pelos vários indivíduos que a partilham, seja por economia de tempo, trabalho ou dinheiro. Estas transformações, impõem ao espaço doméstico novos desafios: um novo papel na

vida do indivíduo, em que mais do que um abrigo e lugar de recolhimento, este torna-se um lugar a partir do qual atua sobre o exterior, resultando numa utilização mais intensa, que concilia atividades clássicas da domesticidade com atividades de carácter público, mas também a necessidade de se pensar em espaços habitacionais mais flexíveis e adaptáveis à diversidade de estilos de vida e modos de utilização do espaço que marcam a sociedade presente, bem como a capacidade deste se reprogramarem ao longo do tempo consoante a evolução das necessidades dos seus vários utilizadores.

Neste contexto de novidade constante, os ritmos e velocidades da vida alteraram-se e deram origem a novos estilos de vida com novos valores e necessidades, que devem ser refletidas a fim de dar uma resposta coerente na produção de habitação para estas sociedades. Assim, ao longo desta dissertação, procura-se compreender e refletir sobre os desafios que enfrenta, hoje, o espaço doméstico, e de que forma é que este se pode adaptar aos estilos de vida e necessidades das sociedades presentes.

OBJETO

"*O que é a cidade? O que é viver na cidade?*
A cidade será, provavelmente, o modo mais solidário que o homem inventou enquanto formalização da possibilidade do viver coletivo.
Viver numa cidade é uma forma sofisticada de trocarmos o produto do nosso esforço individual, dividindo tarefas, conjugando empenho, encostando as casas lado a lado ou sobrepondo-as (e, simbolicamente, partilhando mesmas paredes e as mesmas lajes)." [1]

Este modo solidário que pode ser a vida na cidade, enaltecido por Manuel Graça Dias no livro "Manual das Cidades", parece incapaz de se transpor para a escala mais pequena representada pelos edifícios de habitação que a compõem. Estes edifícios de habitação plurifamiliar "atuam" como agrupamentos de células independentes numa mesma estrutura, que de comum apenas têm o espaço de garagem e dos acessos, não explorando todo o potencial que este modelo pode oferecer.

Assim, procuram-se formas alternativas de pensar estes edificios, tanto ao nível da célula doméstica, dos espaços que a compõem e das suas dinâmicas internas, ao nível da estrutura, na forma como põem em relação as várias células que agrega através dos espaços de comuns, mas também da relação que estes estabelecem com o entorno em que se inserem. Dessa forma, olha-se para diversos casos de estudo, entre eles, o *cohousing*, como hipóteses que trazem visões diferentes do que pode ser a vida nestas estruturas.

A presente dissertação assume um papel laboratorial sobre o modo como pensamos e vivemos os edifícios de habitação plurifamiliar, que procura encontrar caminhos alternativos que possam responder às necessidades e estilos de vida da sociedade presente.

---

[1] Dias, M. G. (2006). *Manual das Cidades*. Lisboa, Relógio D'Água, p 109.

METODOLOGIA

A dissertação está dividida em três partes: a primeira, "Móbil", pretende estabelecer a base do problema: o homem e o seu habitat, a segunda, "Circunstância", pretende recolher os dados do problema, por fim, a terceira, intitulada "Hipótese", com base nas duas anteriores procura ensaiar uma alternativa.

A primeira, como o próprio nome indica é a força motivadora da dissertação, nela procura-se compreender o sentido de Habitar e de Casa, nas suas várias dimensões, explorando a relação entre o homem e o espaço que ele habita. As transformações do espaço doméstico vem acompanhando desde muito cedo a evolução do homem e das sociedades, conferindo à casa um valor quase arqueológico, que vai conservando em si dados sobre a sociedade que a concebeu: o seu funcionamento, valores, estilos de vida e necessidades. Assim a arquitetura detém um caráter identitário em relação à sociedade que a constrói e ao seu tempo, funcionando como um museu da humanidade. Contudo, ao mesmo tempo que é um reflexo, é também, segundo Edward T. Hall em "A Dimensão Oculta", um agente que molda o comportamento humano, sendo por isso essencial compreender que as formas que damos à casa, influenciam o habitante a um nível mais profundo do que apenas o da vivência que este lhe dá. Esta primeira parte serve então para construir um entendimento sobre a importância do habitat na existência humana, tanto como objeto que a alberga, como legado que esta deixa para as gerações futuras.

Na segunda parte, procura-se responder às questões: o que está a mudar? E como está a mudar? Desta forma, são abordados diversos temas estreitamente relacionados com o espaço doméstico, seja nas condições da sua produção, seja na forma como é utilizado, ou por quem é utilizado. Assim, procura-se compreender os desafios que a sociedade coloca ao espaço doméstico, os seus estilos de vida e as suas necessidades, bem como a relação que esta estabelece com o seu habitat.

Na terceira e última parte, como o próprio título indica, apresenta uma hipótese, em resposta aos dados recolhidos nas partes anteriores. Num primeiro momento introduz-se o conceito de *cohousing*, definindo-o e procurando esclarecer as origens da ideia da coabitação e o seu processo evolutivo. Num segundo momento, procura-se compreender a forma como a coabitação, de certo modo, já está presente no nosso cotidiano, ainda que a uma escala mais alargada (da cidade), e as possibilidades que, transpor esse modo de vida da cidade para o interior dos edifícios de habitação plurifamiliar, traria para a vida no edifício. A implementação de espaços e serviços comuns que complementam as células privadas, conferem a estas uma nova condição, a casa seria assim, a soma da célula com os espaços dispersos pelo edifício: a casa fragmentada. Esta condição abre portas a pensar o interior da própria célula, já que descomprometida com determinadas funções, flexibiliza-se a sua organização e podem ser adotadas diversas estratégias que tornem os espaços domésticos mais adaptados à condição atual da sociedade.

Assim, no final da presente dissertação, pretende-se chegar a apenas uma hipótese daquilo que pode ser um espaço doméstico que responda de forma coerente com os estilos de vida e necessidades da sociedade a que se dirige.

PARTE I

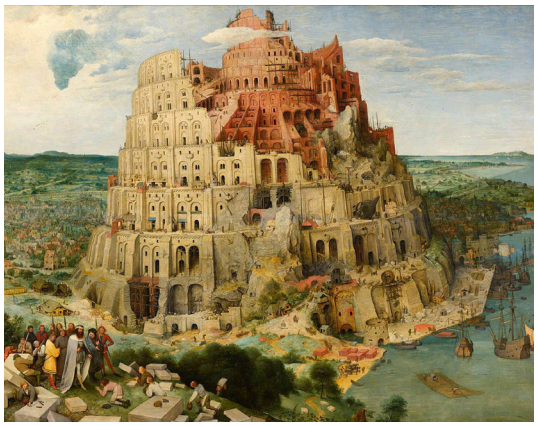
MÓBIL

UTOPIA

O DESEJO QUE MOVE

O termo utopia é geralmente conectado a um cenário idílico, fantasioso, inalcançável: um ecossistema perfeito. Não que isso esteja de todo incorreto, mas trata-se de uma descrição demasiado restritiva daquilo que realmente uma utopia é, ou pode ser.

Lewis Mumford tem uma visão menos literária das utopias. O autor explica que o homem vive em dois mundos em simultâneo: o exterior e o interior. O primeiro trata-se do mundo físico, palpável, o cenário onde a aventura da humanidade se vai desenrolando. Como a própria designação indica, o mundo é exterior ao homem – que está nele – e rege-se pelas suas próprias regras, sendo que o homem não o pode controlar, mas pode transformá-lo de forma a ficar mais tolerável. O segundo, o mundo interior ou mundo das ideias, é onde cabem todas as "*filosofias, fantasias, racionalizações, projeções, imagens e opiniões*"[2] que modelam o comportamento humano e para o autor este pode ser tão concreto como o primeiro. Para Mumford, uma ideia apresenta-se como um facto sólido, enquanto as pessoas regularem o seu comportamento por ela, dando o exemplo de que a crença de que o mundo era plano suplantou, em tempos, o facto de o mundo ser redondo e "*impediu os marinheiros medievais de investir pelo mar dentro com tanta eficácia como uma barreira canhoneira…*"[3].



1. A Torre de Babel, 1563, de Pieter Bruegel, o velho.

A pintura retrata o mito da Torre de Babel, movidos pela ambição de alcançar os Deuses, os homens lançaram-se na construção de uma torre que permitisse chegar até eles.

[2] Mumford, L. (2007), *História das utopias.* Lisboa, Antígona, p 21.
[3] Mumford, L. (2007), *Ibidem*, p 22.

Mas, se o autor classifica o mundo exterior de limitado e inescapável – sendo que o escape dele se encontra no fim da vida, "*Para o bem e para o mal, temos de respirar, comer e beber, e as consequências da recusa destas condições são inexoráveis.*" [4], no mundo interior o Homem encontrou uma forma de compensação: um abrigo onde se pode refugiar das adversidades do mundo exterior. É então, do confronto entre estes dois mundos que surge a utopia, uma construção mental que se forma no mundo interior como uma reação ao mundo exterior, alimentada por desejos e fantasias e motivada por algum tipo de descontentamento ou frustração com este. Lyman Tower Sargent[5] envereda no mesmo caminho e acrescenta que todas elas estão ligadas à ideia de vida boa, já que colocam questões acerca da possibilidade de transformar o mundo exterior a fim de o aproximar ao mundo interior.

Segundo Mumford, as utopias podem ser classificadas em duas categorias, embora ambas reflitam a procura da vida boa, diferem nas posições em relação à sua concretização. Podem assumir-se como utopias de escape, associadas a um raciocínio primitivo dominado pelo desejo e fantasias de felicidade e perfeição. Estas "*procuram uma libertação imediata das dificuldades*"[6] e não obedecem às regras do mundo exterior, já que o objetivo não é serem concretizadas, irão deixar o mundo como ele é. L. T. Sargent dá o exemplo dos mitos clássicos da criação e da Era Dourada. Considerando que estas utopias não teriam qualquer pretensão de tomarem lugar no mundo concreto, tentavam apenas conferir algum sentido de refúgio, um significado, uma explicação da existência. Por oposição, podem assumir-se como utopias de reconstrução, sendo estas, formulações que tentam "*proporcionar condições para uma libertação futura*"[7]. Embora sejam animadas pelos mesmos desejos, estas passam por um processo de racionalização e são configuradas tendo em conta as regras do mundo exterior, já que procuram transformá-lo a fim de o tornar mais aprazível, revelando, assim, um carácter mobilizador. Deste modo, a utopia de reconstrução pode ser entendida como a manifestação do desejo que pretende agir sobre o mundo:

> *"Uma imaginação musculada impede que a realidade diga a última palavra, impede que a realidade defina. Eu tenho ainda algo a dizer. Não é apenas o mundo que fala, eu também falo."* [8]

O MÉTODO UTOPISTA

Este carácter mobilizador reflete-se no próprio método da formulação da utopia em dois aspetos que o tornam especialmente relevante para esta dissertação. Por um lado, revela uma postura reativa: a utopia é uma reação a uma determinada realidade, assumindo-se crítica desta; por outro lado, a sua postura propositiva, procura revelar potencialidades dessa mesma realidade que a possam melhorar.

---

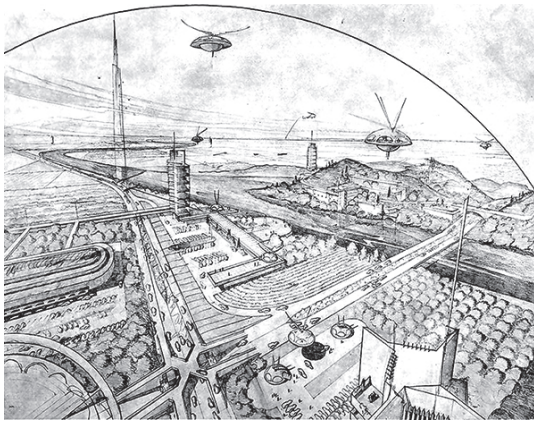
[4] Mumford, L. (2007), *História das utopias*. Lisboa, Antígona, p 22.
[5] Sargent, L. T. (2010), *Utopianism: A Very Short Introduction*. New York, Oxford University Press Inc.
[6] Mumford, L. (2007), *Ibidem*, p 22.
[7] Mumford, L. (2007), *Ibidem*, p 23.
[8] Mumford, L. (2007), *Ibidem*, p 22.

> *"Quase todas as utopias são críticas implícitas da civilização em que se enquadram e representam também uma tentativa de revelar potencialidades ignoradas pelas instituições em vigor ou soterradas debaixo de uma espessa crosta de costumes e tradições."* [9]

Porventura, existirá uma certa dose de ingenuidade na imaginação da utopia. Contudo, Gonçalo M. Tavares argumenta, tratar-se de uma "*imaginação vista não como ignorância ou improviso mas como racionalidade, uma racionalidade livre que constrói para si própria uma lógica, uma metodologia.*"[10], uma imaginação que se liberta das limitações do seu tempo para imaginar um futuro melhor.

Assim, a utopia apoia-se na incessante e decidida caminhada do tempo – que se revela o agente transformador do mundo – para encontrar lugar nalgum futuro que não lhe interessa determinar. O facto de o tempo ter um só sentido e não parar faz da utopia uma direção para onde caminhar e não um destino. Sendo que tê-la como tal, torna-se inverosímil, já que introduz uma ideia de fatalidade: a conceção de um estado de imutabilidade e um sentido de permanência que apenas seria possível se o tempo parasse, e isso só acontece na morte. Talvez seja este entendimento da utopia como um destino, quando ela é apenas uma direção, que leve à desconfiança do homem, que amarrado ao presente pela "*espessa crosta de costumes e tradições*"[11], vê nela a utilidade de uma promessa de um futuro, deveras melhor, mas demasiado longínquo para que se torne realidade no seu tempo de vida, e que acaba por reduzi-la a uma formulação frívola, fantasiosa e quimérica.

Contudo, basta pensar que vivemos no mesmo espaço e na mesma linha temporal de civilizações para as quais os nossos edifícios, munidos de eletricidade, água corrente e robôs (que auxiliam as nossas tarefas diárias), as complexas cidades em que vivemos ou as tecnologias que nos conectam a qualquer ponto do mundo, constituiriam uma autêntica utopia. Foi preciso imaginá-la para a tornar uma possibilidade, "*aquilo em que posso pensar torna-se uma*



2. Broadcare City, 1932, Frank Loyd Wright. O arquiteto imaginou uma nova cidade, mais democrática, que aproveitaria a tecnologia e as comunicações modernas para descentralizar a cidade.

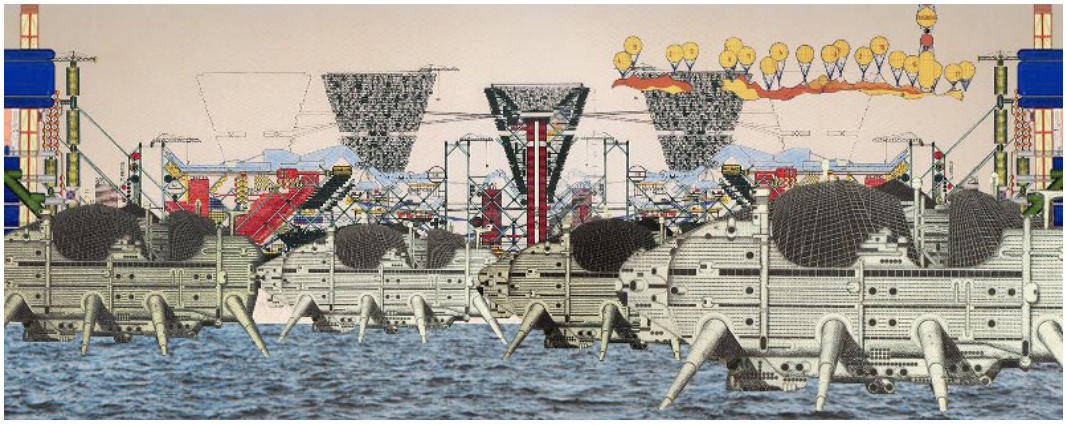
[9] Mumford, L. (2007), *História das utopias*. Lisboa, Antígona, p 10.
[10] Tavares, G. M. (2019), *Atlas do Corpo e da Imaginação: Teoria, Fragmentos e Imagens*. Lisboa, Relógio D'Água Editores, p 397.
[11] Mumford, L. (2007), *Ibidem*, p 10.

possibilidade de verdade"[12]. A sua concretização coube ao tempo e aos homens, que contagiados por ela, trilharam os caminhos da sua realização. Como o escritor francês Anatole France argumentou:

> *"Sem os utopistas de outros tempos, os homens ainda viveriam nas cavernas, miseráveis e nus. Foram os utopistas que delinearam a primeira cidade. (…) De sonhos generosos despontam realidades benéficas. A utopia é o princípio de todo o progresso e o ensaio preparatório para um futuro melhor."* [13]

Assim a utopia assume uma importância vital para a humanidade, pois mais do que cenários fantasiosos, são ensaios para o seu futuro. Adotando o repto de Peter Sloterdijk, de que "*todo o movimento do mundo deve passar a ser a realização do plano que nós temos dele*"[14], é necessário que o homem continue a imaginar possibilidades e ensaiar alternativas, que o contagiem e mobilizem, e que lhe deem uma direção para construir um futuro melhor, no qual as potencialidades da sua realidade tomem o lugar das fragilidades.

Este é o ponto de partida da presente dissertação. Esta encontra na utopia, tanto pelo olhar crítico à realidade que a rodeia, como pela imaginação "livre" que ensaia alternativas, o seu mote, e dirigi-o para a habitação plurifamiliar: para a forma como pensamos e habitamos estes edifícios, acreditando que neles existem fragilidades que podem ser superadas, mas também potencialidades que podem ser exploradas e que podem vir a ser importantes face aos desafios que o futuro apresenta. Partindo desta premissa, propõe-se a ensaiar formas alternativas de construir e habitar essas estruturas partilhadas, em que, mais do que uma resposta, se procura um caminho a seguir.



3. The Walking City, 1964, Ron Herron.

[12] Tavares, G. M. (2019), *Atlas do Corpo e da Imaginação: Teoria, Fragmentos e Imagens*. Lisboa, Relógio D'Água Editores, p 397.
[13] Anatole France cit. em Mumford, L. (2007), *História das utopias*. Lisboa, Antígona, p 28.
[14] Peter Sloterdijk cit. em Tavares, G. M. (2019), *Atlas do Corpo e da Imaginação: Teoria, Fragmentos e Imagens*. Lisboa, Relógio D'Água Editores, p 107.

HABITAR

O sentido do habitar vai para além do conjunto de atividades que acontecem dentro das quatro paredes de uma habitação, mais do que a dimensão prática sobrepõe-se ao termo uma dimensão metafísica. Heidegger fala do habitar no sentido de ser homem, criatura mortal na terra[15], englobando assim todo o conjunto de ações, mas também de relações, que envolvem o modo como o indivíduo se relaciona com o cosmos, com o mundo à sua volta e consigo mesmo.

COSMOS

Juhani Pallasmaa considera que há no ato de habitar uma procura por parte do indivíduo de estabelecer o seu lugar no cosmos, tanto no espaço como no tempo, os quais procura controlar e domesticar: reduzi-los à escala humana de forma a tornar a infinitude compreensível e tolerável. O autor constata a necessidade do indivíduo estabelecer referências, quer espaciais, quer temporais:

> *"Somos incapazes de viver no caos espacial, mas tão pouco podemos viver fora do curso do tempo e da duração. Ambas as dimensões precisam de estar articuladas e dotadas de significados específicos. (...)* [É por isso que] *as cidades e edifícios antigos são acolhedores e estimulantes, pois localizam-nos no continuum do tempo"* [16]





4. Os edifícios como registos de diferentes tempos.

5. A casa constitui uma referência na vastidão do espaço.

[15] Lleó, B. (1998). *Sueño de habitar* : pref. Beatriz Colomina. Barcelona, Caja de Arquitectos, p 38.
[16] Pallasmaa, J. (2016). *Habitar*. Barcelona, Gustavo Gili, p 9.

Neste sentido, as construções e edifícios desempenham um papel importante de mediação entre o indivíduo e o cosmos, servindo de referência, espacial e temporal, através da qual ele compreende e se localiza na infinitude. Por um lado, estes servem de escala espacial (im. 5), na qual o indivíduo se referencia, não só para compreender e organizar o espaço que o rodeia, como também para se localizar nele. Por outro lado, serve também de escala temporal (im.4), na medida em que ao conservarem em si marcas do tempo em que foram construídas, as construções e edifícios materializam o tempo e vão pautando a sua passagem, conferindo-lhe uma dimensão concreta e tátil, que ele possa compreender e relacionar-se.

MUNDO

A relação entre o indivíduo e o mundo que o rodeia, segundo o autor, faz-se fundamentalmente através de dois processos: um intercâmbio e uma extensão. Por um lado, o habitante situa-se no espaço e este situa-se na consciência dele, por outro, o espaço, converte-se numa exteriorização e extensão do seu ser, tanto do ponto de vista físico como mental, que ele carrega de significados que o ajudam à compreensão do mundo.

INDIVÍDUO

Contudo, habitar é também a relação que o indivíduo estabelece consigo próprio. Trata-se da forma como ordena o mundo à sua volta, através de uma apropriação que define o que está dentro e o que está fora[17], atribui-lhe finalidades e significados. No fundo, organiza os seus movimentos e ações. Colocar uma cama num determinado espaço é dizer *aqui é o lugar onde vou dormir.* Contudo, nem sempre essa apropriação acontece deste modo tão direto e ativo, existe uma forma de apropriação passiva, que acontece de forma quase inconsciente, na qual o indivíduo converte o espaço num arquivo, onde deposita as memórias e imagens que coleciona ao longo da sua vida, os seus medos e receios, os seus rituais e rotinas, o passado e o presente:

> *"O próprio ato de habitar é um ato simbólico e, impercetivelmente, organiza todo o mundo para o habitante. Mais do que as nossas necessidades físicas e corporais, também organiza e habita as nossas mentes, recordações, sonhos e desejos. Habitar forma parte da própria essência do nosso ser e da nossa identidade."* [18]

Assim, habitar ultrapassa as paredes da habitação, habitamos as cidades, o mundo e nós próprios. Em forma de síntese retoma-se a perspetiva de Heidegger, para quem habitar e existir confluem numa e mesma coisa, "*Ser Homem significa: estar na terra como mortal, significa: habitar.*"[19]

---

[17] "*Separadas como coisas separadas pelo sim e pelo não estão as coisas que existem no interior e no exterior. (...) dizer dentro ou fora é dizer sim ou não. Sim ou não são pois, palavras que exprimem indiretamente medidas, distâncias. O Sim aproxima, diminui a distância, diz que estamos perto; o Não afasta, determina uma distância maior.*" em Tavares, G. M. (2019). *Atlas do Corpo e da Imaginação: Teoria, Fragmentos e Imagens*. Lisboa, Relógio D'Água Editores, p 30.

[18] Pallasmaa, J. (2016). *Habitar*. Barcelona, Gustavo Gili, p 8.

[19] Martin Heidegger cit. em Lleó, B. (1998). *Sueño de habitar* : pref. Beatriz Colomina. Barcelona, Caja de Arquitectos, p 85.

CASA

"Se o homem como animal se refugiou nas cavernas, e como ser racional construiu a cabana, o homem como ser culto, criador, concebeu a casa como morada para habitar. E é neste ponto que nos encontramos." [20]

Casa é uma palavra de uma multiplicidade, tanto nas suas definições como conotações, o dicionário da Língua Portuguesa regista vinte e uma entradas para definir este termo. Contudo, a esta dissertação interessam duas em particular, as que se relacionam intimamente com o sentido de domicílio: tanto pode ser uma alusão a uma unidade de habitação (um objeto construído que serve de abrigo e refúgio das condições adversas do exterior, onde o indivíduo exerce um conjunto de atividades essenciais à vida), como pode referir-se a um sentimento de pertença, de lugar. A linguagem ilustra este sentido de pertença nos diálogos mais casuais do cotidiano, perguntar *onde vives?* é perguntar *onde acontece a tua vida?* ou *qual é o lugar no mundo que podes chamar de teu?*

Assim, é possível encontrar duas dimensões no termo casa – uma física e uma psicológica – que, embora distintas, estão profundamente interligadas, sendo o indivíduo, enquanto habitante, o elo que as une, pois é da vivência da primeira que se forma a segunda. Contudo, para perceber esta relação, é fundamental perceber as duas dimensões em si próprias.



6. What is a House?, Charles Eames.

[20] Baeza, Alberto Campo. (2005) *A tua casa, o teu museu, o teu mausoléu. A minha casa, nem museu, nem mausoléu.* Revista Arquitectura Ibérica 10, p 46.

CASA-ABRIGO

Na sua dimensão física, casa é uma construção que abriga o habitante, esta corresponde a um invólucro, um contentor da vida. Enquanto objeto construído, esta existe em si mesma, tem qualidades formais e quantificáveis, contudo será um espaço anónimo enquanto não for habitada. Por ser do domínio físico e material, está sujeita a uma série de condicionantes - físicas, sociais, técnicas e funcionais – pelo que desatender a alguma delas pode afetar o bem-estar do habitante ou até mesmo pôr em causa a sua própria utilização.

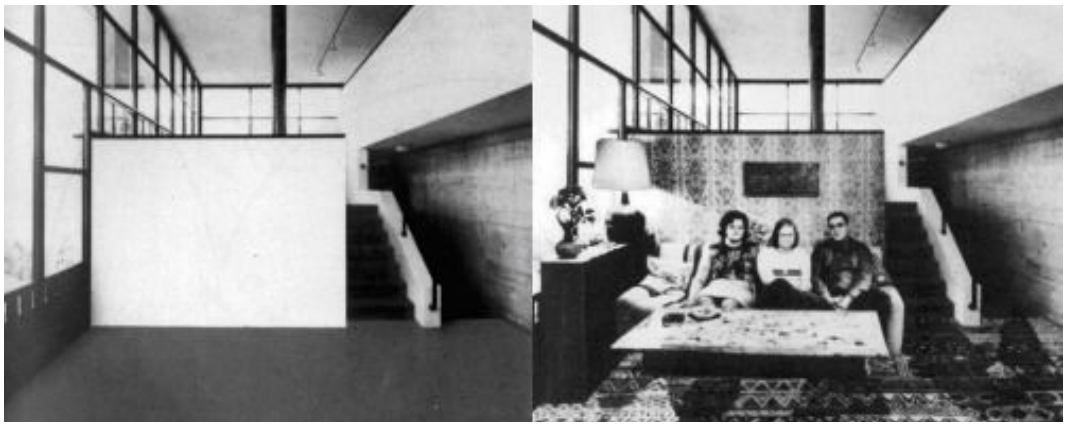
CASA-LUGAR

Já na sua dimensão psicológica, ao contrário da anterior, a casa não tem nenhuma qualidade palpável, é um conceito fugidio, um valor abstrato que se vai formando gradualmente através da vivência do habitante, que converte o espaço anónimo, num lugar repleto de significados, o poeta Al Berto escreveu "*A casa é um compartimento do meu corpo, é o quarto escuro onde guardo o esquecimento de tudo*"[21]. Neste sentido, Pallasmaa, por exemplo, define a casa como uma experiência multidimensional bastante difícil de objetivar: "*A casa não é um simples objeto ou um edifício, é um estado difuso e complexo que compreende recordações e imagens, desejos e medos passado e presente.*" [22]

Assim, este sentido de casa, tal como o de habitar, desancora-se das paredes da habitação, é um lugar simbólico que o habitante alberga e transporta para onde quer que vá, sendo uma expressão da sua história, personalidade e dos seus padrões de vida únicos. Existe nela uma dimensão temporal e pressupõe uma continuidade, visto que é um sentimento que não se produz de uma só vez, mas é antes, o resultado do habitar: um produto gradual de adaptação do habitante ao mundo, onde cabem os seus hábitos, rituais e rotinas do dia-a-dia.

A CASA E O HOMEM

Pallasmaa refere que a arquitetura "*articula o encontro entre o mundo e a mente humana*"[23], e é precisamente dessa articulação que resulta o sentimento de casa, de lugar. Assim, as duas dimensões, física e psicológica, não são estanques e contagiam-se mutuamente: a casa, enquanto construção, participa na construção do sentimento de casa, lugar. Esta, estrutura



7. "A casa ocupada", 1990, Fotomontagem converte espaço anónimo num lar

[21] Al Berto. (2013) Diários, Lisboa, Assírio & Alvim, p 33.
[22] Pallasmaa, J. (2016). *Habitar*. Barcelona, Gustavo Gili, p 18.
[23] Pallasmaa, J. (2016). *Ibidem*, p 91.

e ordena o mundo do habitante, definindo o lugar de cada atividade e estimulando hábitos e rotinas, através das dinâmicas e sequências espaciais que oferece. Para além disso, constitui também uma referência espacial e temporal exercendo uma influência bio cultural profunda sobre o habitante. Gaston Bachelard, a este propósito, argumenta que a experiência existêncial do indivíduo vê-se moderada e estruturada pela arquitetura desde os primeiros anos de vida.[24]

Assim, torna-se evidente a influência que os espaços que habitamos - a dimensão física - tem na estruturação do mundo interior do indivíduo - a dimensão psicológica. Ideia reforçada por Edward T. Hall, quando argumenta que o espaço constitui um elemento modelador do comportamento humano:

> "*É essencial compreender que o espaço de carácter fixo constitui o molde que afeiçoa uma boa parte do comportamento humano. Era a esse papel fundamental que Winston Churchill fazia alusão, quando dizia: 'Damos formas às nossas construções, as quais, por sua vez, nos dão forma a nós.'* " [25]

Contudo, existe ainda um aspeto que liga duas dimensões, que é o de identidade. Tanto numa, como noutra, a casa pode ser vista como uma fronteira que separa e faz a mediação entre o mundo interior e o mundo exterior, o que está dentro e o que está fora, no fundo, determina o que é do domínio do *eu* e do domínio do *outro*. Desta forma a casa, participa na formação da identidade do habitante, por um lado, na dimensão psicológica, dá ao habitante uma imagem de si mesmo, ao apresentar-se como uma materialização da sua ordem no mundo e o cenário da sua memória pessoal, que concretiza as sensações de proteção e intimidade. Por outro, na sua dimensão física, detém uma carga simbólica, na medida em que oferece uma representação do habitante ao exterior: uma expressão da sua personalidade, reveladora de sinais de riqueza, do estatuto social, educação ou crenças.



8. Cena do filme "Mon Uncle" de Jacques Tatti, em que a Sra. Arpel apresenta a sua casa repleta de novidades modernas a uma convidada.

[24] Pallasmaa, J. (2016). *Habitar*. Barcelona, Gustavo Gili, p 90.
[25] Hall, E. T. (1986). *A Dimensão Oculta*. Lisboa, Relógio d'Água Editores. Lda., p 125.

É curioso observar a importância que essa representação assume no seio das sociedades atuais, ao ponto de acabar por ser um fator discriminador, como observa Jean Baudrillard: *"O 'habitat' constitui possivelmente uma função inversa da dos outros bens de consumo. Função homogeneizante para uns, função discriminadora para outros, no que respeita ao espaço e à localização"* [26]. Talvez o exemplo mais claro disto seja o dos indivíduos que não têm tem uma habitação, ou os grupos de indivíduos, como são as comunidades nómadas, cujo sentido de casa difere dos parâmetros estabelecidos pela sociedade, e que acabam por ser marginalizados. Aqui a linguagem volta a ser um instrumento útil para identificar este fenómeno: há um distanciamento entre *nós*, que temos casa, e *eles*, os sem-abrigo, que não a têm. Estes tornam-se invisíveis, inoportunos, inaptos a viver *connosco*, como *nós*.

Assim, os espaços que habitamos revelam-se parte da nossa existência, organizam os nossos movimentos, as nossas ações, propõem formas de relacionamento com o mundo que nos é exterior e no sentido oposto, têm influência no modo como o mundo exterior se relaciona connosco, como vimos antes. Contudo, interferem ainda, numa dimensão mais íntima, na relação que estabelecemos connosco, participam na formação da nossa própria identidade. O espaço que habitamos infiltra-se dentro de nós e nós espraiamo-nos nele: este modela a forma como vemos e interagimos com o mundo e nós arquivamos nele pedaços da nossa existência. "*Sou o espaço onde estou*"[27] afirma o poeta Noël Arnaud.

Perante esta relação visceral que existe entre a casa e a existência, torna-se imperativo observar a dinâmica e consequentemente a evolução das duas entidades que a compõe. Perceber que existência propõe cada tempo e qual o papel exigido à casa, conscientes da sua importância e da influência que esta estabelece com a existência. Neste sentido, projetar os espaços que habitamos vai para além da criação de objetos. Projetar uma casa é também projetar a vida que acontece dentro e à volta dela. É projetar solidão, relações, hábitos e rotinas. É projetar alguma existência que desconhecemos e não ambicionamos sequer conhecer, pois vai para além do nosso trabalho enquanto arquitetos. Esses, são os espaços onde alguma existência tomará lugar, e nisso temos a responsabilidade sobre que tipo de espaços queremos oferecer à sociedade, a responsabilidade de projetar espaços com ideais, que não sejam indiferentes às transformações que ocorrem em seu redor, e que deem ao habitante todas as condições para que este possa existir na sua plenitude.

---

[26] Baudrillard, J. (1981). *A sociedade de consumo*. Lisboa, Edições 70, p 62.

[27] Noël Arnaud cit. em Pallasmaa, J. (2016). *Habitar*. Barcelona, Gustavo Gili, p 98.

PARTE II

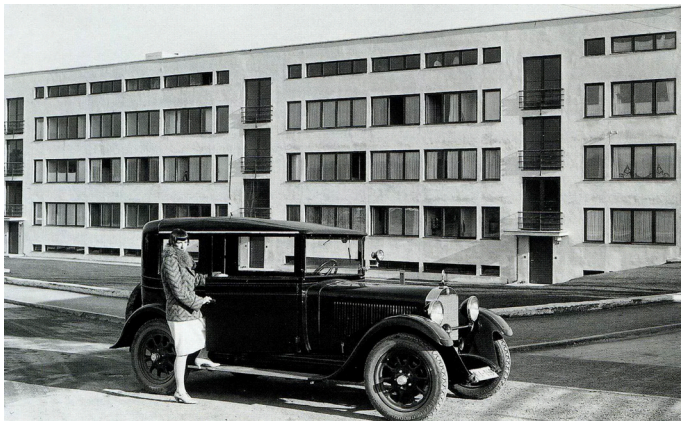
CIRCUNSTÂNCIA

CONTEXTUALIZAÇÃO

UM PERÍODO DE EFERVESCÊNCIA

O projeto moderno teve, no século XX, um espaço privilegiado para a sua concretização. Marcado por uma "*crença no progresso linear, nas verdades absolutas, no planeamento racional de ordens sociais, na padronização do conhecimento e da produção*"[28], este trazia uma visão renovada para a humanidade, que rejeita o dogma − libertando-se das irracionalidades do mito, da religião, superstição e arbitrariedade do poder - e que abraça a razão, vendo a ciência e a técnica como meios que possibilitam o domínio do mundo natural. Assim, através das formas de pensamento racional e da padronização - tanto do conhecimento, como da produção - seria possível libertar a humanidade da escassez, da necessidade e da aleatoriedade das calamidades naturais, e dessa forma atingir a emancipação humana e o enriquecimento da vida diária.

Apesar de alguns autores, terem proclamado o fracasso do projeto moderno é inegável o seu contributo nas conquistas, quer científicas e tecnológicas, quer socias, e em especial no campo de estudo da habitação, "*a casa como célula elementar do espaço doméstico foi o tema crucial da arquitetura do século XX*"[29]. O espírito dos tempos encontrou nas novidades trazidas pelo progresso, o veículo para transmitir a mensagem renovadora da arquitetura moderna: a lógica industrial da produção em série, as novas tecnologias e materiais, eram vistos



9. Weissenhofsiedlung, Stuttgart. Mies van der Rohe, 1927.

[28] Harvey, D. (2008). *Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural.* São Paulo, Edições Loyola, p.19
[29] Lleó, B. (1998). *Sueño de habitar* : pref. Beatriz Colomina. Barcelona, Caja de Arquitectos, p 106.

pelos arquitetos da vanguarda como um novo instrumento à sua disposição para mudar a sociedade, e pela primeira vez, o tema da habitação para as massas trabalhadoras passava a ocupar o centro do pensamento arquitetónico, onde se procurava estabelecer o conforto moderno acessível a todos.

UM PERÍODO DE CONSCIENCIALIZAÇÃO

Contudo, apesar dos feitos extraordinários como a conquista do espaço, a eletrónica ou os processadores de dados, começa a verificar-se um desvanecimento do fascínio das novidades tecnológicas e da promessa moderna de um progresso ilimitado como meio para a felicidade. A ciência e a tecnologia deixaram se ser vistos como instrumentos para uma revolução social, capaz de fazer um mundo melhor, e no sentido contrário mostravam o lado obscuro do progresso com a escalada no armamento militar e as catástrofes ambientais.

Os anos 70, segundo Blanca Lléo, representam a desilusão definitiva. David Harvey, fala de um período "pós-moderno" de reação ao modernismo, que marca "*o fim de um ideal único, neutro e universal, para dar lugar a novos protagonistas*" [30]. Josep M. Montaner e Zaída Muxí veem esta mudança de paradigma da nova sociedade em quatro pontos fundamentais:

Direitos Humanos: após a Segunda Guerra Mundial, organismos internacionais começaram a criar leis sobre direitos humanos fundamentais, entre eles o direito à habitação.

Diversidade: o desenvolvimento dos meios de transporte e das tecnologias de comunicação e informação criaram uma nova premissa de um mundo múltiplo e plural, criando pontes que puseram num contacto estreito culturas de diversas origens, etnias, crenças, mas também o reconhecimento dos vários estágios da vida, com o aumento da esperança media de vida

Sustentabilidade: nova consciência dos limites do crescimento, do consumo e poluição nunca presente nas propostas da modernidade, e de uma crise ecológica cada vez mais urgente que põe as sociedades em confronto consigo mesma, com os seus estilos de vida e hábitos de consumo.

Participação: como forma de garantir um funcionamento democrático e transparente das sociedades.

Zygmunt Bauman define este período como a modernidade líquida, tendo-se iniciado após a Segunda Guerra Mundial, mas que só a partir da década de 60 é que ficou mais percetível, e ao contrário da rigidez da época anterior, esta caracteriza-se pela fragilidade, fugacidade e a maleabilidade das relações sociais, económicas e de produção. Trata-se, no fundo, de uma sociedade baseada na velocidade das mudanças e que acaba por refletir um novo espírito.

[30] Montaner, J. M. and Z. Muxí (2014). *Arquitectura e Política: Ensaios para Mundos Alternativos*. Barcelona, Gustavo Gili, p 17.

Assim, na segunda metade do século XX continua e intensifica-se a escalada nas conquistas sociais, quer na luta pelos direitos laborais, quer com o aparecimento e crescimento de movimentos sociais, como a luta pela igualdade racial e de género, com a da emancipação feminina a ter um forte impacto, ou a liberdade de orientação sexual, que vêm aos poucos desmontando convenções preestabelecidas como a da família tradicional e os papéis de género que sempre estiveram implícitos no espaço doméstico, mas também por uma tomada de consciência dos limites do planeta. É neste contexto que começam a ganhar força movimentos que procuravam estilos de vida alternativos com base na comunidade. Associados aos movimentos sociais acima referidos, estes movimentos tinham também por base uma consciencialização do vazio do consumo massificado, e procuravam a sustentabilidade, quer económica quer ecológica, através da partilha de espaços e serviços, contrariando a tendência individualista moderna, intrinsecamente ligado ao consumo.

UM PERÍODO DE ACELERAÇÃO

O final do século XX foi um período de grande transformação das sociedades: os avanços tecnológicos exponenciais das últimas décadas vinham introduzindo uma aceleração do ritmo de vida, marcado pela rapidez das mudanças sociais, tecnológicas e económicas. Alguns autores falam de uma nova sociedade[31] produzida por uma revolução técnico-científica, só comparável com o impacto da invenção da imprensa ou à primeira revolução industrial. Blanca Lléo caracteriza os novos tempos como um período marcado pela incerteza, rutura, desencanto e recomposição social, que trazem ao indivíduo uma nova ideia de si mesmo, do mundo que o rodeia e do sentido do habitar. Assim, Montaner e Muxí sintetizam as mudanças estruturais da sociedade no final do século XX em seis pontos:

> **Globalização neoliberal**, que proliferou ao longo do século e através de programas de estimulo ao consumo da década de 60, potenciadas pela crescente publicidade, estimulou o aparecimento de uma sociedade de consumo, baseada no consumo desmedido e descartável;





10. Anúncios publicitários de uma das primeiras marcas de copos de plástico.

[31] Várias são as denominações utilizadas: digital, pós-industrial, de informação ou da telemática.

Fortes movimentos migratórios, estes que antes eram maioritariamente do âmbito intracontinental, com o impulso dos avanços tecnológicos, quer nos meios de comunicação e informação, quer nos meios de transporte, transitam para uma escala global;

Sociedades pós-coloniais, em que se verifica uma inversão no fluxo migratório, no qual desta vez são os colonizados que partem para as metrópoles em busca de melhores condições de vida. Isto introduz um grande fator de mudança, já que fazem confluir numa mesma sociedade diversas culturas de origens distintas, transformando-as em sociedade híbridas, mais complexas e diversas, "*que enfrenta conceitos canónicos como unidade e identidade*"[32];

Mudanças nas estruturas sociais, associadas a um crescimento demográfico, à maior mobilidade social e a alterações das estruturas familiares;

Forte desenvolvimento das **tecnologias de informação e comunicação**, que cada vez mais interpenetradas na sociedade, introduzem uma nova forma de viver o tempo e o espaço;

Consciência de uma **crise ecológica** que coloca as sociedades em confronto consigo próprias, com os seus estilos de vida e hábitos de consumo. Desta surgem conceitos como a sustentabilidade, que "*propunha um novo tipo de desenvolvimento cujo objetivo fosse 'satisfazer as necessidades das gerações presentes sem comprometer a capacidade de que as futuras gerações possam satisfazer as suas'* " [33].

[32] Montaner, J. M. and Z. Muxí (2014). *Arquitectura e Política: Ensaios para Mundos Alternativos*. Barcelona, Gustavo Gili, p 18.
[33] Montaner, J. M. and Z. Muxí (2014). *Ibidem*, p 222.

A CONDIÇÃO DA PRODUÇÃO DE HABITAÇÃO

HABITAÇÃO COMO UM DIREITO

Após a Segunda Guerra Mundial, numa Europa devastada e confrontada pelas atrocidades cometidas pelo regime nazi é adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, a 10 de dezembro de 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Esta carta de princípios estabelece e defende direitos inalienáveis do indivíduo, direitos individuais e coletivos considerados fundamentais para a vida do ser humano, sem discriminação de raça, género, sexualidade, crença religiosa ou nacionalidade, cabendo aos governos de cada país a responsabilidade de assegurar o seu cumprimento. Entre direitos como à vida, à saúde, ao trabalho, à liberdade, entre outros, encontra-se também o direito à habitação, cuja discussão tem vindo a ganhar espaço no debate público:

> *"O tema de provisionamento e a disponibilidade de habitação afirmou-se, ao longo do último século, como um tema central das sociedades atuais e um direito humano fundamental. A evolução conceptual sobre a importância da habitação permitiu que este problema seja hoje tratado, pelo menos em algumas dimensões do campo legal, como a questão do direito à habitação."*[34]

Contudo, este direito tem vindo a ser posto em causa por um fenómeno chamado 'financeirização da habitação'. Sem entrar em profundidade, pois não se trata da compreensão do conceito em si, mas do impacto que provoca na própria habitação, a 'financeirização da habitação' corresponde à comercialização de um direito humano, que "*valorizada mais como mercadoria do que como habitação humana, é agora um meio de garantir e acumular riqueza, em vez de um lugar para viver com dignidade, criar uma família e prosperar em comunidade.*"[35]

Este fenómeno é resultado de um conjunto políticas de associadas ao desincentivo do mercado de arrendamento, que vem desde os anos 70, com os Estados a reduzirem significativamente a sua participação na provisão direta de habitação, reservando-a apenas para o apoio aos grupos mais vulneráveis da sociedade, segundo Ana Cordeiro Santos, esta posição contribui para a criação do preconceito de habitação social apenas para pobres. O lugar deixado vago pelo Estado vem sendo ocupado pelo sector financeiro e o mercado

---

[34] Santos, A. C. (2019). *A Nova Questão da Habitação em Portugal*. Lisboa, Conjuntura Actual Editora.

[35] Declaração da ex-Relatora Especial sobre o Direito à Moradia Adequada, Leila Farha (2014-2020), durante o Diálogo Interativo no Conselho de Direitos Humanos, em março de 2017

imobiliário privado, transformando-se assim nos principais mecanismos de atribuição de habitação. Desta forma,"*A habitação tornou-se uma garantia para instrumentos financeiros – negociados e vendidos nos mercados globais. Ela perdeu o seu valor como direito humano universal.*" [36]

IMPACTO NA CIDADE [37]

O paradigma atual da produção de habitação urbana é então fortemente marcado por esta substituição. O investimento privado, desprovido de qualquer responsabilidade social e movido pela necessidade de lucrar, tende a direcionar a produção de habitação para mercados lucrativos, destinados a camadas restritas da população, e a atuar sobre áreas especificas da cidade. Isto, associado a uma menor oferta de habitação acessível e à subida dos preços de arrendamento, impõe aos habitantes fora do "público-alvo", um esforço financeiro via créditos hipotecários ou, nos casos em que esse esforço não é possível, empurrados para a periferia da cidade, onde a especulação não atua de forma tão intensa. Este processo acaba por ser duplamente prejudicial, pois esta população economicamente fragilizada ao ser deslocada para zonas periféricas, onde não existem tantas oportunidades (trabalho, serviços, eventos culturais, etc.), faz com que continuem a depender da cidade e tenham de se deslocar de forma a tê-las. Toda esta dinâmica gera fenómenos de exclusão urbana que não só provocam uma transformação profunda no espaço urbano e no tecido social, produzindo crescentes desigualdades socio-territoriais, como transformam o habitante num cliente categorizado segundo os seus argumentos económicos[38], pondo em causa o acesso à habitação e o mais amplo direito à cidade.

> *"A afirmação da sociedade atual, na qual os valores económicos e produtivos têm prioridade relativamente aos valores de uma cultura urbana baseada no equilibrado uso dos recursos e numa paritária repartição da riqueza, transporta a produção da habitação urbana para uma condição mercantilista, controlada pelos mecanismos do mercado de consumo."* [39]

Jean Baudrillard designa este fenómeno como 'marcação social dos espaços'[40]. Trata-se da 'segregação no habitat' que se reflete não só espaço habitável (nas condições interiores e exteriores da habitação), como também geograficamente (centro das cidades e periferias, zonas residenciais, condomínios de luxo, cidades dormitório), em que nas próprias cidades surgem bolhas destinadas às camadas da sociedade mais abastadas, impulsionadas e valori-

---

[36] Declaração da ex-Relatora Especial sobre o Direito à Moradia Adequada, Leila Farha (2014-2020), durante o Diálogo Interativo no Conselho de Direitos Humanos, em março de 2017

[37] A palavra cidade é aqui adotada nos dois sentidos descritos por Leonardo Benévolo em "A cidade e o arquitecto": por um lado para indicar "uma organização da sociedade concentrada e integrada, que (...) se identifica como sociedade civil; (...)", por outro para indicar o cenário físico dessa sociedade.

[38] A socióloga Saskia Sassen denuncia que o fator económico tornou-se o parâmetro de aceitação ou não numa determinada sociedade.

[39] Fernandes, F. and M. Cannatà (2003). *Habitação Contemporânea, Formas de Habitar*. Porto, Edições ASA, p 8.

[40] Baudrillard, J. (1981). *A sociedade de consumo*. Lisboa, Edições 70, p 62.

zadas pelo investimento privado, e bolhas antagónicas, destinadas às camadas mais pobres, onde o investimento bastante menor, contribui para uma sociedade cada vez mais desigual, e dicotómica em que os dois polos se afastam cada vez mais, não só geograficamente, mas na própria cultura e valores.

As fronteiras urbanas de que falam Josep Maria Montaner e Zaida Muxí seguem este mesmo raciocínio. Os autores apontam para "*o predomínio e o aumento das fronteiras e exclusões em sociedades cada vez mais divididas, construídas de muros visíveis ou invisíveis*" [41] - guetos, campos de refugiados, favelas, condomínios fechados, entre outros – que acabam por pôr em causa valores como a igualdade e acentuar a discriminação e segregação social. As urbanizações fechadas são, segundo os autores, o tipo de fronteira que mais tem crescido nas cidades. Sob o pretexto da insegurança e revelando uma obsessão pelo controlo, constroem-se urbanizações exclusivas, fechadas por muros e vigiadas, onde determinadas classes sociais se isolam da cidade. A urbanização Nordelta, em Buenos Aires, é uma ilustração elucidadora deste fenómeno, onde as "*novas classes médias levantam muros para tentar salvar o seu mundo de exclusividades e confortos perante os outros, que ficam excluídos e são discriminados: 20% dos habitantes do planeta tenta defender-se da miséria dos outros 80%*"[42]. Esta divisão reflete ainda uma discriminação social associada aos bens procurados: natureza, espaço, ar puro e silêncio, perdem o estatuto de bem natural e passam a ser um bem raro de preço elevado que só alguns podem suportar.

Montaner aponta para a distorção do conceito de cidade, que se vê transformada num lugar de negócios, local de rentabilização e acumulação de capitais, onde as obras urbanas são ditadas pela especulação imobiliária, concedendo ao fator financeiro a batuta que orquestra o crescimento selvagem da cidade, o desrespeito e invasão dos ecossistemas e o esquecimento da cultura própria em detrimento do que é mais rentável:



11. Urbanização Nordelta, em Buenos Aires

[41] Montaner, J. M. and Z. Muxí (2014). *Arquitectura e Política: Ensaios para Mundos Alternativos*. Barcelona, Gustavo Gili, p 87.
[42] Montaner, J. M. and Z. Muxí (2014). *Ibidem*, p 89.

> *"... distorceu o conceito de cidade e a responsabilidade dos poderes públicos democráticos quanto à sua função de alcançar uma sociedade mais justa e equilibrada, fazer realmente um urbanismo integrador e que redistribua a renda e refazer as cidades mais do que impulsionar crescimentos desorbitados."* [43]

Isto torna-se realmente preocupante perante os desafios que se alinham na direção das cidades. Por um lado, a crise ambiental, que torna necessário repensar a cidade de forma a torná-la mais sustentável, reduzindo o seu impacto, e que traz para cima da mesa temas como a densificação, a eficiência energética ou a questão da mobilidade. Por outro lado, a previsão de que em 2050, 70% da população mundial se concentrará em áreas urbanas e que acarretará um natural crescimento dessas. John Wilmoth, diretor da UN DESA Divisão de População vê este crescimento e densificação das cidades como uma oportunidade:

> *"Se bem gerenciadas, as cidades oferecem oportunidades importantes para o desenvolvimento econômico e para expandir o acesso a serviços básicos, incluindo saúde e educação, para um grande número de pessoas. Fornecer transporte público, bem como moradia, eletricidade, água e saneamento para uma população urbana densamente povoada é tipicamente mais barato e menos prejudicial ao meio ambiente do que fornecer um nível semelhante de serviços a uma população rural dispersa."* [44]

Assim, a lógica das bolhas que o mercado cria e o egoísmo que lhe é implícito, constitui um obstáculo à necessidade de pensar a cidade como um todo, com todos os seus sectores e sistemas, onde apenas por via de um planeamento estratégico e concertado se poderá enfrentar os desafios emergentes.

---

[43] Montaner, J. M. and Z. Muxí (2014). *Arquitectura e Política: Ensaios para Mundos Alternativos*. Barcelona, Gustavo Gili, p 19.

[44] Wilmoth, John. (2014). World's population increasingly urban with more than half living in urban areas. UM DESA Newsletter.
Disponível em: https://www.un.org/en/development/desa/news/population/world-urbanization-prospects-2014.html

PROJETAR PRODUTOS, CONSTRUIR IMAGENS

Contudo, os efeitos desta mercantilização da habitação não se ficam por aqui, contaminando a própria prática da arquitetura. Como já referido, a habitação entendida como um produto de venda coloca-a sob o domínio do mercado, que procura rendimentos imediatos com o menor risco e compromisso assumido, torna os objetivos definidos pelos investidores nos princípios orientadores do projeto de arquitetura. Assim, o fator económico sobrepõe-se a outros tantos que intervém no espaço doméstico.

A construção do abrigo para o homem, a casa que melhor serve as suas necessidades e de tudo o que ela representa, deixa de ser o foco do projeto de habitação, alheando-se do seu dever e responsabilidade cívica, para se cometer à criação de um produto atrativo e cativante ao consumidor - o futuro habitante. Esta condição é evidente nas campanhas de promoção imobiliária, que utilizam os sistemas de informação e comunicação (jornais, revistas, outdoors, televisão, telemóveis, etc.) como veículo para chegar ao consumidor. A questão que estes meios de divulgação, e consequentemente as campanhas publicitárias, levantam é que, como enunciado pelo filósofo canadiano Marshall McLuhan na década de 60, neles existe "*um predomínio dos meios visuais sobre a linguagem e os conteúdos*"[45], que é como quem diz, a imagem é o principal veículo da mensagem.

As campanhas de promoção dos imóveis são produzidas com o intuito de cativar e convencer o consumidor (futuro habitante) de que determinada casa é a ideal para si. Ao invés de promoverem aquilo que são realmente as características espaciais e as ferramentas da arquitetura (o espaço, a luz, a estrutura ou a ordem), estas optam por mostrar imagens do interior da casa de alguém com os seus objetos: um cenário imaculado onde tudo está no seu devido lugar sem qualquer sinal de vida, a que Galfetti designa "*representação tridimensional do seu habitante*"[46]. O que na verdade a campanha promove não é a casa, mas o estilo de vida, que lhe é colado[47]. Toda a imagem é um cenário que fala ao ouvido do espectador e lhe diz olha a vida que podes ter, sempre recorrendo ao fotorrealismo que,



12. Imagem do interior de um apartamento utilizada na promoção imobiliária.

[45] Montaner, J. M. and Z. Muxí (2014). *Arquitectura e Política: Ensaios para Mundos Alternativos*. Barcelona, Gustavo Gili, p 82.
[46] Galfetti, G. G. (1997). *Pisos piloto: células domésticas experimentales*. Barcelona, Gustavo Gili, p 10.
[47] John Berger em "Modos de ver" disseca o modo como a publicidade atua. Segundo o autor o que a publicidade realmente nos propõe, independentemente do produto promovido, é uma transformação, nossa e das nossas vidas, através desse mesmo produto. Para isso, oferece ao consumidor uma imagem dele transformado, fazendo-o invejar o que pode vir a ser, com o propósito de o tornar insatisfeito com o seu modo de vida, algo que a compra do tal produto mudará. Desta forma o consumidor vê-se confrontado constantemente com a contradição daquilo que é e o que gostaria de ser.

Berger aponta ser uma forma de aproximar o consumidor ao produto e fazê-lo "*sentir que quase pode tocar o que se encontra na imagem lembra-o de como pode possuir, (...), a coisa real*" [48]. A mensagem é ainda reforçada pelos objetos e mobília selecionada para compor o espaço, que tendem a ser signos da opulência associados a um nível de vida das camadas da sociedade mais abastadas. Pode-se estabelecer um paralelismo no raciocínio de John Berger quando este denuncia o recurso a "*esculturas ou pinturas* (na publicidade) *para emprestarem sedução ou autoridade à sua imagem*"[49], se substituirmos pinturas ou esculturas da passagem por objetos, observamos que cumpre essa mesma função que nos fala o autor.

Assim, mais do que projetar espaços habitáveis adequados à sociedade e ao seu tempo, a arquitetura persegue a construção de imagens que melhor servem os interesses dos promotores privados, que neste caso passa por consumar o investimento imobiliário. Juhani Pallasmaa descreve este fenómeno:

> *"Existem hoje dois processos opostos que ameaçam a arquitetura: a instrumentalização e a estetização. Por um lado, a nossa cultura secular, materialista e quase racional converte edifícios em estruturas puramente instrumentais desprovidas de significado mental e com propósitos utilitários e económicos; por outro lado, a fim de atrair a atenção e facilitar uma sedução instantânea, a arte da arquitetura está cada vez mais a tornar-se uma mera fabricação de imagens estetizadas que não têm raízes na nossa experiência existencial. "*[50]

Esta condição acaba por gerar um predomínio da imagem sobre o edifício real, negando todos "*os valores sociais e contextuais da arquitetura real*" [51]. Juhani Pallasmaa denuncia "*uma perda de empatia em relação ao habitante. Em vez de estar motivada pela visão social do arquiteto ou por uma conceção prática de vida, a arquitetura vem-se revelando autorreferencial e autista.*" [52]





13. e **14.** Promoção imobiliária de um edificío de habitação plurifamiliar.

[48] Berger, J. (2018). *Modos de ver*. Lisboa, Antígona, p 167.
[49] Berger, J. (2018). *Ibidem*, p 160.
[50] Pallasmaa, J. (2016). *Habitar*. Barcelona, Gustavo Gili, p 89.
[51] Montaner, J. M. and Z. Muxí (2014). *Arquitectura e Política: Ensaios para Mundos Alternativos*. Barcelona, Gustavo Gili, p 82.
[52] Pallasmaa, J. (2016). *Ibidem*, p 15.

A FÓRMULA

Isto conduz-nos a um outro fenómeno que marca a produção de habitação plurifamiliar, que é o de uma certa cristalização ao nível das soluções tipológicas, o qual Paulo Batista Barata apelida de "ditadura do T3"[53], que se deve segundo o autor a diversos fatores, desde uma falta de visão estratégica, aos vícios do mercado ou à "doutrina asfixiante do RGEU". O autor aponta para uma perda de qualidade construtiva e de experimentação tipológica na produção de habitação plurifamiliar em Portugal:

> *"Olhar para o património habitacional do século XX em Portugal implica reconhecer que nem a qualidade construtiva das décadas de 30/40, nem o experimentalismo tipológico dos anos 50/60 são hoje matéria crítica do mercado e da prática disciplinar do arquiteto"* [54]

Mas, para perceber melhor este fenómeno temos de começar pelo início, isto é, pela génese do projeto. Ora o projeto de arquitetura começa com uma carência formalizada em encomenda pelo cliente. O cliente é, então, o agente catalisador do projeto de arquitetura a carência é a força que o agiliza. Torna-se, aqui, necessário fazer uma distinção entre aquilo que é o projeto para um edifício de habitação unifamiliar e de habitação plurifamiliar, pois, se na habitação unifamiliar, na sua forma mais comum, a encomenda é feita pelo futuro habitante, que lida diretamente com o arquiteto, com o qual define um programa de acordo as suas necessidades, planos futuros, gostos, esta estreita relação entre quem cria o espaço doméstico e o seu futuro utilizador dá uma maior liberdade e experimentação nas soluções. No caso dos edifícios de habitação plurifamiliar, o processo é distinto. Contrariamente ao caráter extremamente personalizado dos anteriores, os edifícios de habitação plurifamiliar são baseados num sistema de produção em série, dada a distância e o desconhecimento do destinatário para quem se projeta. Para colmatar essa falta de contacto entre projetista e utilizador, criou-se o habitante *standard*: uma personagem fictícia que é formulada a partir de dados estatísticos, baseada em ideias preconcebidas relativamente à forma como o público deseja viver. É segundo estas premissas que é definido o programa e se projeta o edifício.

A encomenda não parte, então, do futuro morador, mas de um agente que faz a mediação entre ele e o arquiteto, o chamado promotor, a quem cabe definir os parâmetros do dito habitante *standard*. Assim, este torna-se a encarnação dos objetivos económicos do promotor, e todo o processo é guiado com o propósito de lucrar, sem grande risco, optando por soluções tipológicas convencionais, já experimentadas, que não coloquem em risco o investimento realizado. Segundo Fátima Fernandes e Michele Cannatá, esta distância entre o arquiteto e todo o processo de criação e os futuros moradores, acaba por gerar uma "*incapacidade destes emitirem opiniões estruturais a este produto, limitando-se a reflexões do âmbito do gosto e dos defeitos aparentes, o que alimenta uma politica e uma economia baseada apenas em necessidades comerciais, (...)*"[55].

---

[53] Fernandes, F. and M. Cannatà (2003). *Habitação Contemporânea, Formas de Habitar*. Porto, Edições ASA, p 45.
[54] Fernandes, F. and M. Cannatà (2003). *Ibidem*, p 45.
[55] Fernandes, F. and M. Cannatà (2003). *Ibidem*, p 8.

Assim, esta estratégia de "jogo seguro" associada ao fenómeno de estetização mencionado anteriormente, condena, segundo Gustau Galfetti, qualquer tipo de experimentação à superficialidade, acabando por ser epidérmica e deixada de fora do interior do espaço doméstico, limitando a produção de habitação plurifamiliar a uma reutilização constante de modelos, revelando uma postura acrítica à condição que cria e alheia à sociedade em que se insere, ao perpetuar lógicas antiquadas e inadequadas ao presente, contribuindo assim, para uma estagnação da investigação e evolução da casa e do habitar. Como aponta Monique Eleb:

> *"Estas soluções preestabelecidas paralisam toda a evolução. Estas tendem a construir modelos, invariavelmente reutilizados de uma operação a outra. Assim se produz uma rutura entre habitat e modos de vida, ficando o primeiro paralisado no seu invólucro regulamentar enquanto os segundos evoluem."* [56]

[56] Eleb, M. and A.-M. Châtelet (1997). *Urbanité, sociabilité et intimité: des logements d'aujourd'hui*. Paris, Ed. de l'Épure, p 44.

QUE HABITANTE *STANDARD*?

"a arquitetura é a vontade de uma época traduzida em espaço" [57]

No capítulo anterior, abordou-se a inércia crítica a que as regras do mercado induzem a produção de habitação plurifamiliar, circunscrevendo-a a uma série de modelos e soluções cristalizadas, baseadas em ideias preconcebidas, que acabam por revelar um estado de alienação em relação à sociedade a que se dirige, deixando uma série de questões por responder: o que é habitar nos dias de hoje? Será o habitante atual igual ao habitante de há 50 anos? O que mudou? Que transformações ocorreram e que impacto têm na vida doméstica?

A procura de soluções habitacionais que melhor sirvam os estilos de vida e as necessidades da sociedade presente, implica um melhor conhecimento desta, do seu espírito e vontades. Assim, a resposta às interrogações acima levantadas constitui-se imperativa para cumprir o dever que Mies van der Rohe reclama à Arquitetura, e dessa forma que o espaço doméstico possa "*dar ao espírito* (desta sociedade) *a oportunidade de existir*"[58] e não o aprisione em modelos ultrapassados.

SOCIEDADES HÍBRIDAS

Como vimos, o século XX trouxe consigo uma série de mudanças estruturais na sociedade. Marcado por uma evolução nas conquistas científicas e tecnológicas, mas também por duas Grandes Guerras e períodos de recessão económica, este foi palco de uma série de conquistas sociais e individuais que tiveram grande impacto na mentalidade e no espírito da época, o que, por sua vez, se repercutiu na relação entre o homem e o habitat e na própria morfologia do espaço doméstico.

A heterogeneidade que caracteriza o período pós-moderno da segunda metade do século XX vem substituir a universalidade proposta pela modernidade, sendo um reflexo do tecido social da sociedade que se vem tornando cada vez mais diverso e plural. Esta transformação vem sendo alimentada por vários fatores, por um lado, o avanço nas tecnologias de comu-

---

[57] Mies van der Rohe cit. em Lleó, B. (1998). *Sueño de habitar* : pref. Beatriz Colomina. Barcelona, Caja de Arquitectos, p 33.
[58] Mies van der Rohe cit. em Lleó, B. (1998). *Ibidem*, p 12.

nicação e informação e nos meios de transporte, impulsionou os movimentos migratórios, que se intensificaram na segunda metade do século. Estes, que antes eram sobretudo de âmbito intracontinental, tiveram no progresso dos meios de transporte o impulso necessário para trasvazar as fronteiras continentais e expandir-se para todo o globo. Por outro lado, o desenvolvimento das tecnologias da comunicação, alterava o significado de emigrar, pois se, na primeira metade do século XX, a emigração era um processo penoso, já que a distância física para o seu lugar de origem pressupunha um afastamento do mesmo - deixar relações, memórias, no fundo, uma vida para trás - "*o lugar do destino passava a ser o lugar da vida real do habitante*"[59] ; na atualidade, o aparecimento do espaço virtual - a internet, os telefones, as redes sociais, a televisão – atenuou esse afastamento, permitindo ao emigrante uma espécie de omnipresença: "*a possibilidade de manter um contacto quase constante entre quem migra e quem fica nas terras de origem contribui para a manutenção dos laços tradicionais*"[60]. Assim foi possível ao indivíduo dissociar o lugar de trabalho e residência do lugar dos sentimentos, "*Está-se fisicamente num lugar, mas mentalmente pode estar-se noutro.*"[61]

Estes dois fatores abriram as portas a uma mobilidade sem precedentes - que nas próximas décadas tenderá a aumentar com as migrações resultantes das alterações climáticas[62] - tornando as sociedades cada vez mais "*híbridas e formadas por um mosaico de subculturas*"[63] que fazem convergir no mesmo espaço, diferentes etnias, hábitos e crenças. Ao mesmo tempo, o aparecimento e fortalecimento de vários movimentos sociais que lutam "*por direitos mais reais, e pela igualdade na diferença*"[64], davam voz a grupos minoritários das sociedades, que tinham agora um palco para reivindicar o seu espaço dentro destas. Movimentos como o da luta pela igualdade racial, pela emancipação feminina ou pela liberdade da orientação sexual, vêm introduzir segundo Josep M. Montaner, uma maior complexidade



15. Sociedades multiculturais

[59] Montaner, J. M. and Z. Muxí (2014). *Arquitectura e Política: Ensaios para Mundos Alternativos*. Barcelona, Gustavo Gili, p 81.
[60] Silvano, F. (2017). *Antropologia do Espaço*. Lisboa, Documenta, p 117.
[61] Montaner, J. M. and Z. Muxí (2014). *Ibidem*, p 81.
[62] "Na segunda metade do século, podemos vir a enfrentar uma grande crise migratória devido às alterações climáticas." professor Frank Bierman conclui que as alterações climáticas podem causar a maior crise de refugiados da história da humanidade, sobretudo fluxos da Ásia e de África para a Europa.
Disponível em: https://pt.euronews.com/green/2021/11/03/alteracoes-climaticas-geram-refugiados-na-europa
[63] Montaner, J. M. and Z. Muxí (2014). *Ibidem*, p 80.
[64] Montaner, J. M. and Z. Muxí (2014). *Ibidem*, p 17.

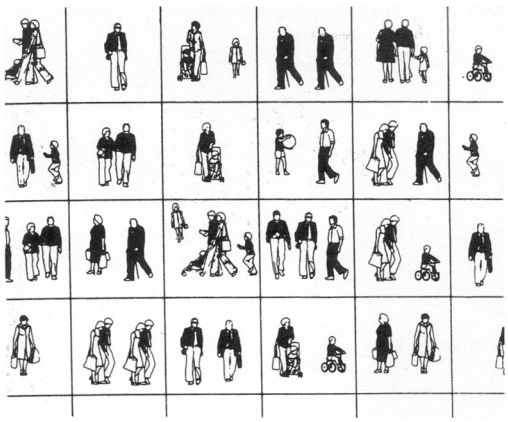
que enfrenta conceitos canónicos como unidade e identidade, desmontado assim convenções preestabelecidas, tais como a da família tradicional e os papéis de género, que sempre estiveram implícitos no espaço doméstico.

A FAMÍLIA EM TRANSFORMAÇÃO

Assim, as estruturas familiares vão sofrendo alterações significativas que vêm abalando a ideia de família tradicional como a única opção. "*A família que hoje conhecemos, na sua estrutura, na sua dinâmica e enquanto projeto cultural, não é produto final nem único*"[65], esta é antes, produto de um longo processo de evolução estreitamente relacionado com a evolução das conquistas sociais, que foram marcando o século passado, mas também por todo um conjunto de fatores culturais, económicos, políticos:

> *"Se levarmos em conta as mudanças de atividades, de papéis sociais e de relações no interior da família, e as modificações introduzidas nas relações entre o grupo familiar e a sociedade, poderemos ter uma ideia da evolução das estruturas familiares. A família deixou de apresentar uma figura tão rígida como outrora; as personagens estão mais desligadas de imagens pré--estabelecidas, que implicavam o desempenho de papeis sociais cujos mais pequenos pormenores estavam socialmente fixados. A vida familiar é, assim, uma perpétua criação."* [66]

Num estudo sobre as alterações das estruturas familiares[67] registadas nos últimos 60 anos em Portugal, Bárbara Backstrom reporta vários dados que permitem perceber a tendência que as estas estão a seguir. Desde logo, a diminuição da dimensão dos agregados familiares e a acentuação da tendência do filho único, ou seja, falamos de famílias tendencialmente mais pequenas. Para além disso, verifica-se a proliferação de outro tipo de estruturas familiares: o número casais sem filhos quase duplicou no tempo de estudo, assim como as famílias monoparentais, ora sejam pais solteiros ora pais divorciados, e também o número



16. A diversidade das unidades familiares nos anos 80. (Ilustração TVE)

[65] Esteves, A. J. (1991). *A família numa sociedade em mudança.* Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. (vol.1), p 79.

[66] Paul-Henri and M.J. C. d. Lauwe *A evolução contemporânea da Família: estruturas, funções, necessidades*, p 489.

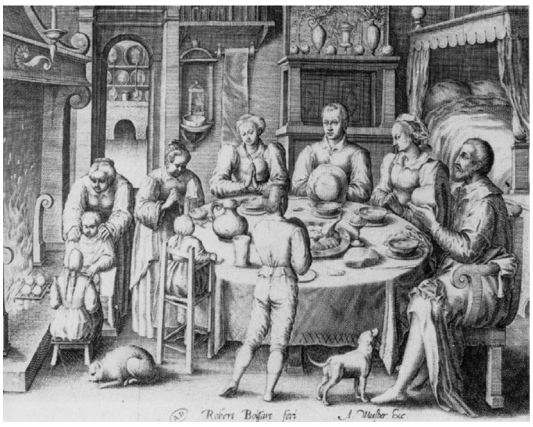
[67] Bäckström, B. (2018). *Alteração das estruturas familiares*. Cadernos de Economia, pp 26-28.
Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/324835252_Alteracao_das_estruturas_familiares

de pessoas que vivem sozinhas que teve um grande aumento, sendo este, segundo o estudo, resultado do aumento da esperança média de vida no último século.

Se o século passado deu espaço a passos importantes na evolução familiar, com o aparecimento do indivíduo dentro do seio familiar, mais tarde iniciou a luta contra os papéis de género preestabelecidos e abriu portas, através de "*uma notável abertura dos parâmetros morais, começando pela vida sexual*"[68], ao aparecimento de outro tipo de estruturas familiares, que não a família nuclear. Hoje, a família enfrenta novos desafios: o aumento de longevidade provoca convivência entre várias gerações, convivência essa, que se torna ainda mais intensa, quando se soma o facto de a emancipação dos jovens ser cada vez mais tardia, devendo-se este, não só a razões económicas, mas também a uma maior abertura e tolerância dos pais relativamente a vida sexual dos filhos. Assim, espaço doméstico tem de ser pensado de forma a oferecer soluções, através dos espaços e dinâmicas que propõe, para uma coabitação intergeracional saudável, tendo a consciência de que nos nossos dias, a vida do habitante tem novos estágios com necessidades especificas que não podem ser descuradas. O ciclo da vida familiar revela-se dinâmico, pautado por vários períodos, todos com necessidades próprias, em que os diferentes membros da família estabelecem entre si relações mutáveis de acordo com os estágios da vida de cada um, em que o indivíduo reclama cada vez mais autonomia dentro do seio familiar, podendo esta ser um símbolo de perda de liberdade, quando os níveis de coabitação não são ajustados às diferentes fases da vida.

NOVOS MODELOS DE CONVIVÊNCIA

A família é, historicamente, o modelo de convivência do espaço doméstico. As relações e as dinâmicas familiares – estrutura, funções, necessidades - tiveram sempre um papel fundamental na sua conceção, e até aos dias de hoje, nas casas em que vivemos, está implícita a nossa conceção de família. Porém, atualmente, o agregado habitacional não é sinónimo de agregado familiar, fruto de condicionantes económicas, sociais e tecnológicas produzi-



17. Concordia, séc. XVI, Robert Boissart



18. Discordia, séc. XVI, Robert Boissart

[68] Llosa, M. V. (2012). *A Civilização do Espetáculo*. Lisboa, Quetzal Editores, p 32.

ram-se novos modos de convivência dentro do espaço doméstico, o qual deixa de ser exclusivamente palco para uma vida partilhada, para assumir em muitos casos o papel de palco partilhado por várias vidas que, necessariamente, se traduz em necessidades e dinâmicas distintas das que vinha a responder. Para além da coabitação juvenil e pré-matrimonial, tornam-se cada vez mais comuns fenómenos como a tardia emancipação financeira dos jovens, a instabilidade laboral ou o nomadismo digital, que associados aos elevados preços para aquisição de casa, levam a que, cada vez mais pessoas, de diferentes faixas etárias, optem por soluções temporárias de partilha de casa, muitas vezes com desconhecidos. Nestas soluções, de "arrendamento de quarto", a casa deixa de ser vista como espaço íntimo e privado do habitante, cabendo este papel ao quarto, os restantes espaços destinam-se ao uso partilhado com os outros habitantes da casa. A questão que aqui se levanta é que, salvo edifícios com um público-alvo definido, como são as residências de estudantes, existem muito poucas soluções em Portugal, preparadas para este tipo de coabitação, que como mencionado acima não é exclusiva das camadas mais jovens. O que se verifica é que estes modelos de convivência tendem a ser implementados em espaços domésticos, que não estão adaptados e que acabam por gerar deficiências e tensões no dia-à-dia, já que as dinâmicas que o espaço doméstico oferece, não coincidem com as necessidades do grupo de coabitantes.

Assim, torna-se difícil definir um perfil de habitante *standard*, mesmo que este se baseie nos argumentos económicos de um determinado público-alvo. A sociedade tende a ser cada vez mais plural e diversa, tanto na sua origem como nos seus hábitos e costumes, o que desmonta a ideia de projetar para a família tipo. As próprias estruturas familiares vêm sofrendo transformações, tanto na sua composição, com o aparecimento de novas estruturas familiares, como nos seus ciclos, com o aumento da longevidade e a emancipação cada vez mais tardia dos jovens; para além disso, novos modelos de convivência vêm ganhando cada vez mais espaço na sociedade. Todos estes fatores obrigam a pensar em espaços habitacionais mais flexíveis e menos comprometidos com a ideia de casa para uma família, para que possam dar resposta à pluralidade de modos de vida e de necessidades da sociedade atual.

NOVO ESPAÇO

A evolução social e o desenvolvimento científico e tecnológico vêm caminhando lado a lado, tendo este sido uma alavanca essencial para transformações importantes nas sociedades e abrindo novas possibilidades que alteram a forma como estas percecionam e interagem com o mundo à sua volta. Se no primeiro terço do século XX, as grandes conquistas foram no campo da química e, no segundo, no campo da física, o último terço do século XX e o início do século XXI as grandes conquistas são na área da eletrónica: a tecnologia digital.[69]

Como vimos no capítulo anterior, os primeiros passos na evolução das tecnologias de comunicação e informação fizeram parte de um conjunto de fatores fundamentais na formação das sociedades atuais. Contudo, o impacto produzido pelo avanço tecnológico - que nos nossos dias e ao longo das últimas décadas vem acontecendo de forma acelerada - vai para além dessa hibridização das sociedades, esse impacto faz-se sentir também em variadíssimos aspetos do dia-à-dia, revolucionando, segundo Javier Echeverría, a forma como comunicamos e acedemos a informação, mas também, as próprias relações humanas, a memória, o trabalho e a noção do tempo e do espaço - o espaço e o tempo deixaram de ser estanques.

Mas, se nas últimas décadas os avanços e conquistas foram enormes, com o conhecimento gerado até aos dias de hoje, os cientistas e investigadores anunciam um desenvolvimento ainda mais acelerado: "*A humanidade mudará mais nos próximos 20 anos, do que nos últimos três séculos*"[70], pelo que o filósofo sueco Nick Bostrom anuncia estarmos no ponto prévio de uma mudança exponencial que irá transformar o mundo como o conhecemos e a forma como interatuamos com ele, e que naturalmente terá repercussões no espaço doméstico, não só ao nível das atividades e dinâmicas interiores e da sua relação com o exterior, como na própria relação entre o habitat e o habitante.

---

[69] Paul Saffo em Viana, A. (2017). *2077 - 10 segundos para o futuro*. Mutação. Ep.1, 33min. RTP. Disponivel em: https://www.rtp.pt/play/p4286/2077-10-segundos-para-o-futuro

[70] Gerd Leonhard em Viana, A. (2017). *2077 - 10 segundos para o futuro*. Mutação. Ep.1, 8min. RTP. Disponivel em: https://www.rtp.pt/play/p4286/2077-10-segundos-para-o-futuro

NOVAS FRONTEIRAS. NOVAS POSSIBILIDADES

A introdução das tecnologias de informação e comunicação nos nossos lares representa, para muitos autores, uma autêntica revolução doméstica, ao "*introduzir o mundo em casa*"[71]. Estas criaram um novo espaço virtual que se sobrepõe ao espaço físico e se liberta dos seus constrangimentos, diluindo a distância e o tempo e atravessando fronteiras. Desta forma, confere uma espécie de omnipresença a quem o utiliza: a proximidade já não está dependente do fator distância. Os dispositivos eletrónicos conectados pelas redes telemáticas – telefone, televisão, computadores, smartphones – invadiram o espaço doméstico e introduziram uma autêntica "janela" para o exterior, que alterou profundamente a relação entre a esfera pública e a esfera privada.

Ao contrário do que acontecia antes, em que o limite das duas esferas eram bem demarcado, com a casa a assumir o papel mediador entre elas, e a sua interação estava fortemente vinculada ao entorno físico mais próximo – vizinhos, familiares, amigos - atualmente, a partir dos dispositivos eletrónicos é-nos possível conectar a qualquer lugar, alterando a forma como acedemos à informação, que se torna desta forma quase instantânea, independentemente do ponto de origem, mas vem também alterar as condições das relações humanas, que deixam de estar também restritas a esse entorno mais próximo, e tomam lugar num novo espaço social, que desprovido de forma física, entra no seio do espaço doméstico. A este propósito Blanca Lleó diz: "*As novas tecnologias estão a entrar na casa e a desmaterializar os seus limites através da criação de um mundo virtual.*" [72]

Numa primeira instância o telefone doméstico representou a primeira forma de vida pública a entrar nas casas, tendo aberto uma porta à vida pública das mulheres. Mais tarde o aparecimento da televisão expandiu a casa para além dos seus limites físicos: espaciais e temporais[73]. O entretenimento, a cultura e a política passam a ter lugar na vida doméstica, já não é necessário sair às ruas para se estar informado, ir ao estádio para ver um jogo de futebol ou a uma sala de espetáculos para ver um concerto, e ganha tal importância que esta se torna o palco principal para chegar às pessoas, no qual os políticos competem pelos votos, os artistas se divulgam ou os produtos se publicitam.



19. Televisão: a "janela" que reúne família em seu redor.

[71] Echeverría, J. (1999). *Cosmopolitas domésticos*. Barcelona, Editorial Anagrama, p 16.
[72] Lleó, B. (1998). *Sueño de habitar* : pref. Beatriz Colomina. Barcelona, Caja de Arquitectos, p 159.
[73] Echeverría, J. (1999). *Ibidem*, p 75.

Mas, se a televisão permitiu olhar para o mundo a partir de casa, a internet deu a possibilidade de interagir com ele. Ao contrário da primeira, que estabelecia uma relação vertical com o utilizador – este estava sujeito ao papel de recetor - a internet deu-lhe a possibilidade de ele próprio desempenhar o papel de emissor, com o acréscimo de esta ter uma escala global, o que o pôs em contacto com o outro lado do mundo. Como a televisão fez, as redes telemáticas voltam a introduzir atividades, antes de carácter público, no espaço doméstico. O desenvolvimento e proliferação das redes telemáticas, permitiu o desenvolvimento de uma série de inovações, como as redes sociais, que ocupam o espaço da ágora grega ou do fórum romano na atualidade; ou virtualização do dinheiro, que deixa de estar limitado ao formato físico e permite comprar e operar bens desde qualquer lugar. Hoje, por exemplo, é possível reabastecer a despensa e o frigorifico, comprar roupa ou até mesmo eletrodomésticos sem sair de casa. A internet diluiu ainda mais a fronteira entre o público e o privado, Anna Puigjaner argumenta que a casa tornou-se uma entidade difusa, o espaço virtual esbateu os limites clássicos da esfera doméstica, "*transformando o ambiente construído numa paisagem doméstica sem fim, menos definida por edifícios ou espaços públicos e mais por objetos e tecnologias*."[74]

Assim, a vida doméstica desdobra-se em dois espaços que, embora distintos, estabelecem uma relação de complementaridade: o físico, que continua a albergar as funções clássicas da domesticidade (dormir, cozinhar, comer, ...) e o novo espaço, digital, que traz para o interior do espaço doméstico atividades que pertenciam antes ao espaço público. Blanca Lléo argumenta que houve uma quebra da casa como reduto tradicional do privado e do íntimo, e acrescenta que a esses sonhos tradicionais – de proteção, intimidade e refúgio – se somam novos sonhos: de omnipresença e controlo sobre o exterior através da máquina. Se, na primeira era da máquina, esta era vista como uma serva do homem, e a casa como uma máquina de habitar e com os objetos a assumirem o papel de "dóceis escravos" ao serviço dos habitantes, que os libertava do trabalho reprodutivo e lhe concediam tempo livre; a se-





20. e **21.** "The Grand Interior", 2020, MAIO Architects.
Instalação que investiga como as tecnologias digitais impactam nas nossas vidas e ambientes cotidianos

[74] Puigjaner, Anna (2020). *Towards a Diffuse House*
Disponível em: https://www.e-flux.com/architecture/housing/333708/towards-a-diffuse-house/

gunda era, marca uma nova relação do homem com a máquina, que passa a ser vista como uma extensão sua e a casa aparece como uma prótese "*intensamente vinculada ao corpo e é a sua extensão mecânica, técnica e biológica.*"[75]

Neste sentido, a revolução doméstica que estas novas tecnologias de informação e comunicação vieram trazer, foi na relação do habitante com a casa e, por sua vez, desta com o exterior, não só se transformam as dinâmicas e valores da vida doméstica, levando a uma utilização mais intensiva do espaço doméstico, como também outros aspetos da vida pública e social, como o trabalho e as relações de vizinhança.

POSSIBILIDADES QUE SE APROXIMAM

Talvez nesta fase voltemos ao tema das utopias na medida em que se abordarão possíveis caminhos do desenvolvimento científico e tecnológico que tem sido feito. Contudo, essa especulação será feita a partir dos relatos das experiências e das expectativas dos especialistas que trabalham nestes campos, de forma a ter uma ideia mais concreta do que esperar do futuro. O acesso a este mundo virtual que falávamos, faz-se através de dispositivos eletrónicos que estabelecem o ponto de contacto entre os dois mundos: o físico e o virtual. Contudo, analisando a evolução destes dispositivos, percebe-se que têm seguindo uma tendência de redução do seu tamanho, fazendo antever um processo de desmaterialização. Basta pensar nos objetos que nos rodeiam: o primeiro computador eletrónico criado em 1946, pesava 30 toneladas; o primeiro computador pessoal, 20 quilogramas; atualmente, carregamos nos nossos bolsos supercomputadores que pesam meras gramas. E o mesmo se verifica noutros objetos: a caixa grande e pesada que era a televisão, é agora um pano de luz finíssimo, ou os auriculares que se reduziram a dois pequenos dispositivos quase impercetíveis.

> *"Caminhamos no sentido da leveza da matéria, assistimos à desmaterialização da tecnologia à nossa volta e ao florescimento de uma rede invisível de inteligência: a idade da transparência."* [76]



22. "Robots Repaired While U Wait", 1954, Ed Emshwiller. Ilustração para a capa da revista Galaxy Science Fiction, número de setembro de 1954

[75] Lleó, B. (1998). *Sueño de habitar* : pref. Beatriz Colomina. Barcelona, Caja de Arquitectos, p 159.
[76] Michio Kaku em Viana, A. (2017). *2077 - 10 segundos para o futuro*. Mutação. Ep.1, 12min. RTP. Disponivel em: https://www.rtp.pt/play/p4286/2077-10-segundos-para-o-futuro

A inteligência artificial revela-se, então, como a mais promissora tecnologia que se avizinha. Michio Kaku prevê que "*a inteligência vai estar em todo lado e em lado nenhum, tal como a eletricidade, hoje. Onde quer que vamos, sabemos que há eletricidade nas paredes, no chão, no teto, em todo o lado. Mas não está em lado nenhum. A eletricidade é invisível e a inteligência também será assim.*"[77]. Assim, anuncia-se um mundo virtual cada vez mais presente e imersivo: caminhamos para a fusão entre o físico e o virtual.

Contudo, embora a inteligência artificial não seja uma novidade - esta já vem sendo desenvolvida desde a segunda metade do século passado – só agora começa a dar os primeiros passos na sua aplicação na vida cotidiana: os assistentes virtuais como a *Siri* ou a *Alexa*, a tecnologia de reconhecimento facial que configura em alguns smartphones ou até mesmo alguns serviços de atendimento ao cliente são um exemplo do uso atual desta tecnologia. Atualmente, encontram-se em desenvolvimento novos projetos com esta tecnologia que prometem trazer novas possibilidades dignas de verdadeiras utopias. Um exemplo disso são os veículos de condução autónoma, que promete alterar o paradigma da mobilidade urbana. Craig Dawson, líder da *IBM Watson*[78] Europa, refere, ainda, as várias áreas em que este sistema de inteligência artificial tem sido experimentado, como é a da medicina, em que numa série de experiências revelou ser um assistente valioso no diagnóstico de doenças, superando a margem de erro humano. Também os testes realizados na área da agricultura, em que o sistema permitiu otimizar não só a forma de produzir alimentos como também a rede de distribuição, sendo previsível que se possa alastrar a muitos mais campos da sociedade.



23. O filme Her de Spike Jonze faz uma ilustração desta ideia de fusão entre o físico e o virtual numa cena em que a personagem principal Theodore, sentado no sofá da sua sala de estar a jogar um jogo, cujo cenário virtual se funde com o espaço físico de sua casa.

[77] Michio Kaku em Viana, A. (2017). *2077 - 10 segundos para o futuro*. Mutação. Ep.1, 12min. RTP. Disponivel em: https://www.rtp.pt/play/p4286/2077-10-segundos-para-o-futur

[78] IBM Watson é um supercomputador desenvolvido pela empresa tecnológica IBM, que funciona à base de inteligência artificial

Assim, também no espaço doméstico a inteligência pode vir a ter um grande impacto. No documentário *2077: 10 segundos para o futuro*, Manuela Veloso, cientista da computação e da robótica, antecipa uma verdadeira revolução na economia doméstica: em casas verdadeiramente inteligentes, em que tal como nos exemplos acima mencionados, a inteligência artificial será capaz de fazer uma gestão mais eficaz e eficiente da casa, aprendendo os padrões de vida do habitante e ajustando o consumo à necessidade e reduzindo o desperdício. A cientista portuguesa imagina, também, esta inteligência a expandir-se aos objetos e equipamentos que compõe a casa e dá vários exemplos. Um deles é o de eletrodomésticos como o frigorifico, que ligados a uma rede, serão capazes de detetar a falta de algum produto e fazer ele próprio a encomenda, sem que o habitante se tenha de preocupar com isso. Outro, é a possibilitar de robôs inteligentes para ajudar nas tarefas domésticas, tal como os antecessores eletrodomésticos fizeram, viriam a recriar o trabalho reprodutivo. No mesmo documentário, e sobre o mesmo tema, Michio Kaku e Manuel Sobrinho Simões, falam ainda da possibilidade de a casa estar munida de sensores capazes de medir a glicemia ou ácido úrico por exemplo, no fundo, sensores para fazer prevenção médica diária ao habitante[79].

A tecnologia inteligente aplicada ao espaço doméstico promete uma revolução doméstica ainda mais profunda do que aquela provocada pelas tecnologias de informação e comunicação. O sentido clássico da casa como abrigo à vida do homem parece estar em transformação, mais do que um abrigo, a casa parece estar a metamorfosear-se numa verdadeira assistente à vida do homem, uma casa inteligente que se adapta ao seu habitante e serve-o, tendo um papel ativo na sua própria gestão e dessa forma libertando o habitante dessas tarefas, reconfigurando radicalmente a relação do habitante com a casa.



24. "The Grand Interior", 2020, MAIO Architects.

[79] Viana, A. (2017). *2077 - 10 segundos para o futuro*. Mutação. Ep.1, 22min. RTP. Disponivel em: https://www.rtp.pt/play/p4286/2077-10-segundos-para-o-futur

A CASA E O TRABALHO

A vida laboral e a vida doméstica estabeleceram desde sempre uma estreita relação, marcada por momentos evolutivos decisivos que contagiaram a transformação tanto de uma como da outra, e que esteve sempre implícita no espaço doméstico. Atualmente, o trabalho representa uma grande fatia do tempo de vida do indivíduo, segundo dados estatísticos de 2019 [80], este passa em média cerca de 38 anos da sua vida a trabalhar. Contudo, o tempo de trabalho tem ainda maior impacto ao nível do cotidiano, se considerarmos que ocupa 8 das 24 horas diárias, ou seja um terço do dia. Sobram então dois terços, sendo que um deles, se poderá atribuir ao tempo de repouso e o outro distribui-se entre o trabalho reprodutivo, tempo dedicado à família e atividades dos tempos livres, sem esquecer o tempo gasto nas deslocações, que nas grandes cidades tende a ocupar uma grande fatia. Neste sentido, a casa e o local de trabalho são os dois cenários maioritários da vida do indivíduo que separam a jornada laboral produtiva da vida doméstica e formalizam duas rotinas distintas no seu dia-à-dia.

Contudo, nem sempre foi assim, Antoine Prost em constata que no início do século XX não existia esta separação entre o trabalho e a vida doméstica. Geralmente as casas eram de dimensões bastante reduzidas, compostas por uma única divisão, multifuncional, cujas funções variavam consoante a disposição dos móveis, e era partilhada pelos vários membros da família e não havendo uma separação clara entre o público e o privado. Nesta altura, para a generalidade da população "*a noção de intimidade não fazia qualquer sentido*"[81], esta carecia de um espaço físico. A partilha total do espaço, ou seja, o impossível isolamento, tornava até difícil, segundo o historiador francês, a posse de objetos pessoais. Assim não havia espaço para o indivíduo e a sua intimidade acontecia, mas num espaço mental em torno da relação com deus, nos segredos e sonhos. Assim, para a maior parte da população, a vida familiar e a vida laboral era uma e a mesma coisa, sendo que esta "*confusão entre o trabalho e a vida doméstica traduz-se nas mais das vezes pela indiferenciação do espaço*"[82].

---

[80] https://www.dinheirovivo.pt/economia/nacional/portugueses-ja-passam-mais-de-38-anos-de-vida-a-trabalhar-12695250.html

[81] Ariès, P. and G. Duby (1991). *História da vida privada: Da Primeira Guerra Mundial aos nossos dias*. Porto, Edições Afrontamento, p 23.

[82] Ariès, P. and G. Duby (1991). *Ibidem*, p 25.

A EXTERIORIZAÇÃO DO TRABALHO

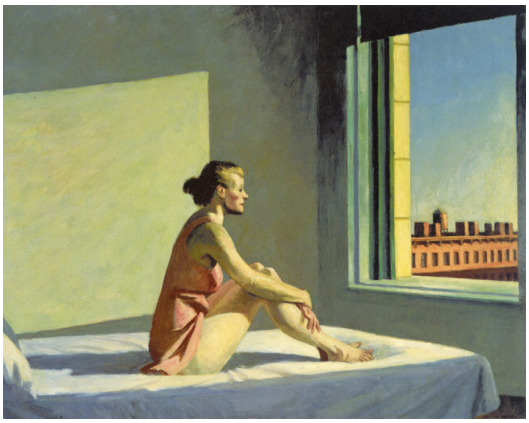
Um dos momentos-chave na relação entre a vida doméstica e o trabalho, que representou também um marco decisivo na evolução da vida doméstica para a generalidade da população, foi, segundo Antoine Prost, a exteriorização do trabalho do espaço doméstico, originada pelas transformações dos processos industriais da segunda revolução industrial dos anos 20. O trabalho passou então, a estar circunscrito num tempo e num espaço específico, o que não só alterou as relações de produção, como impactou de modo significativo na vida doméstica, e que o autor explica:

> *"O tempo que escapa ao patrão, e cuja importância foi crescendo ao longo de todo o século, é um tempo de que se dispõe plenamente, de que se é proprietário. Trabalhar fora de casa é também estar plenamente em casa quando se está lá. Neste sentido, o recuo do trabalho ao domicílio responde a uma reivindicação da vida privada"* [83]

Também no próprio espaço doméstico se refletiu a exteriorização do trabalho. Antoine Prost argumenta que esta foi sendo acompanhada, por um crescimento progressivo do espaço doméstico, que se fez através do aumento do número de divisões e este, por sua vez, arrastou consigo a especialização funcional das mesmas. Apareceu então a oportunidade de cada membro da família ter uma divisão destinada e desta forma a vida privada da família desdobra-se e dá espaço ao aparecimento da vida privada dos seus membros, tratando-se assim de uma das primeiras grandes conquistas: a casa começa a abrir portas à individualidade.

Esta separação entre a vida fora de casa – pública – e a vida dentro de casa – privada - que até então era impossível, teve um papel determinante no desenvolvimento dos estilos de vida e também da vida doméstica das sociedades do século XX. Neste contexto, a relação de oposição entre as duas rotinas, de trabalho e doméstica, era tida como uma ideia de progresso e foi-se desenvolvendo e alastrando à generalidade da população: o *ir para o trabalho* significava entrada na jornada produtiva, num contexto espacial e social específicos, onde





25. Intimidade impossível, espaço doméstico era muitas vezes uma divisão única, que conciliava várias funções e era partilhado pelos membros da família.

26. "Sol da manhã", 1952, Edward Hopper.

[83] Ariès, P. and G. Duby (1991). *História da vida privada: Da Primeira Guerra Mundial aos nossos dias*. Porto, Edições Afrontamento, p 129.

o indivíduo assume determinado papel e atividades; pelo sentido inverso *sair do trabalho*, significava a saída desse contexto para entrar noutro completamente diferente, no qual assume um papel e atividades distintas das anteriores.

Contudo, o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, ocorrido nas últimas décadas, que vem tendo um impacto determinante na evolução da relação entre a casa e o trabalho. Acerca deste tema, Blanca Lleó refere que " *hoje, os limites entre ócio e negócio diluem-se, e é tão comum fazer grandes negócios num campo de golfe, como jogar golfe num computador do escritório. A casa e a oficina são tanto lugares de prazer como de produção*"[84]. Desta forma, o espaço virtual diluiu esta relação de oposição: as duas rotinas deixam de estar estanques no tempo e no espaço.

O REGRESSO DO TRABALHO

Atualmente, a relação entre a vida doméstica e o trabalho parece encontrar-se noutro momento-chave. Graças ao espaço virtual, o trabalho desprendeu-se do lugar e está, nos dias de hoje, em plena transformação. As redes telemáticas permitem trabalhar desde qualquer lugar, e cada vez mais as empresas, optam por tirar partido desta nova condição e escolhem ter colaboradores individuais baseados em diferentes localizações, que atuam individualmente em rede e online com as sedes dessas empresas, em vez de abrirem novas sucursais e agências em diferentes países e cidades : o chamado nomadismo digital. Victor Neves constata, também, o desencadeamento de "*um fenómeno de empreendedorismo individual*"[85] de jovens empresários, artistas, desempregados, que face às crises económicas despontadas nas economias ocidentais, iniciam os seus negócios de forma independente, que acabam por tomar lugar muitas vezes no interior do espaço doméstico, em forma de oficina ou teletrabalho.

Para além disso, a automatização e a inteligência artificial começam a alterar a natureza dos trabalhos que, ocupando grande parte do trabalho braçal, irá obrigar a uma requalificação do trabalho: o futuro exigirá trabalho mais qualificado, mais suscetível ao fenómeno



27. Nómada digital

[84] Lleó, B. (1998). *Sueño de habitar* : pref. Beatriz Colomina. Barcelona, Caja de Arquitectos, p 165.
[85] Neves, V. M. C. (2018). *Casa e Trabalho*. Lisboa, Universidade Lusíada Editora, p 12.

do teletrabalho mencionado anteriormente. Estima-se, ainda, que até meados do século XXI, mais de metade dos empregos serão substituídos pela máquina[86] e, embora haja quem veja esta substituição como uma ameaça, há também quem a veja como uma oportunidade de reformular o modelo económico e social, e com isso a nossa relação com o trabalho, fazendo com que este ocupe cada vez menos tempo da vida do indivíduo, deixando-o progressivamente a cargo de máquinas inteligentes.

Estas tendências acabam por indiciar uma inversão no processo de exteriorização do trabalho, que se recriou e volta agora a conquistar lugar no interior do espaço doméstico, o que faz prever uma utilização mais intensiva deste. Isto acrescenta-lhe um novo grau de complexidade, já que introduz no seio do domínio privado e íntimo, funções e atividades de carácter público, que pressupõem um novo tipo de abertura para o exterior e para além disso geram inevitavelmente uma nova dinâmica interna, visto que passa a ter de conciliar as rotinas domésticas como as rotinas laborais. Olhar para o passado permite-nos perceber as consequências de uma má mediação entre a vida doméstica e a vida laboral, pelo que se torna imperativo pensar em "*novas tipologias habitacionais, que incluam também espaços para trabalho. Tipologias que não se limitem a incluir mais um quarto para a função trabalho, mas que criem um segmento espacial com autonomia, polivalente, adaptável*"[87]. Nesse sentido, a casa não terá um papel neutro, mas sim o de elemento transformador, em que "*mais do que trabalhar a partir de casa, trabalhamos com a casa*"[88], e esta terá de compatibilizar e articular atividades de diversos âmbitos, sem que se ponham em causa, assim como terá de gerir um novo ponto de contacto com o exterior, fazendo uma seleção do que mostra e do que esconde.

---

[86] Pires, D. (2021). *Estado Social - Todos por Todos*. Ep.2, 1 min. RTP.
Disponivel em: https://www.rtp.pt/play/p9602/e586949/estado-social

[87] Neves, V. M. C. (2018). *Casa e Trabalho*. Lisboa, Universidade Lusíada Editora, p 14.

[88] Rita Figueiredo em Alves, F. (2021). *A espantosa realidade das coisas*. Ep. "O que trará a próxima década?". TSF.

A VIDA EM COMUNIDADE

Neste contexto de constantes mudanças também as relações humanas se vão transformando. Ao longo do tempo, a comunidade - definida pelo entorno físico e social do espaço doméstico - foi tendo um papel importante na vida do indivíduo. Esta não só constituía o núcleo da sua vida social, sob forma de relações de vizinhança, como participava na construção da sua identidade, conferindo-lhe um sentido de pertença[89]. Contudo, este sentido de comunidade, relacionada com o entorno próximo do espaço doméstico, vem perdendo força. As funções que lhe eram características foram deslocadas: tanto o centro da vida social como o sentido de identidade e pertença, encontraram outro lugar na vida do indivíduo e inevitavelmente as relações de vizinhança foram perdendo espaço, sobretudo em contexto urbano, já que em zonas rurais a proximidade ainda constitui, com menos peso é certo, um fator de sociabilidade. Estas relações são extremamente complexas, não só pelas dinâmicas de sociabilidade que lhe são características, como também pelo vínculo vital que estabelecem com o espaço que ocupam, tornando-as profundamente sensíveis à mudança. Isto, naturalmente, dificultou a sua adaptação ao incessante ímpeto autotransformador do século XX e ao individualismo moderno que este trouxe consigo e que viu nelas uma ameaça à sua liberdade individual.



28. "Neighbours", 1974, Dilorom Mamedova

[89] Lacol and L. C. Invisible (2020). *Habitar en comunidade: La vivienda cooperativa en cesión de uso*. Madrid, Los Libros de la Catarata, p 39.

Mas não foi só no espírito da época que a vida em comunidade encontrou obstáculos. Ao longo do século XX, e também nestas primeiras décadas do século XXI, vários foram os fenómenos que tiveram impacto nas relações de vizinhança. Desde logo, a dissociação entre trabalho e a vida doméstica, abordada no capítulo anterior, obrigou o indivíduo a deslocar-se diariamente para fora da sua área de residência, o que implicou, consequentemente, a redução do tempo passado em casa e para além disso deu origem uma esfera social concorrente, com dinâmicas e funções semelhantes. As trocas e conversas que antes eram do domínio exclusivo dos vizinhos, agora encontram espaço dentro da esfera pública do trabalho: "*a racionalidade da organização do trabalho é suspensa, e a vida privada exprime-se no próprio seio do tempo e do espaço de trabalho*"[90].

Se a exteriorização do trabalho criou uma esfera concorrente, esta estave restringida a um tempo e a um espaço específico: algo que mudou com o desenvolvimento e proliferação das tecnologias da comunicação e informação. Como vimos, o espaço virtual libertou as relações dos constrangimentos do espaço físico e essa esfera que antes estava restrita a um tempo e a um espaço, ganhou a capacidade de entrar no espaço doméstico através dos dispositivos eletrónicos, e a reduzir ainda mais a dependência do entorno social próximo. Mas não só à deslocação do trabalho e às novas tecnologias se deveu a degradação da vida em comunidade. As relações que a compõe, ganham forma num espaço muito sensível, que é o da transição entre a vida pública e a vida privada. Nesse sentido, as disciplinas da arquitetura e do urbanismo têm uma grande responsabilidade, estas tanto podem fomentar a criação de relações, através do planeamento de espaços de transição que possibilitem a permanência e os encontros, como podem tornar-se um obstáculo, quando não o fazem. E nisto as formas do urbanismo e da arquitetura moderna tiveram a sua cota de responsabilidade. A 'sua' visão funcionalista, tratou a circulação como um fluxo, assim "*a deslocação exclui o encontro, e a eficácia exclui o passeio despreocupado*"[91]. A transição entre o público



29. "Machine Knight", 1928, Sandor Bortnyik

[90] Ariès, P. and G. Duby (1991). *História da vida privada: Da Primeira Guerra Mundial aos nossos dias*. Porto, Edições Afrontamento, p 126.

[91] Ariès, P. and G. Duby (1991). *Ibidem*, p 123.

e o privado empobreceu: os espaços que davam lugar a encontros e onde se formam as relações de vizinhança, viram-se reduzidos a espaços de passagem que fazem uma transição abruta do público para o privado, e vice-versa.

Isto refletiu-se, também, ao nível dos edifícios de habitação. A evolução do espaço doméstico, marcada pela introdução do conforto moderno, fez-se através de um processo de individualização e de interiorização de atividades que historicamente eram de carácter comunitário, impulsionado pelas políticas de consumo privado. Um exemplo disto é o tratamento da roupa, que antes era motivo de reunião e criação de laços entre as pessoas, e que passou para o interior da casa para um pequeno compartimento. Este acumular de funções do espaço doméstico, no caso dos edifícios de habitação plurifamiliar, traduz-se numa redução da dependência com a estrutura em que está inserido, fechando-se cada vez mais em si mesmo. Isto contribui para um anonimato entre habitantes, que se acentua quando os espaços comuns se veem reduzidos às funções de acessibilidade aos fogos ou de garagens e que acabam por fazer uma transição abruta entre espaço público e o privado: "*Salta-se praticamente de casa para a grande avenida e cria-se uma dualidade entre o privado e o público, onde, no primeiro caso, as pessoas se relacionam com o seu entorno mais próximo e, no segundo, com estranhos*"[92]. Sem um tratamento espacial que promova a permanência e a sua utilização para além da sua estrita função, os espaços comuns não estimulam os encontros e convivência entre os habitantes, pondo em causa o seu papel fundamental na criação de laços e relações de vizinhança e comunidade, uma das consequências é o crescente problema do isolamento sénior.

Contudo, o retrocesso do trabalho para o seio do espaço doméstico e a consequente intensificação da sua utilização que este acarreta, que se abordou no capítulo anterior, abre uma nova oportunidade para que o entorno próximo, quer espacial quer social, volte a ganhar relevância. Não se pretende cair num discurso nostálgico que romantize uma eventual era dourada das relações de vizinhança e da vida em comunidade, ou promover o restabelecimento da "velha ordem". Pretende-se sim perceber que papel pode ter a comunidade e as relações de vizinhança, nos dias de hoje, reconhecendo que embora existiam nelas certos constrangimentos, existem também aspetos positivos que podem ajudar a resolver desafios urgentes como é o do isolamento sénior, e que através de um desenho cuidado dos espaços, se possam estabelecer relações de vizinhança saudáveis e vantajosa.

---

[92] Lacol and L. C. Invisible (2020). *Habitar en comunidade: La vivienda cooperativa en cesión de uso*. Madrid, Los Libros de la Catarata, p 39.

PARTE III

HIPÓTESE

COHOUSING

Como vimos na parte anterior, o domínio do mercado na produção de habitação plurifamiliar, assumiu uma postura acrítica, mais comprometida com a capacidade de gerar lucro do que em dar uma resposta coerente com as reais necessidades da sociedade, optando por reutilizar soluções que perpetuam lógicas e soluções inadequadas à sua condição atual, "*baseadas num protótipo de família standard* (que) *tem pouco a ver com uma realidade diversificada, caracterizada por constantes fluxos de habitantes de diferentes línguas e culturas, por uma diversidade dos grupos sociais, pelo rápido desenvolvimento tecnológico informático, que revoluciona não só os hábitos laborais como os domésticos, ou o quadro de empregos menos estável, entre muitos outros fatores*"[93].

Contudo, esta inércia projetual não se limita apenas ao interior da célula doméstica e transpõe-se também para as estruturas que as albergam, na forma como são concebidas e nas dinâmicas que propõem. Estes edifícios, cuja essência que os funda é a partilha - as células partilham o mesmo lote, a morada, as fundações, as paredes e as lajes, os acessos, até a porta de entrada - ao invés de tirarem partido da coabitação da mesma estrutura, acabam por negá-la, atuando como um agrupamento de células fechadas em si mesmas, (reproduções das lógicas, sequências e dinâmicas das vivendas unifamiliares, espremidas ao máximo para





30. "Highrise of Homes", 1981, James Wines

31. Ilustração para a capa do livro "Habitar en comunidade: La vivienda cooperativa en cesión de uso", 2020, Anna Gran

[93] Galfetti, G. G. (1997). *Pisos piloto: células domésticas experimentales*. Barcelona, Gustavo Gili, p 10 – 11.

poderem ser encaixadas infinitamente nessas estruturas que as agrupam), que negam os espaços que lhes são comuns, que se veem reduzidos a espaços de circulação ou de garagem, ignorando as potencialidades que estes podem ter na vivência destes edifícios e das próprias células.

Assim, olha-se para o *cohousing*, como um modelo de habitação que procura explorar as potencialidades da coabitação de várias células numa mesma estrutura, não só através da valorização dos espaços comuns e das possibilidades que estes oferecem à vida nestas estruturas e nas próprias células domésticas, como através de estratégias de consumo coletivo, que visam tornar mais eficiente o uso do próprio edifício.

DEFINIÇÃO

O conceito de *cohousing* não é consensual, tendo sido apresentadas várias interpretações que o tornam algo ambíguo e impreciso. Na sua base, é visto como um modelo habitacional que valoriza o sentido de comunidade, criado através de uma estratégia de partilha de espaços e serviços que apoiam as células privadas. As divergências encontram-se no envolvimento e participação da comunidade. Chris e Kelly ScottHanson consideram que o *cohousing* não só abrange a infraestrutura, como engloba toda a dinâmica de vivência: a partilha, a colaboração, a participação, o envolvimento entre os habitantes, "*Cohousing é um modo de vida, é um conjunto de relações, é a conceção do ambiente construído, e acima de tudo, é a experiência da comunidade*"[94]. Os autores apontam para quatro características do *cohousing*:

Organização Democrática: não existe uma hierarquia dentro da comunidade de residentes, a tomada de decisões é feita em comunidade e todos têm o mesmo peso.

Participação e Autogestão: os futuros residentes participam ativamente no planeamento, desde a organização da comunidade ao projeto de arquitetura, no qual a futura comunidade de habitantes tem um papel preponderante na tomada de decisões, sendo que a participação não termina no momento inicial do projeto, mas estende-se ao cotidiano, na convivência e tomadas de decisões. O coletivo espanhol Lacol vê esta abordagem, como a chave na emancipação social no âmbito da habitação, já que "*situa*





32. e **33.** Participação dos habitantes da cooperativa La Borda na conceção do projeto de arquitetura

[94] ScottHanson, C. and K. ScottHanson (2005). *The Cohousing Handbook*. Philadelphia, New Society, p 221.

as pessoas no centro da sua atividade"[95] em vez do mercado. Desta forma, o seu objetivo não é gerar lucro, mas oferecer uma alternativa mais justa e sustentável - social, ambiental e economicamente - aos modelos e políticas habitacionais existentes. Para além disso, assumindo um papel no planeamento do edifício, os habitantes deixam de depender das premissas dos promotores privados, o que não só representa uma poupança nos custos[96], já que se trata de uma redução de intermediários, como lhes dá a oportunidade de decidir como querem viver.

Casas Privadas e Espaços Comuns: as comunidades são equipadas por espaços comuns e serviços coletivos, contudo todos os residentes têm as suas próprias casas privadas e autónomas, os espaços comuns são vistos apenas como complementos dos espaços privados. A estratégia passa, não pela adição desses espaços de uso coletivo, mas por uma revisão dos princípios e dinâmicas dos edifícios de habitação plurifamiliar, que através de uma mediação entre as células privadas, estas cedem parte da sua área para construir espaços e serviços de utilização coletiva, que se podem traduzir em espaços de diversas naturezas: espaços de tratamento de roupa, cozinha e refeitório, espaços de *coworking* ou lazer.

Desenho arquitetónico que fomente a sociabilização: durante o projeto de arquitetura as opções tomadas, visam sempre promover a sociabilização e criação de laços entre os residentes. Deste ponto de vista, não só os espaços comuns como os espaços de circulação desempenham um papel fundamental, já que são espaços de encontro que põe em relação os habitantes das várias células: "*na criação desta identidade* (comunidade)*, os laços superficiais, como as pequenas conversas nas escadas, têm uma grande importância. Estes intercâmbios são suficientes para gerar um sentimento de integração e sentir-se em casa*" [97].

No entanto, Dick Urban Vestbro e Liisa Horelli delimitam o conceito aos dois últimos pontos. No artigo *Design for gender equality – The history of cohousing ideias and realities*, os autores centram o conceito apenas na infraestrutura, definindo-o como um tipo de habitação que concilia unidades privadas e autónomas com espaços e serviços coletivos, e que a relação entre os habitantes ou criação de comunidade é fruto das dinâmicas que os espaços e serviços comuns promovem. Os autores argumentam que a exclusão da participação e autogestão da definição, deve-se ao facto de existirem casos em que a promoção e a gestão é feita por empresas, públicas ou privadas, como é o caso dos edifícios de habitação destinados a grupos específicos da sociedade, nomeadamente os estudantes ou pessoas da terceira idade.

---

[95] Lacol and L. C. Invisible (2020). *Habitar en comunidade: La vivienda cooperativa en cesión de uso*. Madrid, Los Libros de la Catarata, p 11.

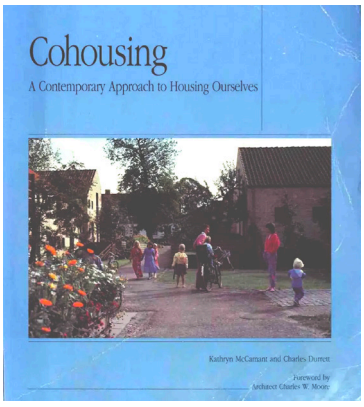
[96] "Se uma cooperativa realizar uma grande parte do processo de desenvolvimento, mas delegar o edifício a uma empresa de construção, a poupança pode ser de quase 10 por cento em comparação com uma promoção regular, mas se a comunidade assumir o controlo da construção, a poupança pode atingir 14 ou 17 por cento, segundo estudos canadianos e franceses respetivamente. Quando, além disso, a participação na construção e autoconstrução é realizada, de acordo com a FUCVAM, é conseguida uma redução de 30 a 40 por cento nos custos de construção." em Lacol and L. C. Invisible (2020). *Ibidem*, p 19.

[97] Lacol and L. C. Invisible (2020). *Ibidem*, p 39.

A oposição das duas definições apresentadas personifica a dificuldade em encontrar uma definição única, e vem induzindo em associações equívocas com diversas experiências que compõem a história do pensamento sobre a vida e habitação coletiva. Segundo Vestbro e Horelli, o prefixo 'co-' é uma das razões que dificulta a compreensão e aceitação do modelo, já que implícita a ideia de que se trata de uma forma de vida conjunta, como as comunas[98]. Porém, o *cohousing* não obriga à vida em comunidade, embora essa seja normalmente uma das forças motivadoras do modelo, todas as células são autónomas e cada uma decide o quanto se quer envolver. Assim, não existe uma matriz fixa nos projetos de *cohousing*, dependendo do país e da cultura em que se insiram e do próprio grupo de habitantes, estes podem variar no tamanho, na condição (urbana ou rural), no modo de aquisição da propriedade, no desenho arquitetónico e no próprio modo como são geridos.

ORIGEM DO TERMO

O termo *cohousing* foi cunhado pela dupla de arquitetos norte americanos Kathryn McCamant e Charles Durrett, na importação e adaptação do modelo habitacional dinamarquês *bofællesskab* para os Estados Unidos da América. Este foi utilizado pela primeira vez no livro *Cohousing: A Contemporary Approach to Housing Ourselves*, em 1988, no qual a dupla norte americana promovia o modelo dinamarquês como um novo tipo de habitação que reinterpretava o conceito de vizinhança adaptado aos novos estilos de vida que iam surgindo ao longo da segunda metade do século XX. McCamant e Durrett consideravam que "*as formas tradicionais de habitação já não respondem às necessidades de muitas pessoas*"[99], por um lado, apontavam para as mudanças nas estruturas familiares, nas quais se verificava uma percentagem cada vez maior de agregados de pais solteiros ou agregados em que ambos os pais trabalhavam, e de pessoas a viverem sozinhas, quando maior parte do parque habitacional existente era pensado para o núcleo familiar tradicional; por outro, apontavam para os preços da habitação que aumentavam e associados a uma maior mobilidade da população, dissolvia as bases tradicionais da comunidade provocando uma perda do sentido de comunidade, que alimentava um maior isolamento e alienação pessoal.



34. Capa da primeira edição do livro publicado por Kathryn McCamant e Charles Durrett

[98] Termo utilizado para especificar um estilo de vida no qual quatro ou mais pessoas (não pertencentes ao mesmo agregado familiar) com ideologias, crenças ou objetivos comuns escolhem viver juntos.
[99] McCamant, K. and C. Durrett (1988). *Cohousing: A Contemporary Approach to Housing Ourselves*. Berkeley, California, Habitat Press, p 7.

Assim, o cohousing foi apresentado como uma alternativa aos modelos habitacionais existentes, "*um movimento que cresceu diretamente da insatisfação das pessoas perante as escolhas existentes de habitação*"[100], crítico e com uma componente ativista que vai contra a corrente individualista da sociedade, tendo sido utilizado como instrumento por diversas visões: sociais, políticas, económicas, ecológicas ou simplesmente como soluções práticas para as necessidades do dia-a-dia.

DA DINAMARCA PARA O MUNDO

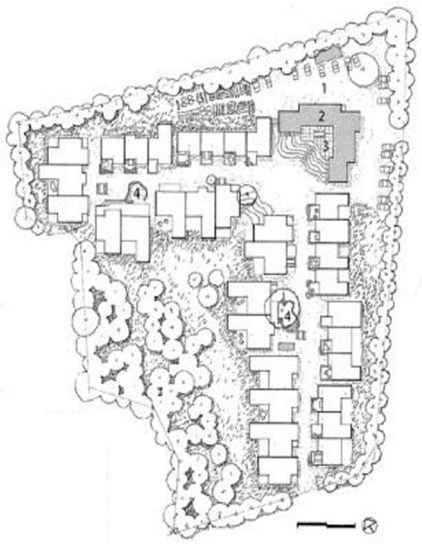
Graham Meltzer, atribui a origem do *cohousing* ao modelo de habitação que surgiu na Dinamarca em meados dos anos 70, como resposta aos problemas da sociedade pós-industrial do século XX, chamado ***bofælleskab*** (im.35, 36 e 37), termo dinamarquês que traduzido significa "comunidade viva". Esta solução surgiu em 1964, pela mão de Jan Gudmand-Høyer, que juntamente com um grupo de profissionais, pensaram num modelo de habitação alternativo que refletisse sobre as novas condições sociais e os desafios que esta propunha à habitação, e do qual resulta um primeiro esboço do que viria ser a solução dinamarquesa. Esta consistia num modelo organizado horizontalmente, de baixa densidade, que combina a privacidade e autonomia das unidades habitacionais individuais, com as vantagens da vida em comunidade, através da partilha de espaços de uma 'casa comum', e onde os seus membros procuravam estabelecer uma comunidade forte, como forma de apoio e entreajuda.

Contudo, apesar da origem do *cohousing* ter sido rastreada até à Dinamarca, muito por influência de McCamant e Durret que cunharam o termo, àquilo que eles viam como a "solução dinamarquesa", Vestbro aponta para outras experiências de habitação coletiva, que se vinham desenvolvendo simultaneamente em vários países, nomeadamente nos Países Baixos e na Suécia, o *centraal wonen* (que significa viver centralmente) e o modelo *kollektivhus* (-hus vem de edifício, kollectiv- vem de coletivo) respetivamente, e que partilham uma base sólida de princípios, acabando por resultar em variações da mesma ideia. O ***centraal wonen*** (im. 38 e 39), aparece com a distribuição horizontal do modelo dinamarquês, contudo os residentes são organizados em grupos mais pequenos, os chamados *clusters*, compostos por 4 a 8 unidades habitacionais. Estes *clusters* partilham espaços de convívio, cozinha comum ou lavandaria e juntos formam um projeto global em que a coabitação (entre *clusters*) pode variar, limitando-se por vezes aos espaços exteriores. Já o modelo sueco, ***kollektivhus*** (im. 40 e 41), continua a mesma lógica de partilha de espaços e serviços, a grande diferença entre este e o modelo dinamarquês é que o modelo sueco que se organiza verticalmente, normalmente formalizando-se num bloco habitacional de carácter bem mais citadino. No entanto, Joana Abreu ressalva que "*a identificação destes modelos por vários autores apresenta apenas um conjunto de semelhanças entre projetos de um país, não estando esse país limitado a esse modelo e, evidentemente, não sendo esse modelo exclusivo a nenhum país*" [101].

---

[100] McCamant, K. and C. Durrett (1988). *Cohousing: A Contemporary Approach to Housing Ourselves*. Berkeley, California, Habitat Press, p 10.

[101] Abreu, J. (2020). *Cem Anos de Coabitação: cohousing como solução permanente*. Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, p 21.

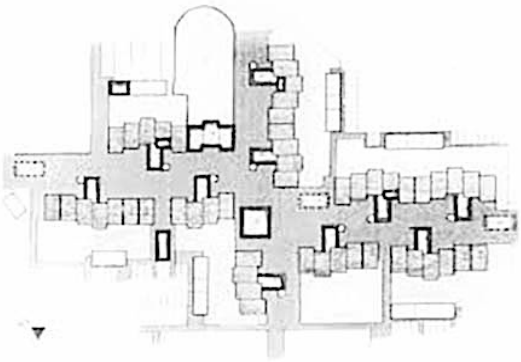






Bofællesskab 'Trudeslund', Vandkunsten Architects, Birkerod, Dinamarca, 1981

35. Planta; **36.** Perspetiva da "casa comum"; **37.** Unidades privadas





Centraal Wonen 'Hilversum', Leo de Longe e Pieter Weeda, Hilversum, Holanda, 1977

38. Planta; **39.** Perspetiva do interior do complexo





Kollektivhus 'Stacken', Lars Ågren, Göteborg, Suécia, 1979

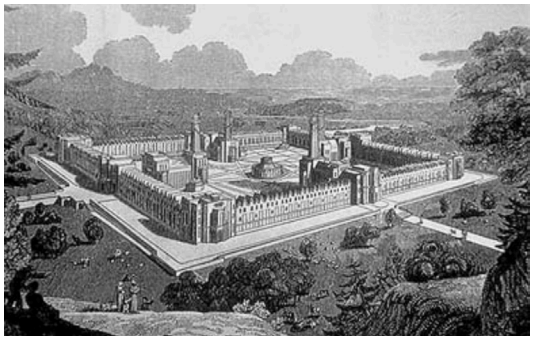
40. Plantas; **41.** Fotografia do grupo de habitantes com o edifício como pano de fundo

UM MODELO DE INSPIRAÇÃO UTÓPICA

Porém, a origem das ideias que fundaram aquilo que hoje se denomina *cohousing* são bem mais antigas. Ao longo da história é possível encontrar vários exemplos, onde germinava a ideia de uma organização comunitária da habitação, com uma forte ligação a visões utópicas que procuravam o *habitat* ideal para o Homem.

Vestbro, faz-nos recuar 2400 anos, para encontrar um primeiro indício, a comunidade ideal descrita por Platão, em que tudo era organizado coletivamente. Posteriormente, em 1506, Thomas More publicava o livro *Utopia*, onde descreve a sua visão de sociedade ideal, em que a população era organizada e vivia de forma comunitária: cada família tinha a sua casa, contudo partilhava uma série de espaços, como a cozinha e a sala de refeições, na qual toda a população se juntava para preparar e tomar as refeições principais do dia.

Cerca de 300 mais tarde, começam a surgir as visões utópicas socialistas, que procuravam uma resposta habitacional adequada para a classe operária. Estas surgem numa altura em que a Revolução Industrial tinha um grande impacto na sociedade, sobretudo a nível social, em que "*os instrumentos que proporcionariam a base de uma vida boa para toda a comunidade vieram revelar-se autênticos instrumentos de tortura para a vasta maioria das pessoas, que não possuíam nem capital, nem terras*"[102]. O *Parallelogram* de Robert Owen ou o Falanstério de Charles Fourier são um exemplo destas visões que mais tarde viriam inspirar experiências realizadas mais tarde. No primeiro, Owen idealizou uma comunidade autossuficiente, que combinaria a atividade industrial com a agricultura. Esta comunidade deteria de forma coletiva os meios de produção e habitaria em pequenas habitações individuais, complementadas por serviços comunitários como salas de refeições. Esta ideia acabou por dar origem a uma comunidade chamada *New Harmony*, fundada por seguidores de Owen que emigraram para os Estados Unidos da América. O segundo, imaginado por Fourier, consistia num complexo habitacional associado a um complexo industrial, também ele detido pelos próprios habitantes num sistema cooperativo. O projeto consistia num complexo habitacional, a que o autor apelidou de "palácio social" onde para além das habitações privadas, eram disponibilizados uma série de serviços e espaços coletivos: desde lavandaria, oficinas, escola, teatro, etc. e onde as tarefas da educação, do cuidado das pessoas e da alimentação eram partilhadas pelos habitantes, reduzindo o peso das tarefas



42. "Parallelogram" New Harmony, 1825, Robert Owen



43. Falanstério, Charles Fourier

[102] Mumford, L. (2007). História das utopias. Lisboa, Antígona, p 100.

reprodutivas, a fim de ter mais tempo para o trabalho industrial e para o seu próprio tempo livre. O trabalho reprodutivo era entendido como obrigação social e não da mulher. Esta ideia, inspirou mais tarde Jean Baptiste Godin, que em 1858 construiu em França o Familistério de Guise.

A IDEIA DE COABITAR

Foi na sequência da revolução industrial, que a ideia de serviços partilhados na habitação começou a ganhar protagonismo. Esta havia deslocado uma grande massa da população rural para zonas urbanas, provocando um crescimento acelerado das cidades e uma grande necessidade de habitação para a classe operária. Para além disso, a deslocação do processo produtivo, que antes ocupava o espaço da habitação, para espaços próprios (as fábricas), causou uma separação entre o trabalho produtivo e reprodutivo. Anna Puigjaner explica que essa separação, para além de sobrecarregar as mulheres das classes mais baixas, que estavam agora sujeitas a uma dupla jornada laboral (em que após um dia de trabalho, teriam ainda de se dedicar às tarefas doméstica), teve também um papel preponderante na definição dos papéis de género, fazendo das mulheres responsáveis pelo lar. A autora argumenta que "*à medida que a ideia do lar se desprendeu da produção económica direta, começou a ser entendida como uma extensão do corpo feminino e, portanto, redefinida como um local de cuidados*"[103].

Perante a necessidade habitacional de toda uma classe, Montaner e Muxí apontam para dois posicionamentos distintos, por um lado uma visão progressista, por outro, uma visão mais conservadora. A primeira, assentava na luta pelos direitos dos trabalhadores e por uma sociedade mais igualitária, e que mais tarde levaria a revoluções e mudanças e que se viria a refletir na criação da habitação operária. Deste lado, destaca-se Friedrich Engels com o seu trabalho publicado *A questão da habitação* em 1872, que via na habitação um elemento do sistema capitalista de opressão, domínio e exploração da classe operária. A



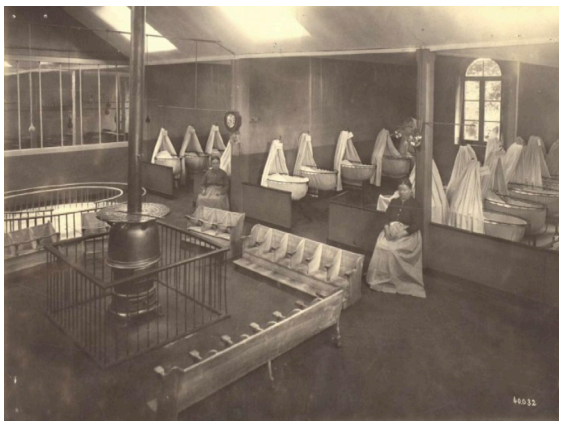
44. "Woman Embroidering", 1811, Georg Friedrich Kersting.

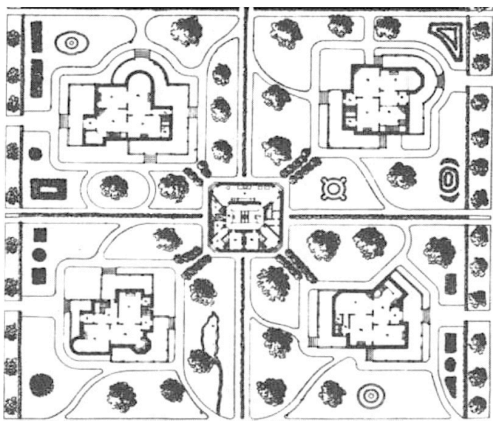
[103] Puigjaner, Anna (2020). *Towards a Diffuse House*
Disponível em: https://www.e-flux.com/architecture/housing/333708/towards-a-diffuse-house/

segunda, mais conservadora, "*sob a justificação higienista, tentaram controlar os novos habitantes urbanos, impondo-lhes costumes éticos e morais da vida individual e familiar, de acordo com modelos aristocráticos e burgueses*"[104] da altura. Assim, de acordo com os autores, a solução defendida para a habitação operária, consistia numa redução ao mínimo imprescindível da moradia burguesa, com as suas hierarquias e divisões espaciais, que obedeciam ao seu estilo de vida e reforçavam os papéis tradicionais dos géneros, ignorando todas as necessidades de uma classe.

As inovações tecnológicas trazidas pela revolução industrial, vistas como uma promessa que iria facilitar as tarefas domésticas e gerar mais tempo livre, tardavam em introduzir-se no seio doméstico e a produzir os resultados esperados. Montaner e Muxí apontam, mais uma vez, para duas vertentes na abordagem à aplicação da industrialização à vida doméstica. Uma, associada à visão conservadora, não questionava o papel da mulher como responsável pelo lar, e propunha tornar o trabalho doméstico mais eficiente aproveitando os conceitos e sistemas de produção industriais aplicados à habitação, através de formas mais simples, usos flexíveis e linhas de montagem, denotados principalmente em espaços de serviços como a cozinha. A outra, ligada ao pensamento progressista, levou então à reflexão sobre a partilha de recursos na habitação, como uma forma de redistribuir e suavizar o trabalho doméstico. Esta propunha uma nova forma de viver coletivamente, através da externalização de alguns serviços do interior do espaço doméstico, e procurando fazer uma revisão dos papéis de género através da divisão igualitária do trabalho reprodutivo. Um dos exemplos desta segunda vertente é o Familistério de Guise, situado em França, foi mandado construir por Jean Baptiste Godin em 1858.

Também nos Estados Unidos da América, a partir de 1860, se começava a desenvolver a ideia de bairros em que se partilhavam espaços e tarefas (im. 46), procurando a eficiência do tempo, energia e recursos. Destaca-se a proposta de Melusina Fay Pierce em 1868, de um bairro formado por 28 casas sem cozinha, que partilhavam espaços comunitários (cozinha, lavandaria, infantário, ...) onde as tarefas domésticas eram centralizadas graças à melhor





45. Interior do berçário do Familistério de Guise

46. Uma planta de um quarteirão de casas individuais, equipadas com um espaço de apoio gerido em cooperativa, 1885, Howland, Deery e Owen.

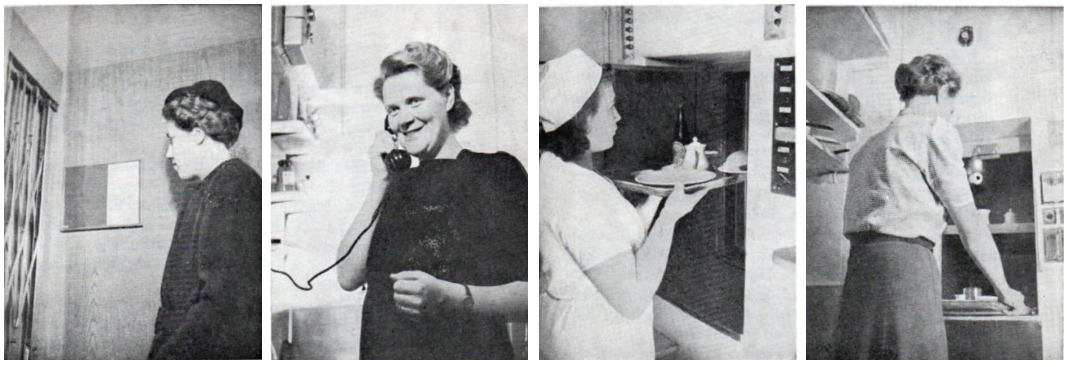
[104] Montaner, J. M. and Z. Muxí (2014). *Arquitectura e Política: Ensaios para Mundos Alternativos*. Barcelona, Gustavo Gili, p 68.

infraestrutura industrial. Nesta proposta, menos radical em relação ao sistema patriarcal, a mulher continuaria responsável pela gestão doméstica, contudo era apoiada por uma cooperativa de ajuda mútua, que organizava as tarefas comunitariamente, o que permitiria ter acesso a tecnologias que individualmente não teriam. Um dos apoiantes desta ideia, foi Ebenezer Howard, que a desenvolveu na sua proposta de cidades-jardim. As chamadas *Cooperative Quadrangle*, desenvolvidas como unidades básicas residenciais das cidades-jardim, consistiam numa organização de vivendas unifamiliares sem cozinha, em torno de um pátio comum. Estas partilhavam uma cozinha profissionalizada e um refeitório onde as tarefas domésticas eram organizadas e partilhadas por cooperativa de inquilinos. Esta ideia ganhou forma em 1909, na cidade jardim de Letchworth, onde foram construídas 32 vivendas sem cozinha.

Não se pode deixar de mencionar as experiências soviéticas dos anos 20, onde se instalavam serviços e espaços comunitários, como cozinhas, balneários, creches, etc. como forma de emancipar a mulher proletária do trabalho doméstico, deste modo, poderiam assumir o mesmo papel do que o homem no mundo do trabalho. O edifício Narkomfin, projetado por Moisei Ginzburg, é um exemplo disso, mas destacam-se também projetos de El Lissitzky, Kostantin Melnikov, dos irmãos Vesnin, entre outos.

CASAS SEM COZINHA

Contudo, surgia também uma nova ideia, mais radical, que propunha a externalização completa do trabalho reprodutivo da habitação para que se convertesse em trabalho produtivo, remunerado, que podia ser feito tanto por homens como mulheres. Neste encadeamento surge a ideia dos *central kitchen buildings*, que começava a aparecer na Europa e nos Estados Unidos. Esta tipologia, reduzia a área das células habitacionais, retirando as cozinhas e outras áreas de serviços do seu interior, e substituía-as por uma cozinha central gerida por staff contratado. Os moradores estavam libertos da preparação das refeições, que eram encomendadas à cozinha central, assim como de uma série de tarefas domésticas como o tratamento da roupa ou a limpeza, que eram também asseguradas pelos funcionários do edifício. Este modelo, embora utilize a estratégia de serviços partilhados, esta não era utilizada como uma forma de cooperação para diminuir a carga de trabalho doméstico

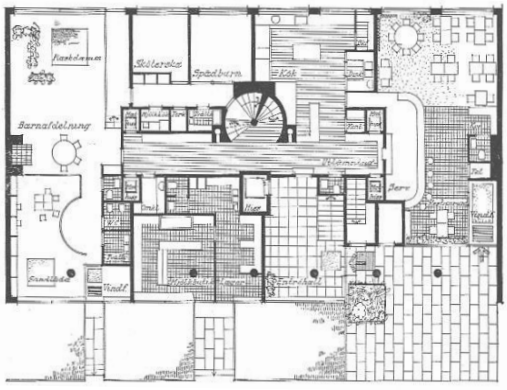


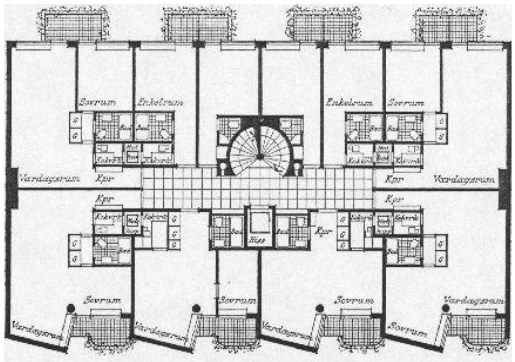
47. Mulher encomenda refeição ao restaurante do prédio a partir do seu apartamento.

ou fomentar as relações de vizinhança, mas como forma de racionar e tornar a habitação mais económica para a classe média. Vestbro documenta que o primeiro edifício deste tipo foi construído em 1903 em Copenhaga, numa iniciativa pioneira de Otto Fick, chamada de *Fick's Collective*. Contudo, Anna Puigjaner dá conta que em Nova Iorque, em finais do século XIX, início do século XX, este modelo era muito popular entre as famílias pequenas, casais sem filhos e solteiros, os chamados *Family Hotels*. A autora, fez uma compilação[105] onde constavam 186 edifícios residenciais deste tipo datados desde 1871 a 1929.

Esta ideia ia aparecendo noutros países como a Suécia, onde se construíram vários edifícios deste tipo, como o edifico *John Ericsonsgatan 6* (im. 48 e 49), construído em 1935 em Estocolmo, apontado por Vestbro como o primeiro edifício moderno deste tipo. Projetado pelo arquiteto sueco Sven Markelius, em conjunto com a reformadora social Alva Myrdal, consistia num bloco habitacional de 54 apartamentos de dimensões mínimas apoiados por serviços coletivos: sala comunitária, restaurante e instalações para o cuidado das crianças que seguia os princípios pedagógicos de Myrdal.

Assim, a partilha de espaços e serviços era vista pelos arquitetos modernistas como uma expressão de modernidade, como evidencia a frase de Le Corbusier: "*os serviços comuns, que são a chave da nova economia doméstica*"[106]. Através da coletivização e da colaboração que esta pressuponha, que o homem iria conseguir aceder a melhores condições de vida, e despertaria uma nova consciência, mais racional e democrática, e seriam precisas menos horas de trabalho, que poderiam ser empregues em atividades de lazer e cuidados de saúde. Posto isto, não necessitariam de apartamentos tão espaçosos, já que grande parte dessas atividades decorreriam nos espaços coletivos, reservando os apartamentos para o descanso e guardar os objetos pessoais. Contudo, estes modelos encontraram ao longo século XX uma forte oposição, tanto a nível político, ao serem associados ao regime comunista, como a nível social, já que a sociedade era ainda fortemente marcada pelo patriarcado, e o ideal da mulher como "dona de casa" estava muito presente, fazendo-o entrar em declínio.





48. Planta do piso térreo do Edifício *John Ericsonsgatan 6*.

49. Planta do piso tipo do Edifício *John Ericsonsgatan 6*.

[105] Puigjaner, A. (2014). *Ciudad sin cocina : el Waldorf Astoria, apartamentos con servicios domésticos colectivos en Nueva York, 1871-1929*. Universitat Politècnica de Catalunya. Departament de Projectes Arquitectònics. Barcelona.

[106] Corbusier, L. (1964). *When the Cathedrals Were White*. New York, McGraw-Hill Paperbacks, p 183.

DA CONTRATUALIZAÇÃO À AUTOGESTÃO

Vestbro destaca ainda o *Hasselby Family Hotel*, como uma mudança de paradigma importante para o desenvolvimento do *cohousing* contemporâneo. Construído na década de 50, este edifício albergava 328 apartamentos (sem cozinha), complementados por serviços comuns (como restaurante, cafetaria, salão de festas, infantário, ginásio, lavandaria). No início, os habitantes eram predominantemente de classes mais abastadas, contudo na década de 70, novos grupos de habitantes começavam a instalar-se, muitos deles com raízes em movimentos que procuravam modos de vida alternativos e feministas, que haviam despoletado na década anterior. Em 1976, o restaurante fechou, e esses novos habitantes e transportaram os valores desses movimentos para o hotel, assumindo um papel na gestão, na manutenção e utilização dos espaços comuns. Este episódio é importante, pois pela primeira vez foi despertado o sentido de comunidade associado ao *cohousing* contemporâneo, através da recuperação da gestão comunitária da habitação, agora apresentado como o *self-work model*, que em vez de pessoal contratado, baseia a sua gestão na cooperação entre os residentes, e abriu portas ao aparecimento dos modelos *centraal wonen*, *kollektivhus* e *bofællesskab*, mencionados anteriormente.

Apesar de ser complicado delinear de forma precisa a sequência histórico-evolutiva que levou até ao *cohousing*, vários autores sintetizam-na em quatro episódios chave: as comunidades utópicas, o conceito de *central kitchen buildings*, a transição de serviços contratados para um regime de colaboração entre habitantes e, por fim, a configuração das primeiras comunidades e edifícios de *cohousing*.

COABITAR O EDIFÍCIO

Em síntese, a ideia de coabitar, através do uso de serviços e espaços comuns na habitação, foi sendo utilizada em diversos momentos da história marcados por alterações estruturais da sociedade que impuseram o pensamento sobre a habitação. Desde a diminuição do peso do trabalho reprodutivo, à procura de um modelo de habitação mais sustentável tanto do ponto de vista económico como ecológico, o restabelecimento da comunidade, ou um modelo mais adaptado às necessidades das novas estruturas sociais, várias foram as motivações que viam na coabitação uma solução.

A CASA E A CIDADE

Atualmente, como vimos, atravessamos um momento marcado não só pela diversidade, que se denota na variedade de estilos de vida, como pela incerteza, a instabilidade e a mobilidade que esta acarreta, impondo ao espaço doméstico uma capacidade de se adaptar às mudanças e de se reprogramar de acordo com as necessidades dos diferentes utilizadores que o vão ocupando ao longo do tempo. Para além disso, vivemos o que muitos autores consideram ser uma revolução digital, que tem vindo a modificar a sociedade de forma profunda. Anna Puigjanner, argumenta que o espaço virtual criado pelos avanços tecnológicos, onde o indivíduo vive altamente conectado, vem alterando a noção de domesticidade, da intimidade e da publicidade, esbatendo a separação entre o que é do domínio do público e do privado (que antes era bem vincada pelas paredes das nossas casas, e ordenava a vida, distinguindo a ação que é pública, da privada).

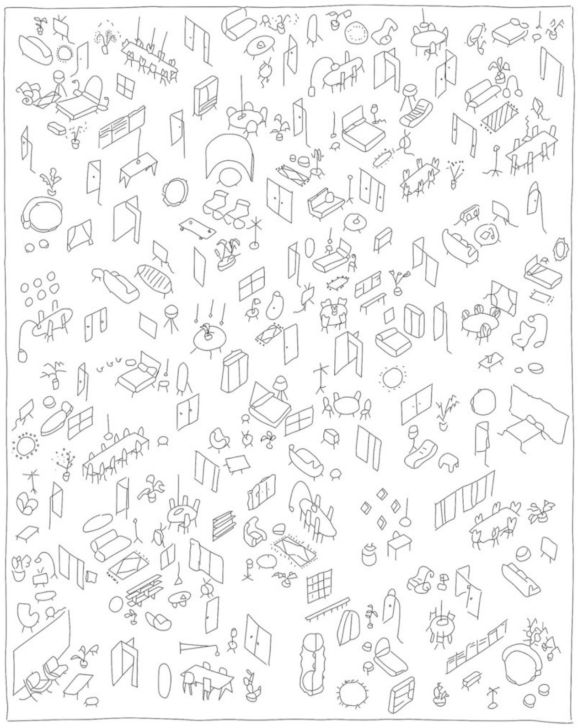
Gradualmente, a casa tem-se vindo a tornar numa entidade difusa, os seus limites físicos e imateriais não coincidem, diluindo-se pela cidade, que é contaminada pela domesticidade, "*Usos originalmente domésticos fracionam-se e são incluídos na cidade: pode-se comer num restaurante, encontrar-se com amigos num café, guardar comida nos refrigeradores ou nas lojas 24 horas abertas e lavar a roupa na lavandaria*"[107]. Ao mesmo tempo, e em sentido inverso a casa tornou-se mais urbana, atividades de carácter público estão mais presentes que nunca no seio do espaço doméstico, como é o caso do trabalho, mas também eventos

[107] Toyo Ito cit. em Galfetti, G. G. (1997). *Pisos piloto: células domésticas experimentales*. Barcelona, Gustavo Gili, p 88.

públicos e sociais, conferindo à casa um novo papel, "*A casa de hoje é onde o doméstico e o urbano, o trabalho e o lazer, o privado e o público, convergem num emaranhado enigmático*"[108] . Anna Puigjanner explica que esta "*já não é apenas um espaço imutável para os nossos pertences e um espaço de cuidados. Em vez disso, é um espaço transitório, produtivo e interligado que pode - e deve - responder a qualquer necessidade*"[109]. No fundo, pode-se dizer que a casa e a cidade se fundiram numa entidade que alberga a vida do indivíduo. Deste modo, o sentido de casa ultrapassa o reduto da célula doméstica e alberga também o território em que se insere:

> *"Importa, hoje em dia, considerar o habitar, verdadeiramente, como o habitar (d)a cidade e mesmo da paisagem, de uma paisagem agradavelmente delimitada, e considerar vivermos num determinado 'sítio', muito mais do que numa dada habitação"* [110]

António Batista Coelho põe assim em evidência a inter-relação entre a casa e a cidade, em que uma é o prolongamento da outra, e que faz da célula doméstica apenas mais um espaço, o mais íntimo, de uma casa maior que se espalha pela cidade, fazendo assim jus à afirmação de Aldo van Eyck de que "*uma casa é uma cidade pequena, uma cidade* (é) *uma casa enorme*"[111]. Uma casa que é coabitada, em que os indivíduos partilham os mesmos espaços, serviços e infraestruturas (que complementam a sua célula doméstica), seja por economia de tempo, trabalho ou dinheiro.





50. A interligação de interiores infinitos permite pensar o mundo como um "grande interior", que Sloterdijk define como uma paisagem doméstica infinita definida por objectos e tecnologia.

51. "The Grand Interior", 2020, MAIO Architects.

[108] Puigjaner, Anna (2020). *Towards a Diffuse House*
Disponível em: https://www.e-flux.com/architecture/housing/333708/towards-a-diffuse-house/
[109] Puigjaner, Anna (2020). *Towards a Diffuse House*
Disponível em: https://www.e-flux.com/architecture/housing/333708/towards-a-diffuse-house/
[110] António Baptista Coelho em Ramalhete, F. and R. Carvalho (2013). Habitar Pensar Investigar Fazer. Lisboa, CEU, p 99.
[111] Aldo van Eyck cit. em Hertzberger, H. (1991). *Lessons for Students in Architecture*. Rotterdam, 010 Publishers, p 193.

Assim, de certo modo, a ideia da coabitação já se encontra presente, ainda que à escala da cidade existindo diversos fatores que o explicam: sem dúvida que o fator económico tem um grande peso, a menor fixação da população e a mobilidade que esta acarreta, seja pela instabilidade laboral, seja pelos grupos de população temporária, como é o caso dos estudantes ou os nómadas digitais, afasta as pessoas de compromissos duradouros, e faz com que busquem alternativas "provisórias" nos serviços da cidade; também um fator social intervém, já que a crescente independência do indivíduo em relação ao agregado habitacional, faz com que este procure espaços alternativos para suas as relações pessoais. Contudo, o que a torna realmente possível é a proximidade, física ou virtual, entre a célula e os serviços da cidade, que permite estabelecer essa relação de complementaridade, já que um maior afastamento, pressupõe mais tempo nas deslocações, e torna-se assim um obstáculo, impondo introdução dessas atividades no seio doméstico.

ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO

Reconhecendo esta nova domesticidade, em que "*a atividade doméstica já não corresponde* (apenas) *aos limites da casa*"[112], tendo esta delegado certas funções à cidade, o *cohousing* propõe introduzir este princípio da vida na cidade dentro do próprio edifício, exteriorizando também algumas das funções (que não pertencem ao domínio da intimidade) da célula doméstica, e implementa-as em espaços partilhados pelas várias células, criando um domínio comum às várias células do edifício. Desta forma, não só consegue otimizar a relação da célula com os serviços exteriores, aproximando-os e mantendo-os no domínio do privado, o que permite um certo controlo de quem os utiliza e consequentemente um maior sentimento de segurança, como cria espaços alternativos à célula doméstica, não limitando a vivência no edifício apenas ao interior da célula. No fundo, ao contrário das estruturas que albergam células, que agem de forma independente servindo-se dela apenas para o acesso, o *cohousing* assume essa dependência e explora-a, dotando-lhe de mais funcionalidades.



52. Lavandaria *self-service*

53. Lavandaria comum no edifício de habitação La Borda, Barcelona

[112] Monteys, X. (2001). *Casa collage : un ensayo sobre la arquitectura de la casa.* Barcelona, Gustavo Gili, p 146.

Para além da relação entre as células, muitas vezes invocada como uma forma de criar um sentido de comunidade, existem outras potencialidades nesta estratégia de pensar o edifício como um organismo que sustenta e apoia as várias células, nomeadamente o uso mais sustentável do próprio edifício, tanto ao nível económico como ambiental, já que propõe um uso mais eficiente dos espaços e serviços que se utilizam de forma mais pontual através de estratégias de utilização e consumo coletivo. Em vez de sistemas individuais de aquecimento, água quente, tratamento da roupa ou até mesmo internet, poderia ser substituída por um único sistema, mais eficiente, que servisse todas elas. O coletivo Lacol aponta que estas estratégias podem ir mais longe se a comunidade de habitantes assumir um papel participativo no processo de planeamento e promoção do edifício, pois retirado do mercado, onde o interesse é gerar lucro que leva a optar por soluções mais baratas, podem ser adotadas estratégias a longo prazo, em que ainda que comportassem um maior investimento inicial, no futuro estas possibilitariam uma poupança maior.

ESPAÇOS E SERVIÇOS COMUNS

Estes espaços são entendidos como um prolongamento da célula e podem ter um uso programado e predefinido, tal é necessário caso sejam espaços que requeiram alguma infraestrutura como é o caso de uma lavandaria ou uma cozinha. Contudo podem ser também espaços polivalentes que, não comprometidos com uma função especifica, permitam uma apropriação por parte dos habitantes. Consoante a sua natureza, estes podem assumir diversas posições no edifício, sendo que as zonas centrais do edifício são preferíveis de forma a equidistar das células opostas. Segundo o coletivo espanhol Lacol, esta posição é favorável pois, é essencial que estes espaços integrem o percurso rua-célula, sob pena que demasiado afastadas ou assumindo uma posição anexa a utilização destes espaços pode ser comprometida. Os espaços de utilização exclusiva dos habitantes por norma assumem uma posição mais resguardada no edifício (relacionados com o interior do quarteirão, pisos intermédios ou terraço), já os usos mais públicos, passíveis de serem abertos ao público, posicionam-se preferencialmente no rés-do-chão, de forma a fazer a transição entre a rua e o edifício.

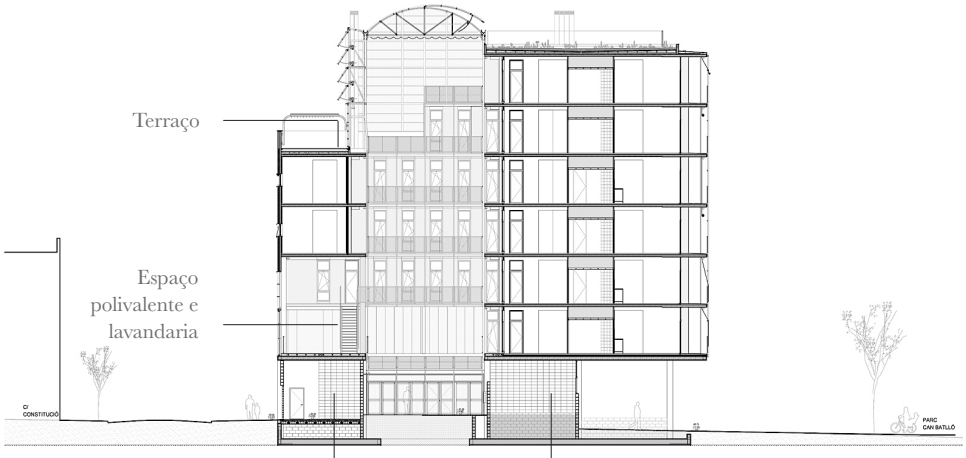


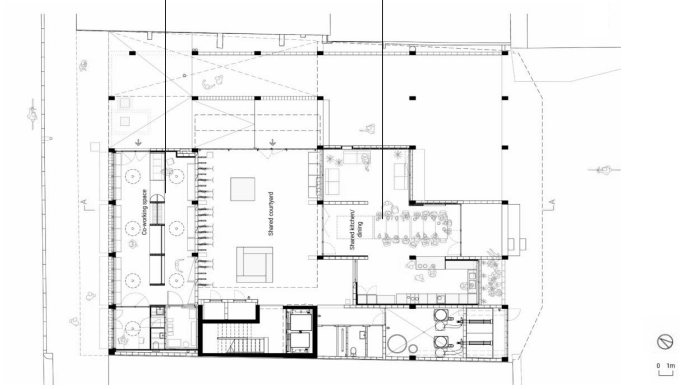


54. Espaço polivalente, La Borda, Barcelona

55. Cozinha e sala de refeições, La Balma, Barcelona

Estes são "*espaços de relação entre o indivíduo, o núcleo de convivência, a comunidade e a sociedade*"[113] e mais do que um filtro, podem ser uma ferramenta importante na relação que estabelecem com o entorno. Em vez de edifícios monofuncionais, que atuam como ilhas isoladas, desarticuladas do espaço público, estes assumem-se como "*uma infraestrutura permeável às necessidades do seu entorno*"[114] que procura estimular relações com o território em que se insere, dedicando o rés-do-chão a comércio ou equipamentos, que colmatem as necessidades do contexto em que se insere, entendendo que "*o direito à habitação não se pode separar do direito à cidade, entendido como o direito de viver num entorno saudável, agradável e seguro*"[115]. Dois exemplos disto, em duas escalas muito distintas são: La Borda, um bloco habitacional localizado em Barcelona, em que no rés-do-chão foi dedicado aos espaços comuns: uma cozinha e refeitório partilhado, numa posição mais resguardada virada para o interior do quarteirão, e em relação com a rua, um espaço dedicado ao *coworking* aberto ao público (im. 56 e 57). A uma escala muito maior e num contexto diferente, mas com o mesmo objetivo, o complexo Kalkbreite em Zurique, que ocupa todo um quarteirão, para além de espaços dedicados ao comércio, o edifício permite a utilização pública do terraço e chega mesmo a integrar uma estação de transporte público (elétrico), participando na criação de cidade (im. 58, 59 e 60).





La Borda, Lacol Arquitectes, Barcelona, 2018

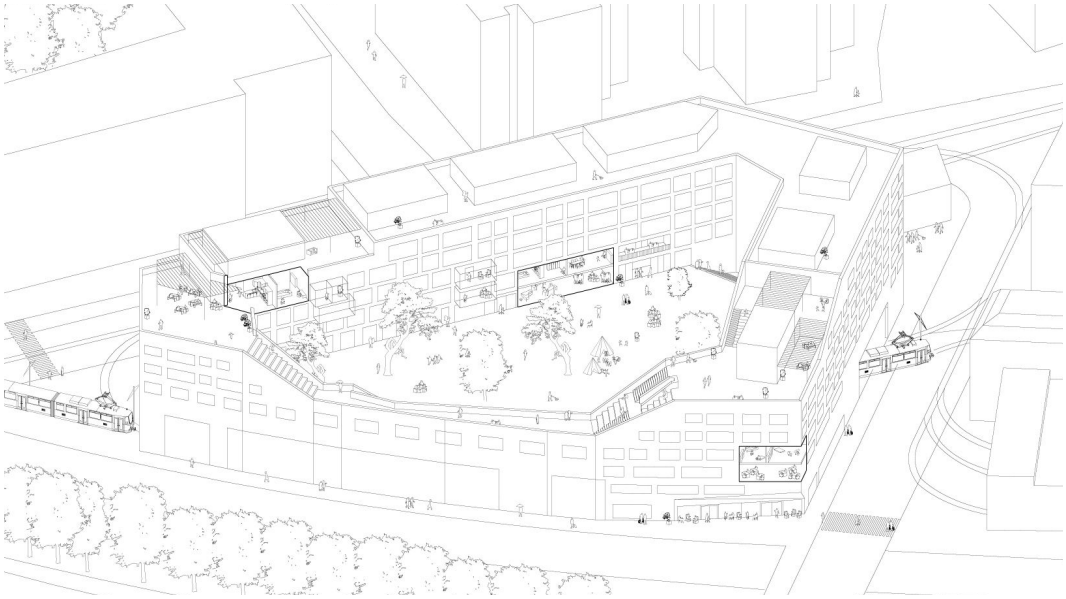
56. Corte

57. Planta do piso térreo

[113] Lacol and L. C. Invisible (2020). *Habitar en comunidade: La vivienda cooperativa en cesión de uso*. Madrid, Los Libros de la Catarata, p 38.

[114] Lacol and L. C. Invisible (2020). *Ibidem*, p 36.

[115] Lacol and L. C. Invisible (2020). *Ibidem*, p 37.







Kalkbreite, Müller Sigrist Architekten, Zurique, 2014

58. Axonometria

59. Ligação rua - cobertura

60. Cobertura de utilização pública

ESPAÇOS DE CIRCULAÇÃO

Também os espaços de circulação têm um papel importante, pois são eles que põem as células privadas em relação com os espaços e serviços comuns. Geralmente, estes são concebidos para uma única função (o acesso às células), o que gera espaços de dimensões mínimas e desprovidos de qualidades espaciais que promovam a permanência e a sua utilização para além dessa, resultando num espaço desaproveitado, já que a sua utilização é muito reduzida. Contudo, tal como os espaços comuns mencionados anteriormente, entendidos como um prolongamento da célula, os espaços de circulação passam a ser um espaço para o qual esta se pode expandir e apropriar, no entanto, com um diferente tipo de exposição é certo, já que é partilhado por outras células, quase como se um alpendre se tratasse. Para tal, não só os corredores têm de deixar de ser pensados como espaços mínimos apenas para a distribuição de fluxos, mas espaços que possam ser utilizados para outros fins, fazendo-os crescer de forma a que possam ser apropriados, como as células tem de ser pensadas para que se possam apropriar deles, abrindo vãos que permitam ligar os espaços.

> *"Desde que incorporemos as sugestões espaciais adequadas no projeto, os habitantes estarão mais inclinados a expandir a sua esfera de influência para o exterior, para o espaço público. Mesmo um pequeno ajustamento através da articulação espacial da entrada pode ser suficiente para encorajar a expansão da esfera de influência pessoal, e assim a qualidade do espaço público será consideravelmente aumentada no interesse comum."* [116]

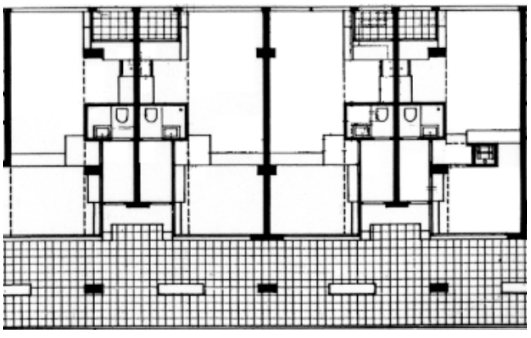
Apesar da área do corredor aumentar, aumentam também as possibilidades do seu uso, o que representa um melhor aproveitamento do espaço e potencia a relação entre as células. Não se trata de impor a relação entre os habitantes, mas dar oportunidade de tal acontecer e ao mesmo tempo enriquecer a célula doméstica através da disposição de espaços de diferentes naturezas. Peter Zumthor, na residência para pessoas de terceira idade em Chur, Suiça, utiliza esta estratégia, aí o corredor que dá acesso às várias células torna-se um espaço propício ao encontro e convívio dos habitantes (im. 61 e 62).





Residência para idosos, Peter Zumthor, Chur, Suíça, 1993

61. Planta; **62.** Fotografia

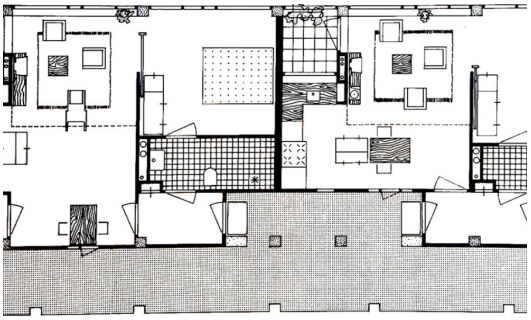




Residência de estudantes *Weesperstraat*, Herman Hertzberger, Amesterdão, Países Baixos, 1966

63. Planta; **64.** Fotografia

[116] Hertzberger, H. (1991). *Lessons for Students in Architecture*. Rotterdam, 010 Publishers, p 41.





Complexo habitacional *De Drie Hoven*, Herman Hertzberger, Amesterdão, Países Baixos, 1971

65. Planta; **66.** Fotografia

Assim, o *cohousing* propõe a redefinição da transição entre o público e o privado: da transição abruta entre o espaço íntimo e o espaço público, passa-se a um gradiente, com a valorização de uma escala intermédia, um domínio comum às células privadas, que faz a transição entre a componente pública e íntima da vida doméstica, e ao mesmo tempo põe-nas em relação umas com as outras, dando espaço a encontros e a criação de relações entre os habitantes. Desta forma "*o edifício estende o conceito de espaço público e a multifuncionalidade da cidade*" [117].

[117] Lacol and L. C. Invisible (2020). *Habitar en comunidade: La vivienda cooperativa en cesión de uso*. Madrid, Los Libros de la Catarata, p 42.

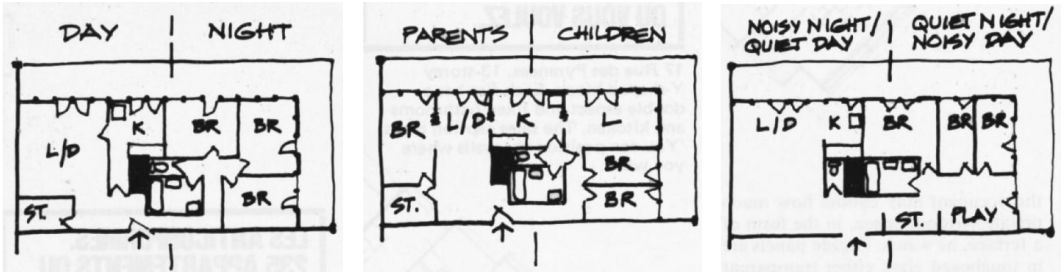
COABITAR A CÉLULA

Este modo de pensar o espaço doméstico como um conjunto de espaços que se complementam, proposto pelo *cohousing*, abre portas a pensar também a própria célula doméstica e as suas dinâmicas internas, já que complementada pelos espaços comuns, rompe a sua estrutura convencional, deixando de ser um reduto compacto e isolado da estrutura em que se insere e assume uma postura mais aberta. Assim, torna-se uma casa fragmentada pelo edifício.

DESIERARQUIZAÇÃO

A ideia da vida familiar, continua muito presente na organização das células domésticas. Isto denota-se sobretudo nas suas organizações segundo divisões dia/noite (a zona de dia associada à sala e à cozinha, e a zona de noite associada aos quartos) ou servido/servido que espelham o ritmo de vida e dinâmicas da família "tradicional", com plantas hierarquizadas, onde os espaços comuns, nomeadamente a sala, tendem a assumir um maior destaque, sendo lhe atribuída maior área, e onde se dá primazia no tratamento de um dos quartos (associado ao quarto para o casal), em detrimento dos outros, que se resumem a pequenos dormitórios (para os filhos). Xavier Monteys argumenta:

> *"este predomínio da sala sobre os quartos, acontece pela casa ser um espaço concebido para uma família tradicional num período específico da sua vida – compreendido entre o nascimento e a emancipação dos filhos – e corresponde pouco à cada vez mais heterogénea classe de vínculos que se estabelecem no terreno das relações familiares"* [118]



67. Diferentes estratégias de organização do espaço doméstico

[118] Monteys, X. (2001). *Casa collage : un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona, Gustavo Gili, p 56.

No fundo a casa pensa no habitante, segundo o seu papel dentro do seio familiar e não como um indivíduo independente. Desta forma, a validade destas soluções torna-se discutível, não só pela diversidade dos agregados habitacionais, que nem sempre correspondem a elementos da mesma família, como pela dessincronização dos ritmos de vida e dos horários de cada um dos indivíduos. Estes fatores têm vindo a transformar a forma como se utilizam os vários espaços da casa, não havendo uma apropriação única e clara dos espaços segundo uma hora e função especifica.

Um dos espaços cujo modo como é utilizado e o próprio papel na vida do indivíduo se vem alterando é a cozinha, resultado de uma transformação da relação do indivíduo com a alimentação, e dos modos de adquirir, preparar e consumir os alimentos.

> *"mudou o que comemos, mas sobretudo, mudou o sentido que esta atividade tinha na vida social dos nossos antepassados. Talvez porque a alimentação era a principal preocupação de uma sobrevivência difícil, agora passa a ocupar uma parte significativa, mas ao mesmo nível que outros interessas menos dramáticos e, sobretudo, vinculados ao ócio e prazer dos sentidos."*[119]

Xavier Monteys fala em vários fatores que explicam as mudanças: complexos horários laborais, a crescente simultaneidade entre as refeições e atividades de ócio, a facilidade de comer fora de casa ou os serviços de entregas ao domicílio, o aumento da presença de comida pré-preparada, por um lado tornaram o ato de comer individual e informalmente como prática comum, por outro diminuíram o tempo dedicado a cozinhar. Neste sentido, o autor aponta para uma excisão no ato de cozinhar: ou é entendido como um *hobby*, no qual o indivíduo investe o seu tempo e encara a cozinha não como uma obrigação, mas como uma atividade da qual retira prazer, ou como uma "estrita reposição de forças", na qual procura gastar menos tempo possível. Posto isto, a cozinha parece abandonar o estatuto de servidor do espaço social, mantido longe dos olhares, para integrá-lo, adotando uma postura mais informal e descontraída.



68. Momentos de lazer em simultâneo com refeições

[119] Salvador Cardús cit. em Monteys, X. (2001). *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona, Gustavo Gili, p 108 - 110.

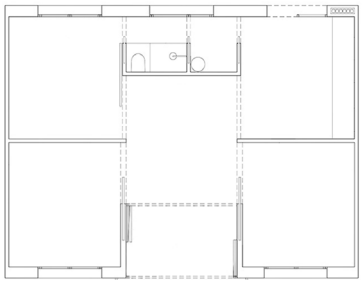
Também a sala de estar e o quarto ilustram esta transformação. Para além dos fatores enunciados anteriormente, a atomização dos dispositivos eletrónicos, vem individualizando atividades que antes ocupavam um sentido coletivo/social da casa no espaço comum, um único dispositivo (a televisão) servia para todos, "*o desenvolvimento de eletrodomésticos relacionados com o ócio, o trabalho ou a comunicação, romperam o binómio: uma casa = uma televisão, um telefone, um aparelho de wi-fi ou um computador, para associar a uma pessoa = um ecrã, um telemóvel, etc.*"[120]. Assim, atualmente a sala vem perdendo o estatuto de centro da vida da casa, com o quarto a assumir protagonismo. Mais do que o espaço de descanso, o quarto é agora um espaço que alberga outras componentes da vida do indivíduo como o trabalho e o lazer, aproximando-se mais da ideia de casa, segundo Xavier Monteys.

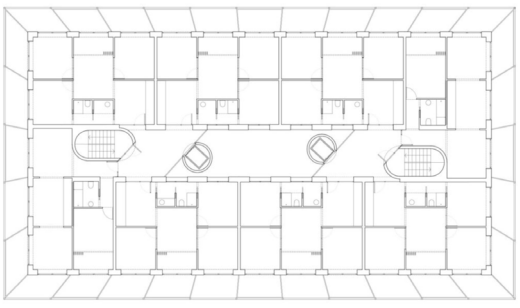
No fundo, atualmente, o papel da célula doméstica passa por compatibilizar os diferentes ritmos de vida dos vários indivíduos que o partilham, e cuja vida se fragmenta pela cidade, sejam eles da mesma família ou não. Posto isto, diversos autores[121] propõem um aumento do espaço do íntimo de indivíduo em detrimento do espaço social, o que representa uma rutura na hierarquia convencional da casa, em que do esquema genérico de sala grande e quartos pequenos, passa-se para um esquema onde os quartos conquistam área à sala, homogeneizando (em termos de dimensões) os espaços que compõe a casa, e de acordo com Monteys, implica uma nova estratégia a nível de desenho: "*supõe que a casa é resultado de uma operação de agregação, mais do que de uma subdivisão de um espaço em diversos compartimentos especializados*"[122], utilizando o quarto como célula base da composição da casa. Não se trata de uma negação do espaço social da célula, mas uma adequação aos estilos de vida.



69. "Home. Invisible Landscapes", MAIO Arquitectes, 2018.

Quarto como um espaço multifuncional, mais que apenas um espaço de descanso





70. e **71.** Projeto para 40 unidades de habitação social, MAIO Arquitectes, Barcelona, 2018.

Os módulos são concebidos como uma agregação de espaços genéricos, que rompem com a hierarquia convencional da casa, tendo em vista uma maior flexiblidade e adaptabilidade às mudanças das necessidades dos habitantes.

[120] Monteys, X. (2001). *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona, Gustavo Gili, p 58.

[121] Xavier Monteys e Txatxo Sabater, em *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa* e em *Novos Descritores, Novos Operadores Projetuais*, respetivamente.

[122] Monteys, X. (2001). *Ibidem*, p 58.

ADAPTABILIDADE

Esta proposta, associada à exteriorização de algumas das funções do interior da célula, abre caminho a uma flexibilização do uso da mesma. A homogeneização dos espaços conseguida através da desierarquização, permite pensar espaços descomprometidos com uma função especifica, que deixam ao habitante a decisão de como utilizar a casa, "*não se trata de cada compartimento poder albergar atividades simultâneas, mas que seja o conjunto – dispondo de vários espaços encadeados, ainda que pequenos – que permitam um uso mais versátil da casa*"[123]. Monteys dá o exemplo das casas dos finais do século XIX, que eram compostas por uma série de compartimentos cuja função era indefinida, cabendo ao habitante a sua definição através dos objetos e mobiliário. O autor, argumenta que a flexibilidade que esta ambiguidade programática proporcionava, foi posta em causa pela especialização dos espaços, e dá o exemplo dos corredores, como espaços cuja especialização relegou a ser apenas um lugar de passagem, resultando num desaproveitamento do espaço. Este aponta também para uma valorização de determinados espaços, considerados úteis, em detrimento de outros, considerados menores, que "*parece sugerir que os usuários apenas podem usufruir da sua casa em determinados espaços, enquanto outros – os corredores, distribuidores e halls de entrada – estão condenados a ser pequenos e obscuros, no fundo, lugares a evitar.*"[124]

Um dos apoiantes desta estratégia é Hertzberger, que a denomina de habitações de "incentivos"[125], defendendo edifícios e habitações capazes de produzir associações para que diferentes interpretações sejam feitas pelos usuários, de acordo com as suas necessidades. Neste sentido, o papel do arquiteto não é o de impor ou definir determinada ocupação no espaço, mas de oferecer possibilidades de ocupação, fazendo a mediação entre a ocupação e o espaço.

> *"se queremos responder à multiplicidade na qual a sociedade se manifesta, devemos libertar a forma dos grilhões dos significados cristalizados. Devemos procurar continuamente as formas arquetípicas que, pelo facto de poderem ser associados a múltiplos significados, são capazes não só de absorver, mas também de gerar um programa. Forma e programa produzem-se mutuamente."* [126]

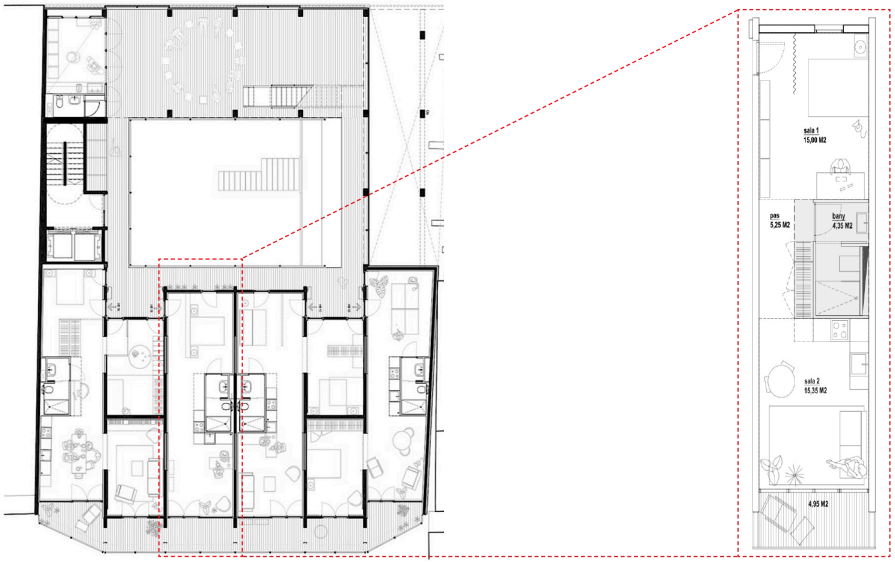


72. Ilustração de Saul Steinberg para a exposição realizada em Detroit "An Exhibition for Modern Living," 1949.

A diversidade dos modos de ocupação dos espaços num mesmo edifício.

[123] Monteys, X. (2001). *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona, Gustavo Gili, p 52.
[124] Monteys, X. (2001). *Ibidem*, p 52.
[125] Conceito desenvolvido por Hertzberger em Hertzberger, H. (1991). *Lessons for Students in Architecture*. Rotterdam, 010 Publishers, p 164.
[126] H. Hertzberger cit. em Ribeiro, M. B. (2012). *Projectar para o presente e o futuro: Os conceitos de adaptabilidade e flexibilidade na habitação plurifamiliar*. Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, p 71.

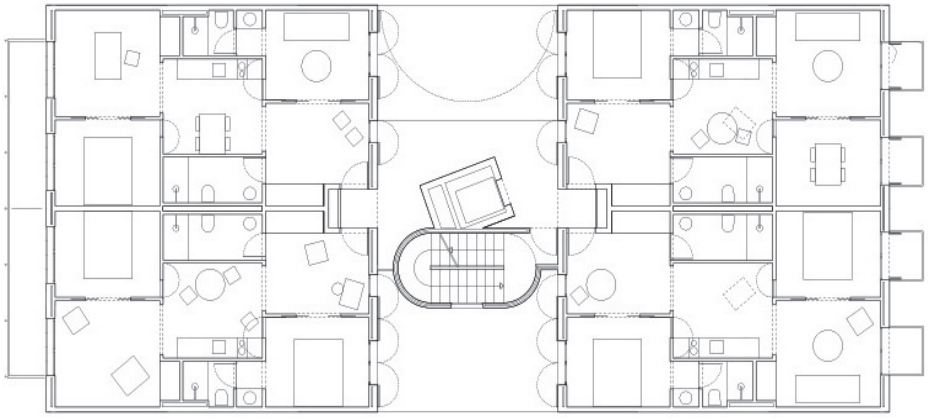
Esta solução, é utilizada em dois edifícios do coletivo Lacol que seguem o modelo de *cohousing*: La Borda e La Balma, em Barcelona. As células base são compostas por uma sequência de três zonas, dispostas longitudinalmente, sendo a zona central é dedicada ao núcleo de serviços onde se encontra a cozinha e a casa de banho, e faz a separação entre os dois espaços, descomprometidos com qualquer função, posicionados nos extremos, sendo que um se relaciona com o espaço de circulação, através do qual se faz o acesso, e o outro em contacto direto com a fachada, assume uma posição mais resguardada (im. 74 e 75). Assim, as células conferem ao habitante a liberdade de decidir o uso de cada espaço, de acordo com as suas necessidades e características do mesmo. Esta liberdade é conseguida também porque se descompromete com funções como o tratamento da roupa e com a redução do tamanho da cozinha, já que são complementadas pelos espaços comuns. A mesma estratégia é também utilizada de forma similar, pelo coletivo MAIO Arquitectes, no edifício 110 rooms, também em Barcelona, em que uma sequência de 5 espaços que comunicam entre si através de portas, permite fazer diversas associações: o mesmo esquema origina diversas formas de ocupação (im. 76).



73. Planta do primeiro piso do edifício La Borda.
74. Planta do módulo base.



75. Planta do primeiro piso do edifício La Balma



76. Planta do piso tipo do edifício 110 Rooms



77. Diagrama de evolução dos módulos

Desta forma, a célula não se vale pela quantidade de habitantes que pode albergar, mas pela quantidade de espaços e pelos vários usos que estes podem assumir, tornando-se um espaço neutro e adaptável às diversas formas de ocupação. Por exemplo, admitindo que a célula é destinada à partilha entre indivíduos sem qualquer vínculo familiar, como já acontece com os estudantes por exemplo, teoricamente a célula até poderia prescindir do espaço social, para albergar mais um quarto, e servir-se dos espaços comuns do edifício.

EVOLUÇÃO

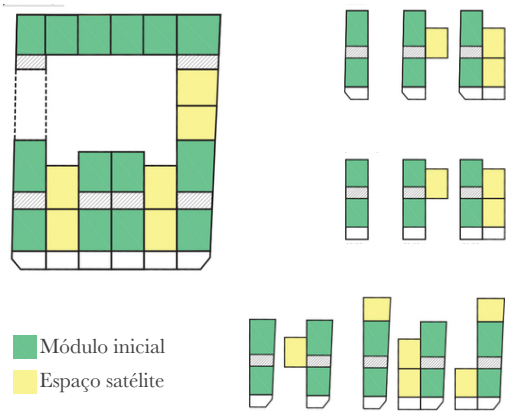
Para além disso, este modo de conceber a célula doméstica, através de uma operação de agregação de espaços sem uma função predeterminada, mais do que a subdivisão de um espaço em diversos compartimentos especializados, permite, teoricamente, expandir a área inicial da célula através da agregação de um espaço de outra célula contigua. Tal acontece no edifício 110 rooms (im. 77) e em La Balma (im. 76), no entanto, esta estratégia revela-se algo limitada, já que pressupõe que as necessidades espaciais dos diferentes habitantes coincida.

Contudo, este entendimento do espaço doméstico como um espaço fragmentado e espalhado pelo edifício, que o *cohousing* propõe, (em que a célula privada, espaço da intimidade, é apoiada pelos espaços comuns) abre portas a estratégias que o podem tornar mais adap-

tável e flexível às mudanças que as inúmeras condicionantes lhe impõem, já que abdica de ser um reduto compacto, onde a evolução tem de acontecer através da compartimentação desse espaço definido à priori, e pode expandir-se, de acordo com as necessidades do habitante, através da adição de novos espaços, que tal como os espaços comuns poderiam estar dispersos pelo edifício.

> *"para propor outra forma de pensar o bloco de habitação, deve-se partir da premissa que a casa já não é uma unidade compacta dentro do edifício: trata-se de idealizar edifícios que permitam dispersar a casa por ele. (...) Casa, estúdio ou escritório, apartamento para filhos maiores ou idosos, espaço de armazenamento, oficina de bricolagem ou um terraço, podem estar dispersos pelo edifício sem ter de conformar uma casa compactada."* [127]

Esta solução, designada habitação satélite[128], trata-se de um elemento autónomo da casa, situado dentro do edifício, que não busca ser um pequeno apartamento, mas um complemento ao existente. "*De certa forma podem ser considerados uma conclusão derivada do pensamento da casa como uma soma de compartimentos*"[129]. Esta trata-se de uma proposta para dotar a casa de um compartimento extra, adaptável às necessidades do habitante, permitindo não só ampliar a área inicial da célula, como também as possibilidades de uso: a convivência de uma pessoa mais idosa, sem que esta perca a sua intimidade, a emancipação parcial de um filho, pode também ser uma solução para facilitar o trabalho em casa, sem que este interfera nas dinâmicas domésticas, ou simplesmente para um hobby que não se acomode facilmente em casa. Xavier Monteys vê nesta estratégia uma forma de flexibilizar o uso do próprio edifício, dando espaço a novas funções e novas formas de coabitação. Dependendo da localização no edifício, estes espaços podem estabelecer diferentes relações com as células que servem. Mais próximos da célula, podem ser um dispositivo que possibilite a sua anexação. Esta solução foi adotada no edifício La Borda, em que dois compartimentos fazem a separação entre células, permitindo a sua anexação apenas com uma pequena intervenção no tabique e na instalação elétrica.

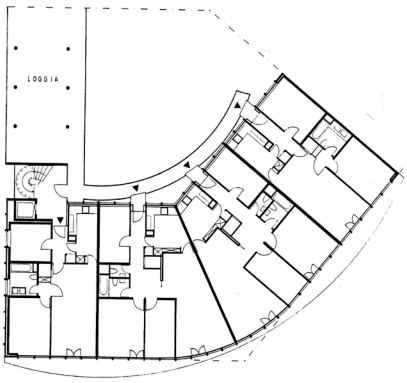


78. Diagrama de associação dos módulos base aos espaços anexos que permitem a expansão

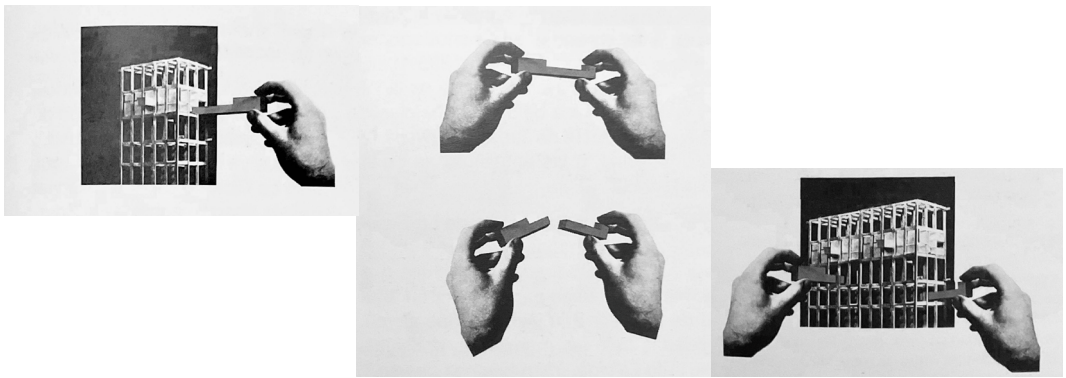
[127] Monteys, X. (2001). Casa collage : un ensayo sobre la arquitectura de la casa. Barcelona, Gustavo Gili, p 146.
[128] Esta designação é encontrada em Xavier Monteys e Txatxo Sabater, em *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa* e em *Novos Descritores, Novos Operadores Projetuais*, respetivamente
[129] Monteys, X. (2015). *La habitación: Más allá de la sala de estar*. Barcelona, Gustavo Gili, p 110.

Contudo, como referido acima se pensarmos na ideia de casa fragmentada, tal como os espaços e serviços de utilização partilhada, também estes compartimentos poderiam estar dispersos pelo edifício, sem que haja um vínculo com uma célula especifica, estes poderiam fazer parte de um bem comum, e fazer uma utilização segundo se necessite. Xavier Monteys, aponta para a necessidade de equipar esses espaços, com serviços que garantam uma certa independência, contudo isso seria uma forma de encarecer, em alternativa estes espaços poderiam aproximar-se dos serviços de uso comum e usá-los como apoio. A Unidade de Habitação de Marselha, por exemplo, era "*de modo incipiente, um aglutinador de casas difusas*" [130] , em que cada célula tinha umas extensões: habitações independentes no quarto piso, que funcionavam em regime de hotel para alojar visitas, ou o infantário, para as crianças. Também o edifício residencial Schwitter, em Basileia, dos arquitetos Herzog & de Meuron, na qual, os terraços privados estão separados das células (sendo unidos por umas passarelas), para que tivessem uma melhor orientação solar (im. 79).

> *"Se o modo de viver influência a forma da casa e a autonomia das suas divisões, agora é o bloco – tradicionalmente concebido como uma agregação de habitações – que pode ser repensado a partir da sua lógica interna destas, estabelecida através do vínculo com o indivíduo ou com as relações entre eles. São eles que determinam a forma, a extensão e o grau de dispersão dos espaços que compõem a sua casa. Eles são a casa."*[131]



79. Planta do edifício residencial Schwitter, Herzog & de Meuron, Basileia, 1985



80. Espaço doméstico fragmenta-se e dispersa-se pela estrutura

[130] Monteys, X. (2001). *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona, Gustavo Gili, p 146.
[131] Monteys, X. (2001). *Ibidem*, p 148.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega-se assim ao final do caminho que se foi percorrendo ao longo da dissertação. Uma caminhada errante, que começou sem um destino traçado, que foi à descoberta, deixando que cada passo dado desse pistas para o passo seguinte, e assim lentamente, o caminho foi-se desenhando pelo registo das pegadas que ficavam para traz. Um caminho pautado por diversas paragens. Paragens breves, talvez algumas merecedoras de maior atenção, contudo eram apenas lugares de passagem, que davam instrumentos para o caminho que ainda havia por percorrer. O destino, esse não chegou e talvez nunca chegue, pois não se tratou de chegar, apenas de caminhar.

Na primeira parte da dissertação aponta-se para a relação entre o indivíduo e os espaços que habita, para a influência que estes exercem sobre ele, não só ao nível do dia-a-dia, nas rotinas e hábitos, criados a partir da ordenação das atividades no espaço e das dinâmicas e sequências espaciais propostas, como a um nível mais profundo, intervindo na forma como o próprio indivíduo perceciona e se relaciona com essas mesmas atividades e com o mundo à sua volta. O espaço, constitui assim, um carácter modelador do próprio indivíduo que o habita, o que confere uma responsabilidade acrescida à arquitetura, pois não se trata apenas de uma resposta funcional a um determinado problema, trata-se também de propor uma forma do indivíduo se relacionar com o mundo. Se a resposta funcional é guiada por uma série de condicionantes - tecnológicas, económicas, sociais - do tempo em que intervém, a proposta de relação do indivíduo com o mundo é fundada em ideais, por conseguinte, o ideal aparece como um elemento fundamental da arquitetura. Pallasmaa reforça esta ideia quando afirma que "*Ao projetar, o arquiteto autêntico imagina uma sociedade ou um habitante ideal. Só um edifício que construa um ideal pode surgir como uma arquitetura relevante.*" [132]

[132] Pallasmaa, J. (2016). Habitar. Barcelona, Gustavo Gili, p 74.

Neste sentido, o *cohousing* apresenta-se como um modelo de habitação, em que mais do que responder a uma necessidade habitacional, procura promover uma outra forma de pensar e viver os edifícios destinados à habitação plurifamiliar, apoiando-se num ideal do coletivo, em detrimento do individualismo implícito no paradigma atual, no qual cada célula se fecha em si mesma e se isola da estrutura em que está inserida, servindo esta apenas como acesso às várias células que agrega. Apesar deste ser visto principalmente como uma ferramenta para a criação de comunidade - sendo por isso muito associado a processos participativos de construção e autogestão - essa não foi a abordagem da presente dissertação. Olhou-se antes para o *cohousing*, como um modelo habitacional a partir do qual se pode aprender a explorar as potencialidades de coabitar uma mesma estrutura, não só através da valorização dos espaços comuns e das possibilidades que estes oferecem à vida nestas estruturas e nas próprias células domésticas, como através de estratégias de consumo coletivo, sendo a comunidade um resultado das dinâmicas que este propõe. Esta abordagem, torna-se especialmente relevante no contexto atual, em que a cada vez mais urgente crise climática, obriga a repensar a forma como vivemos, tendo em vista um modo de vida mais sustentável.

Contudo, não é só o tema da sustentabilidade que torna necessário rever a forma como pensamos os espaços que habitamos. Como vimos, desde o século XX, diversos fatores vêm provocando transformações estruturantes nas sociedades e no seu funcionamento, emergindo novos estilos de vida e modos de habitar, com novas necessidades que impõem um repensar dos espaços que habitamos face aos desafios que estas apresentam. Um fator em específico, que tem tido uma grande influência nestas transformações são os avanços tecnológicos exponenciais. Vivemos hoje num mundo hiper conectado por um espaço virtual que vence, em parte, os constrangimentos do mundo físico. Através dele, atividades de carácter público, que antes tomavam lugar no exterior, conquistaram lugar no seio do espaço doméstico, e desta forma a casa foi alterando o seu papel na vida do indivíduo. Esta já não é apenas um lugar de retiro, descanso e de cuidados, tornou-se num espaço de utilização mais intensa, onde a vida pública e a vida íntima do indivíduo confluem. Ao mesmo tempo, este espaço virtual, aproximou ainda mais os serviços que a cidade oferece, da casa, tornando-os autênticas extensões dela. À distância de poucos *clics*, uma refeição confecionada num restaurante, ou um artigo de alguma loja da cidade é nos entregue à porta de casa. Em suma, atividades domésticas encontram lugar na cidade e em sentido contrário, atividades públicas entram no seio da intimidade. A casa e a cidade, vêm-se fundindo numa "*paisagem doméstica interminável*" [133] que alberga a vida do indivíduo, onde a célula doméstica é apenas mais um espaço, o mais íntimo talvez, de uma casa que se espalha pela cidade.

---

[133] Puigjaner, Anna (2020). *Towards a Diffuse House*
Disponível em: https://www.e-flux.com/architecture/housing/333708/towards-a-diffuse-house/

Assim, a casa é cada vez menos um reduto autossuficiente e isolado do exterior, estando mais que nunca, conectada e dependente do território em que se insere, onde o indivíduo encontra espaços e serviços que a complementam, seja por economia de tempo, trabalho ou dinheiro. O *cohousing*, abraça este modo de vida da cidade e transpõe-no para o interior do edifício, oferecendo vários espaços e serviços partilhados, como complemento às células privadas. Para além do sentido de comunidade, potenciado pela relação entre as células, existem outras potencialidades nesta estratégia de pensar o edifício como um organismo que sustenta e apoia as várias células, nomeadamente o uso mais sustentável do próprio edifício, tanto ao nível económico como ambiental, já que propõe um uso mais eficiente dos espaços e serviços que se utilizam de forma mais pontual através de estratégias de consumo coletivo.

Este modo de pensar o edifício de habitação plurifamiliar, abre portas também a repensar a própria célula doméstica e as suas dinâmicas internas, já que rompe a sua estrutura convencional, ao deixar de ser um reduto compacto que acumula todas as funções da domesticidade e isolado da estrutura em que se insere, e assumindo uma postura mais aberta, na qual a célula tem de se associar aos espaços que lhe são exteriores. Esta condição permite à célula doméstica descomprometer-se de algumas funções cuja natureza impõem uma série de condicionantes técnicas e uma posição especifica. Reduzindo o espaço que ocupam, como pode ser o caso da cozinha, ou até mesmo exteriorizando por completo, como o espaço de tratamento da roupa, permite flexibilizar a organização da célula e dotá-la de mecanismos que a tornem mais adaptável aos diversos estilos de vida e modos de utilização do espaço doméstico, que marcam a sociedade atual. Essa flexibilidade e adaptabilidade, torna-se ainda mais relevante, face aos tempos de incerteza e instabilidade, e à mobilidade que estes impõem à população, fazendo da habitação, muitas vezes um espaço transitório, que tem de ser capaz de se reprogramar e readaptar às necessidades dos vários utilizadores que o vão ocupar ao longo do tempo.

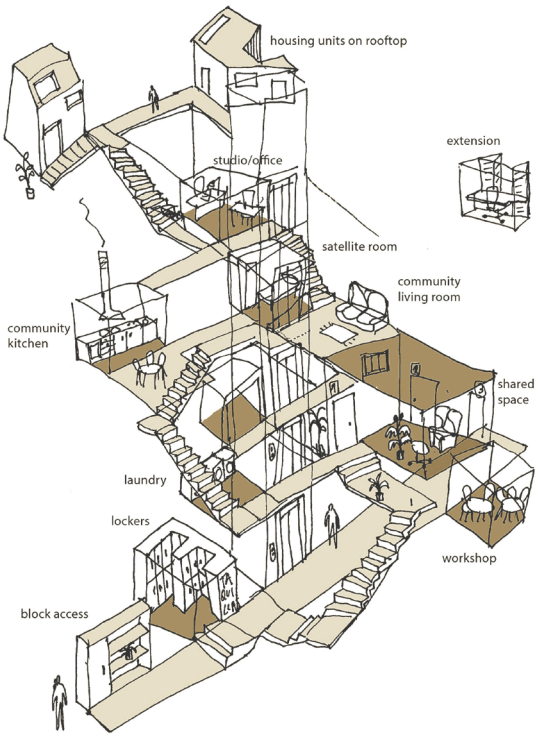
Assim, abordou-se a possibilidade de conceber a célula como um conjunto de espaços descomprometidos com qualquer função, que confere ao habitante a possibilidade de definir a sua utilização segundo as suas necessidades, podendo alterá-la consoante a evolução delas. Desta forma, o espaço doméstico assume uma posição mais neutral e aberta a diferentes tipos de ocupação.Outra estratégia abordada para a evolução do espaço doméstico, foi a habitação satélite. Partindo do princípio de que a vida doméstica não se limita apenas ao interior da célula, esta estratégia propõe uma evolução fora dela. Assim, trata-se de uma proposta para dotar a casa de um compartimento extra, adaptável às necessidades do habitante, que permite não só ampliar a área inicial da célula, como também as possibilidades de uso: a convivência de uma pessoa mais idosa, sem que esta perca a sua intimidade, a emancipação parcial de um filho, pode também ser uma solução para facilitar o trabalho em casa, sem que este interfira nas dinâmicas domésticas, ou simplesmente para um *hobby* que não se acomode facilmente em casa.

Pode-se então pensar numa casa composta por fragmentos, fragmentos de diversas naturezas dispersos pela cidade e pelo próprio edifício, em que a célula doméstica é apenas mais um desses fragmentos. Alguns de uso privado, outros de uso partilhado, associados – consoante a necessidade do indivíduo - geram o palco onde este desenrola a sua vida: uma casa fragmentada.

Esta ideia, de uma casa composta por fragmentos dispersos pelo espaço, pode ser também uma forma de enriquecer a experiência de habitar, já que a vida do habitante não se vê confinada ao interior da célula doméstica e pode-se dispersar pelos vários espaços do edifício. Gonçalo M. Tavares, fala de uma musculatura existencial, uma musculatura associada a hábitos, como a possibilidade de reduzir a existência humana ao conjunto de movimentos e deslocações do corpo pelo espaço: pelo percurso que o indivíduo percorre tem-se a revelação da sua existência:

> *"a vida que antes era um triangulo, pode passar a ser um quadrado (quatro pontos base), ou ainda se quisermos ampliar, se quisermos alargar as experiências do corpo, podemos pensar noutras formas geométricas, com múltiplos lados (caminhos), (...) No limite, alargar os movimentos e percursos é alargar a experiência"* [134]

Aplicando esta ideia à vida nos edifícios de habitação plurifamiliar, se cada ponto que nos fala o autor fosse um espaço habitável da casa, estender a utilização do edifício para além do interior da célula privada, para espaços dispersos pelo edifício, é criar novas ligações, alargar o sentido de casa, que se torna mais complexa, mais diversa, é acrescentar estímulos e relações, que se bem geridas enriquecerão a experiência do habitar.



81. A casa fragmentada

[134] Tavares, G. M. (2019), *Atlas do Corpo e da Imaginação: Teoria, Fragmentos e Imagens*. Lisboa, Relógio D'Água Editores, p 122.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA

Al Berto. (2013) *Diários*, Lisboa, Assírio & Alvim.

Ariès, P. and G. Duby (1991). *História da vida privada: Da Primeira Guerra Mundial aos nossos dias*. Porto, Edições Afrontamento.

Arís, C. M. (2000). *Las Formas de la residencia en la ciudad moderna*. Barcelona, Edicions de la Universitat Politècnica de Catalunya, SL.

Bachelard, G. (2014). *The Poetics of Space*. Nova Iorque, Penguin Books.

Bäckström, B. (2018). *Alteração das estruturas familiares*. Cadernos de Economia. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/324835252_Alteracao_das_estruturas_familiares

Baeza, Alberto Campo. (2005) *A tua casa, o teu museu, o teu mausoléu. A minha casa, nem museu, nem mausoléu*. Revista Arquitectura Ibérica 10, Casal de Cambra, Caleidoscópio.

Baudrillard, J. (1981). *A sociedade de consumo*. Lisboa, Edições 70.

Benevolo, L. (1998). *A cidade e o Arquitecto*. Lisboa, Edições 70.

Berger, J. (2018). *Modos de ver*. Lisboa, Antígona.

Corbusier, L. (1964). *When the Cathedrals Were White*. New York, McGraw-Hill Paperbacks.

Dias, M. G. (2006). *Manual das Cidades*. Lisboa, Relógio D'Água.

Echeverría, J. (1999). *Cosmopolitas domésticos*. Barcelona, Editorial Anagrama.

Eleb, M. and A.-M. Châtelet (1997). *Urbanité, sociabilité et intimité: des logements d'aujourd'hui*. Paris, Ed. de l'Épure.

Eleb, M. and Bendimérad, S. (2015) *Ensemble mais séparément, les lieux de la cohabitation*. Leroy Merlin Source, N.o 14, Paris : Leroy Merlin. Disponível em: http://leroymerlinsource.fr/wp-content/uploads/2016/05/UFH_1_Chantier_14_cohabitation_web_VD_0915.pdf

Esteves, A. J. (1991). *A família numa sociedade em mudança.* Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Fernandes, F. and M. Cannatà (2003). *Habitação Contemporânea, Formas de Habitar*. Porto, Edições ASA.

Galfetti, G. G. (1997). *Pisos piloto: células domésticas experimentales*. Barcelona, Gustavo Gili.

Hall, E. T. (1986). *A Dimensão Oculta*. Lisboa, Relógio d'Água Editores. Lda.

Harvey, D. (2008). *Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural*. São Paulo, Edições Loyola.

Hertzberger, H. (1991). *Lessons for Students in Architecture*. Rotterdam, 010 Publishers.
Lacol and L. C. Invisible (2020). *Habitar en comunidade: La vivienda cooperativa en cesión de uso*. Madrid, Los Libros de la Catarata.

Lleó, B. (1998). *Sueño de habitar* : pref. Beatriz Colomina. Barcelona, Caja de Arquitectos.

Llosa, M. V. (2012). *A Civilização do Espetáculo*. Lisboa, Quetzal Editores.

McCamant, K. and C. Durrett (1988). *Cohousing: A Contemporary Approach to Housing Ourselves*. Berkeley, California, Habitat Press.

Mumford, L. (2007), *História das utopias.* Lisboa, Antígona.

Montaner, J. M. and Z. Muxí (2014). *Arquitectura e Política: Ensaios para Mundos Alternativos*. Barcelona, Gustavo Gili.

Monteys, X. (2001). *Casa collage : un ensayo sobre la arquitectura de la casa.* Barcelona, Gustavo Gili.

Monteys, X. (2015). *La habitación: Más allá de la sala de estar*. Barcelona, Gustavo Gili.

Neves, V. M. C. (2018). *Casa e Trabalho*. Lisboa, Universidade Lusíada Editora.

Pallasmaa, J. (2016). *Habitar*. Barcelona, Gustavo Gili.

Paul-Henri and M.J. C. d. Lauwe. (1950). *A evolução contemporânea da Família: estruturas, funções, necessidades*. Disponível em: http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224165225Z5aRR5fx5Sc98EV6.pdf

Puigjaner, A. (2014). *Ciudad sin cocina : el Waldorf Astoria, apartamentos con servicios domésticos colectivos en Nueva York, 1871-1929*. Universitat Politècnica de Catalunya. Departament de Projectes Arquitectònics. Barcelona.

Puigjaner, A. (2020). *Towards a Diffuse House*. Disponível em: https://www.e-flux.com/architecture/housing/333708/towards-a-diffuse-house/

Ramalhete, F. and R. Carvalho (2013). *Habitar Pensar Investigar Fazer*. Lisboa, CEU.

Sabater, T. and R. Guasch (2018). *Novos Descritores, Novos Operadores Projetuais*. Porto, CEAU. Disponível em: https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/131881/2/440618.pdf

Santos, A. C. (2019). *A Nova Questão da Habitação em Portugal*. Lisboa, Conjuntura Actual Editora.

Sargent, L. T. (2010), *Utopianism: A Very Short Introduction*. New York, Oxford University Press Inc.

ScottHanson, C. and K. ScottHanson (2005). *The Cohousing Handbook*. Philadelphia, New Society.

Silvano, F. (2017). *Antropologia do Espaço*. Lisboa, Documenta.

Tavares, G. M. (2019), *Atlas do Corpo e da Imaginação: Teoria, Fragmentos e Imagens*. Lisboa, Relógio D'Água Editores.

Vestbro, D. U. (2000). *From Collective Housing to Cohousing - A Summary of Research*. Journal of Architectural and Planning Research Vol. 17, Nº2.

Vestbro, D. U. and L. Horelli (2012). *Design for Gender Equality: The History of Co-Housing Ideas and Realities*. Built Environment 38.

Wilmoth, John. (2014). *World's population increasingly urban with more than half living in urban areas*. UM DESA Newsletter. Disponível em: https://www.un.org/en/development/desa/news/population/world-urbanization-prospects-2014.html

DISSERTAÇÕES

Abreu, J. (2020). Cem Anos de Coabitação: cohousing como solução permanente. Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Ribeiro, M. B. (2012). Projectar para o presente e o futuro: Os conceitos de adaptabilidade e flexibilidade na habitação plurifamiliar. Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Vitorino, M. (2017). Cohousing: Estratégias de desenho e escalas do habitar em comum. Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

INTERNET

https://cohousing.ca/about-cohousing/history-of-cohousing/

http://leroymerlinsource.fr/wp-content/uploads/2015/02/poster_lieux_ cohabitation.pdf

https://pt.euronews.com/green/2021/11/03/alteracoes-climaticas-geram-refugiados-na-europa

https://www.architectsjournal.co.uk/buildings/sustainable-building-sustainable-living-la-borda-barcelona-by--lacol

https://www.archdaily.com/903384/kalkbreite-muller-sigrist-architekten

https://www.dinheirovivo.pt/economia/nacional/portugueses-ja-passam-mais-de-38-anos-de-vida-a-trabalhar-12695250.html

http://www.lacol.coop/projectes/la-balma/

http://www.kollektivhus.nu/pdf/colhisteng08.pdf

MULTIMÉDIA

Alves, F. (2021). A espantosa realidade das coisas. Ep. “O que trará a próxima década?”. TSF.

Pires, D. (2021). Estado Social - Todos por Todos. RTP.
Disponivel em: https://www.rtp.pt/play/p9602/e586949/estado-social

Viana, A. (2017). 2077 - 10 segundos para o futuro. RTP.
Disponivel em: https://www.rtp.pt/play/p4286/2077-10-segundos-para-o-futuro

ÍNDICE DE IMAGENS

1. https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/torre-de-babel-o-caminho-para-deus.phtml

2. https://arquiscopio.com/archivo/wp-content/uploads/2013/08/130807_Wright_Broadacre_PERS02.jpg

3. http://walkingthecityupolis.blogspot.com/2011/03/guest-post-archigrams-walking-city.html

4. https://www.guiding-architects.net/james-simon-gallery-david-chipperfield/

5. https://amolife.com/image/miscellaneous/a-lonely-house.html

6. https://www.eamesoffice.com/wp-content/uploads/2020/05/AW_CEt003-scaled.jpg

7. Monteys, X. (2001). Casa collage : un ensayo sobre la arquitectura de la casa. Barcelona, Gustavo Gili

8. https://www.archdaily.com/259325/films-architecture-my-uncle

9. https://en.wikiarquitectura.com/building/weissenhof-estate/

10. https://tabitha-whiting.medium.com/how-we-created-a-throwaway-society-3b31bd097533

11.https://www.theguardian.com/cities/2016/may/19/story-cities-46-buenos-aires-gated-community-nor-delta-flood

12. https://www.grupomcaetano.com/panorama-douro-residence.html

13. https://www.grupomcaetano.com/panorama-douro-residence.html

14. https://www.grupomcaetano.com/panorama-douro-residence.html

15.https://wearetechwomen.com/wp-content/uploads/2020/12/Diverse-group-of-stylish-people-standing--together.-Society-or-population-social-diversity.jpg

16. Galfetti, G. G. (1997). Pisos piloto: células domésticas experimentales. Barcelona, Gustavo Gili

17. http://www.habiter-autrement.org/04_co-housing/contributions-04/Lieux-de-cohabitation-France-2015.pdf

18. http://www.habiter-autrement.org/04_co-housing/contributions-04/Lieux-de-cohabitation-France-2015.pdf

19. https://www.bbc.com/culture/article/20171221-the-evolution-of-the-modern-living-room

20. https://www.maio-architects.com/project/the-grand-interior-2/

21. https://www.maio-architects.com/project/the-grand-interior-2/

22. http://www.isfdb.org/cgi-bin/pl.cgi?58646+c

23.https://www.feelguide.com/2014/10/06/that-stunning-video-game-from-the-movie-her-will-soon-be-a--reality-thanks-to-microsoft/

24. https://www.maio-architects.com/project/the-grand-interior-2/

25. Ariès, P. and G. Duby (1991). História da vida privada: Da Primeira Guerra Mundial aos nossos dias. Porto, Edições Afrontamento,

26. https://maximilianmogg.de/en/bright-spots-edward-hoppers-morning-sun-1952/

27.https://www.mid-day.com/lifestyle/culture/article/digital-nomadism-is-here-to-stay-say-remote-employees-exploring-the-terrain-23214773

28. https://www.saatchiart.com/art/Painting-Neighbours/1145338/4981820/view

29. https://www.askart.com/artist/Sandor_Bortnyik/11017983/Sandor_Bortnyik.aspx#

30.https://www.archdaily.com/783491/interview-with-james-wines-the-point-is-to-attack-architecture/56e02fdde58ece865a0000e4-interview-with-james-wines-the-point-is-to-attack-architecture-photo

31. Lacol and L. C. Invisible (2020). Habitar en comunidade: La vivienda cooperativa en cesión de uso. Madrid, Los Libros de la Catarata,

32. http://www.lacol.coop/projectes/laborda/

33. https://www.lacol.coop/projectes/proces-participacio-model/

34.https://pt.scribd.com/document/439863069/L1-Cohousing-a-contemporary-approach-to-housing-ourselves-pdf

35. https://newspitalfields.files.wordpress.com/2016/02/plan-of-trudeslund2.jpg

36. https://vandkunsten.com/projects/trudeslund-byggefaellesskab

37. https://www.arkitekturbilleder.dk/bygning/trudeslund/

38. https://www.jstor.org/stable/43030533

39. http://www.flipkrabbendam.nl/cat1.php?pid=77&p=&search=

40. http://arkitekturforskning.net/na/article/view/1056/996

41. http://www.kollektivhus.nu/pdf/colhisteng08.pdf

42. https://souslesjupesdelametropole.wordpress.com/2013/10/21/les-utopistes-du-xixe-et-xxe-siecle/

43. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Idée_d%27un_phalanstère.jpg

44. https://www.e-flux.com/architecture/housing/333708/towards-a-diffuse-house/

45. https://histoire-image.org/de/etudes/realiser-utopie-vie-quotidienne-familistere-godin

46. Vestbro, D. U. and L. Horelli (2012). Design for Gender Equality: The History of Co-Housing Ideas and Realities. Built Environment 38.

47. Vestbro, D. U. and L. Horelli (2012). Design for Gender Equality: The History of Co-Housing Ideas and Realities. Built Environment 38.

48.https://assets.isu.pub/document-structure/201030110134-350bde58a2cae77c627ca07cca14d1d9/v1/1344b9e7be5faba7fff88f0564c13593.jpg

49. Vestbro, D. U. and L. Horelli (2012). Design for Gender Equality: The History of Co-Housing Ideas and Realities. Built Environment 38.

50. https://www.maio-architects.com/project/the-grand-interior/

51. https://www.maio-architects.com/project/the-grand-interior-2/

52. https://i.pinimg.com/564x/c4/75/3d/c4753dcacbc5460a1c508ac25dd06c0a.jpg

53. https://world-habitat.org/world-habitat-awards/winners-and-finalists/la-borda/

54. http://www.lacol.coop/wp-content/uploads/2017/12/Lluc-Miralles-9.jpg

55. https://www.detail.de/en/de_en/genossenschaftsbau-la-balma-von-lacol-laboqueria

56. https://www.architectsjournal.co.uk/buildings/sustainable-building-sustainable-living-la-borda-barcelona-by-lacol

57. https://www.architectsjournal.co.uk/buildings/sustainable-building-sustainable-living-la-borda-barcelona-by-lacol

58. https://i.pinimg.com/originals/9c/fa/0d/9cfa0de21735d07034eed49f8691e6b1.jpg

59. https://www.archdaily.com/903384/kalkbreite-muller-sigrist-architekten/5bb8c895f197c-cd654000009-kalkbreite-muller-sigrist-architekten-photo?next_project=no

60. https://www.archdaily.com/903384/kalkbreite-muller-sigrist-architekten/5bb8c4c7f197c-cd654000001-kalkbreite-muller-sigrist-architekten-photo?next_project=no

61. https://i.pinimg.com/564x/8e/3e/4c/8e3e4c9579a8b83867958ee8ae7624a6.jpg

62. http://condicionstemporals.blogspot.com/2013/03/homes-for-senior-citizens-peter-zumthor.html

63. https://www.ahh.nl/index.php/nl/projecten2/14-woningbouw/135-studentenhuis-weesperstraat-amsterdam

64. https://www.ahh.nl/images/projecten/woningbouw/StuA/2.jpg

65. http://hiddenarchitecture.net/wp-content/uploads/2016/06/20160605_205916-1024x515.jpg

66. http://hiddenarchitecture.net/wp-content/uploads/2016/06/20160605_205932-1024x691.jpg

67. Revista Architectural Design, vol. 43 nº11, Londres, AD, 1973, p.704

68. https://www.yahoo.com/lifestyle/normal-refuse-eat-until-ve-170121127.html?guccounter=1

69. https://www.maio-architects.com/project/home-act-i-invisible-landscapes-at-the-royal-academy-of-arts/

70. https://www.maio-architects.com/project/40-social-housing/

71. https://www.maio-architects.com/project/40-social-housing/

72. https://saulsteinbergfoundation.org/chronology/1949-yr/

73. https://www.lacol.coop/projectes/laborda/

74. http://www.laborda.coop/wp-content/uploads/2016/08/arq-plantes.jpg

75. https://www.lacol.coop/projectes/la-balma/

76. https://www.maio-architects.com/project/110-rooms/

77. https://www.maio-architects.com/project/110-rooms/

78. https://www.lacol.coop/projectes/laborda/

79. https://i.pinimg.com/originals/c4/ca/07/c4ca0730acee7748186cdf0510c736a2.jpg

80. Monteys, X. (2001). Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa. Barcelona, Gustavo Gili, p 111.

81. https://www.archdaily.com.br/br/601604/primeiro-lugar-no-concurso-internacional-urban-revitalization-of-mass-housing-da-onu-habitat-valencia-espanha/53613d54c07a80d43c000149